

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E CULTURA

ANELISE BOAVENTURA PEREIRA

***MEDIAÇÃO DA LITERATURA:  
CONTAÇÃO DE HISTÓRIA PELO YOUTUBE***

Vacaria  
2023

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E CULTURA

ANELISE BOAVENTURA PEREIRA

MEDIAÇÃO DA LITERATURA: CONTAÇÃO DE HISTÓRIA PELO YOUTUBE

VACARIA

2023

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E CULTURA

ANELISE BOAVENTURA PEREIRA

MEDIAÇÃO DA LITERATURA: CONTAÇÃO DE HISTÓRIA PELO YOUTUBE

Dissertação de Mestrado apresentada à Banca de Pós-Graduação em Letras e Cultura da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Letras e Cultura. Linha de Pesquisa: Literatura e Processos Culturais. Orientadora: Professora Dra. Flávia Brocchetto Ramos. Coorientadora: Professora Dra. Caroline de Moraes.

VACARIA  
2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Universidade de Caxias do Sul  
Sistema de Bibliotecas UCS - Processamento Técnico

P436m Pereira, Anelise Boaventura

Mediação da literatura [recurso eletrônico] : contação de história pelo Youtube / Anelise Boaventura Pereira. – 2023.

Dados eletrônicos.

Dissertação(Mestrado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura, 2023.

Orientação: Flávia Brocchetto Ramos.

Coorientação: Caroline de Moraes.

Modo de acesso: World Wide Web

Disponível em: <https://repositorio.ucs.br>

1. Contadores de histórias. 2. Pandemias. 3. YouTube (Recurso eletrônico). I. Ramos, Flávia Brocchetto, orient. II. Moraes, Caroline de, coorient. III. Título.

CDU 2. ed.: 808.543

Catalogação na fonte elaborada pela(o) bibliotecária(o)  
Carolina Machado Quadros - CRB 10/2236

# MEDIAÇÃO DA LITERATURA: CONTAÇÃO DE HISTÓRIA PELO YOUTUBE

*Anelise Boaventura Pereira*

Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Letras e Cultura, Área de Concentração: Estudos de Linguagem, Literatura e Cultura. Linha de Pesquisa: Literatura e Processos Culturais.

Caxias do Sul, 17 de outubro de 2023.

## Banca Examinadora:

Dra. Flávia Brocchetto Ramos

Orientadora

Universidade de Caxias do Sul

Dra. Caroline de Moraes

Coorientadora

Instituto Federal Rio Grande do Sul – Campus Farroupilha

Dra. Cristina Löff Knapp

Universidade de Caxias do Sul

Dra. Ilsa do Carmo Vieira Goulart

Universidade Federal de Lavras

Dra. Rosemari Lorenz Martins

Universidade Feevale

## AGRADECIMENTOS

A Deus, em primeiro lugar, por ter me dado saúde e força para finalizar a dissertação.

À minha família, em especial, ao meu filho Mateus Henrique, por estar o tempo todo ao meu lado, sendo minha motivação diária para a construção das escritas.

À minha orientadora, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Flávia Brocchetto Ramos, por estar sempre comigo, me auxiliando e ajudando em minhas dificuldades durante o percurso. Considero-a um exemplo profissional e pessoal a ser seguido, por tamanha disponibilidade, dedicação, generosidade, excelência e comprometimento naquilo que se propõe a fazer.

À minha coorientadora, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Caroline de Moraes, por ter me apoiado a fazer o Mestrado e ter contribuído de forma tão significativa para a construção da pesquisa. Minha eterna admiração pelo compartilhamento de seus conhecimentos e de suas experiências.

Aos excelentes professores do Programa de Letras e Cultura: Carina Maria Melchiors Niederauer, Cristina Löff Knapp, Márcio Miranda Alves, Tânia Maris de Azevedo e Verônica Pilar Gomezjurado Zevallos.

Aos colegas do Programa de Letras e Cultura, pelos momentos de interação, pelo aprendizado e pela reflexão.

Aos amigos, pelo apoio e pelo incentivo durante todo o percurso.

À secretária do Programa de Letras e Cultura, Lisandra Boff de Andrade, por sua cordialidade e dedicação.

E a todos que, de forma direta ou indireta, contribuíram para a realização desta pesquisa.

## RESUMO

O modo como a contação de histórias acontece vai se modificando com o passar dos tempos. Mesmo que gestos e voz sejam veículos para narrar histórias, os modos e os meios de contar vão se alterando com a intenção de chegar também para aqueles que não estão próximos fisicamente do contador. Assim, eleger-se como problema da investigação o seguinte enunciado: como ocorre a mediação de leitura literária no Youtube? Diante disso, esta dissertação tem como objetivo geral investigar a contação de histórias em canais do Youtube de duas contadoras, a fim de contribuir para os estudos sobre a mediação cultural por meio da tecnologia. E, como objetivos específicos, discutir o conceito de mediação de leitura literária; descrever, a partir de entrevista episódica, informações sobre o percurso pessoal e profissional das contadoras; e analisar diferenças e semelhanças no modo como as contadoras apresentam as narrativas ao espectador. A fundamentação teórica desta pesquisa apoia-se em Hauser (1977), Petit (2019), Yunes e Oswald (2003), Zilberman (1991), Castrillón (2011), Neitzel e Ramos (2022), Goulart e Ferreira (2022) no que diz respeito à mediação de leitura literária; em Candido (2011), Benjamin (1987), Zilberman (2003, 2008), Ramos (2010), Ramos e Panozzo (2015) para tratar de literatura, narrativa e literatura para infância; e em Yunes (2012), Busatto (2012, 2013), Abramovich (2006) e Bajard (1994) para abordar contação de história. Quanto ao aspecto metodológico, este estudo ampara-se em Bauer e Gaskell (2002) e em Flick (2004, 2015). A pesquisa é de caráter qualitativo, com abordagem descritiva, e pauta-se em estudo bibliográfico e na realização de entrevista episódica como instrumento para a contextualização da atuação de duas contadoras de histórias, a saber: Milene Barazzetti e Rosane Castro. Além das entrevistas, cinco vídeos de contação de história de cada contadora, veiculados no Youtube, são descritos e analisados, considerando elementos como figurino, cenário, conexão com o espectador, atuação na contação, características da gravação entre outros aspectos. Como resultados, evidenciam-se particularidades acerca da formação continuada das contadoras de histórias e apontam-se singularidades sobre o modo como elas transmitem aos espectadores as histórias escolhidas.

**Palavras-chave:** Contadoras; contação de histórias; pandemia; tecnologia; Youtube.

## ABSTRACT

The way storytelling happens changes over time. Even though gestures and voice are vehicles for telling stories, the ways and means of telling are changing with the intention of reaching those who are not physically close to the teller. Therefore, the following statement is chosen as the research problem: how does literary reading mediation occur on YouTube? For this reason, this dissertation has the general objective of investigating the storytelling on YouTube channels by two storytellers, in order to contribute to studies on cultural mediation through technology. And, as specific objectives, discuss the concept of literary reading mediation; describe, based on episodic interviews, information about the personal and professional career of the tellers; and analyze differences and similarities in the way the tellers present the narratives to the viewer. The theoretical foundation of this research is based on Hauser (1977), Petit (2019), Yunes and Oswald (2003), Zilberman (1991), Castrillón (2011), Neitzel and Ramos (2022), Goulart and Ferreira (2022) in which concerns the mediation of literary reading; in Candido (2011), Benjamin (1987), Zilberman (2003, 2008), Ramos (2010), Ramos and Panozzo (2015) to deal with literature, narrative and literature for children; and in Yunes (2012), Busatto (2012, 2013), Abramovich (2006) and Bajard (1994) to address storytelling. Regarding the methodological aspect, this study is based on Bauer and Gaskell (2002) and Flick (2004, 2015). The research is qualitative in nature, with a descriptive approach, and is based on bibliographical study and episodic interviews as an instrument for contextualizing the work of two storytellers, namely: Milene Barazzetti and Rosane Castro. In addition to the interviews, five story-telling videos from each teller, broadcast on YouTube, are described and analyzed, considering elements such as costumes, scenery, connection with the viewer, performance in the telling, recording characteristics, among other aspects. As results, particularities are highlighted regarding the continued training of storytellers and singularities are pointed out about the way in which they tell the chosen stories to viewers.

**Keywords:** storytellers; storytelling; pandemic; technology; YouTube.



## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Etapas da entrevista episódica.....	53
Quadro 2: Roteiro de perguntas para as entrevistadas.....	54
Quadro 3: Categorias de análise das entrevistas.....	57
Quadro 4: Elementos analisados.....	72
Quadro 5: Vídeos selecionados da contadora Milene Barazzetti .....	74
Quadro 6: Vídeos selecionados da contadora Rosane Castro .....	99

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Vinheta do canal da contadora Milene Barazzetti.....	73
Figura 2: Abertura do canal da contadora Milene Barazzetti.....	74
Figura 3: Apresentação da capa da obra <i>Para que serve um livro?</i> .....	75
Figura 4: Abertura da obra <i>Para que serve um livro?</i> .....	76
Figura 5: Criação de um livro.....	76
Figura 6: Conexão com o espectador na contação <i>Para que serve um livro?</i> .....	77
Figura 7: Movimentos corporais na contação <i>Para que serve um livro?</i> .....	78
Figura 8: Gesticulações na contação <i>Para que serve um livro?</i> .....	78
Figura 9: Momento interativo na contação <i>O monstro das cores</i> .....	81
Figura 10: Utilização de fios de lã na contação <i>O monstro das cores</i> .....	81
Figura 11: Movimentação perante a câmera na contação <i>O monstro das cores</i> .....	82
Figura 12: Ação de atuação da contadora em <i>O monstro das cores</i> .....	82
Figura 13: Expressões faciais na contação <i>O monstro das cores</i> .....	83
Figura 14: Momentos de interação na contação <i>A princesa e a ervilha</i> .....	85
Figura 15: Atuação na contação <i>A princesa e a ervilha</i> .....	85
Figura 16: Posicionamento da contadora perante a câmera em <i>A princesa e a ervilha</i> .....	87
Figura 17: Apresentação da obra <i>A cesta de dona Maricota</i> .....	88
Figura 18: Mobilidade na contação <i>A cesta de dona Maricota</i> .....	89
Figura 19: Movimentos expressivos na contação <i>A cesta de dona Maricota</i> .....	89
Figura 20: Comentários do vídeo <i>A cesta de dona Maricota</i> .....	91
Figura 21: Momento reflexivo na contação <i>Caixinha de guardar o tempo</i> .....	92
Figura 22: Atuação de Milene na contação <i>Caixinha de guardar o tempo</i> .....	93
Figura 23: Movimentação da contadora perante a câmera na contação <i>Caixinha de guardar o tempo</i> .....	93
Figura 24: Expressões corporais na contação <i>Caixinha de guardar o tempo</i> .....	94
Figura 25: Detalhes do cenário na contação <i>Caixinha de guardar o tempo</i> .....	95
Figura 26: Abertura do canal da contadora Rosane Castro.....	99
Figura 27: Movimentos corporais na contação <i>A menina que colecionava estrelas</i> .....	101
Figura 28: Detalhes do figurino na contação <i>A menina que colecionava estrelas</i> .....	101
Figura 29: Movimentos das mãos na contação <i>A mulher árvore</i> .....	103

Figura 30: Expressões faciais na contação <i>A mulher árvore</i> .....	104
Figura 31: Imagem inicial do vídeo <i>A mulher árvore</i> .....	104
Figura 32: Aproximação da contadora perante a câmera em <i>A mulher árvore</i> .....	105
Figura 33: Comentários do vídeo <i>A mulher árvore</i> .....	106
Figura 34: Imagem inicial do vídeo <i>A aranha e o buraco da fechadura</i> .....	108
Figura 35: Momentos de descontração na contação <i>A aranha e o buraco da fechadura</i> .....	108
Figura 36: Momentos de risos na contação <i>A aranha e o buraco da fechadura</i> .....	109
Figura 37: Movimentos corporais na contação <i>A aranha e o buraco da fechadura</i> .....	109
Figura 38: Expressões faciais na contação <i>A aranha e o buraco da fechadura</i> .....	110
Figura 39: Detalhes da gravação na contação <i>A aranha e o buraco da fechadura</i> .....	111
Figura 40: Apresentação da contação <i>A ilha dos sentimentos</i> .....	112
Figura 41: Atuação na contação <i>A ilha dos sentimentos</i> .....	113
Figura 42: Expressões corporais na contação <i>A ilha dos sentimentos</i> .....	113
Figura 43: Detalhes do figurino na contação <i>A ilha dos sentimentos</i> .....	114
Figura 44: Detalhes da gravação da contação <i>A ilha dos sentimentos</i> .....	115
Figura 45: Vinheta do canal da contadora Rosane Castro com manchas coloridas.....	115
Figura 46: Escritas na tela da contação <i>A caixa de Pandora</i> .....	117
Figura 47: Expressões corporais na contação <i>A caixa de Pandora</i> .....	118
Figura 48: Vinheta inicial da contação <i>A caixa de Pandora</i> .....	119

## LISTA DE SIGLAS

AGEs	Associação Gaúcha de Escritores
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
IFRS	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
OLLI	Observatório de Leitura e Literatura
PROUNI	Programa universidade para todos
SESC	Serviço Social do Comércio
TCC	Trabalho de conclusão de curso

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
1.1 CONTEXTO ACADÊMICO: REVISÃO DE LITERATURA.....	16
1.2 TRAJETÓRIA DA PESQUISADORA .....	18
1.3 PERCURSO METODOLÓGICO .....	19
<b>2 MEDIAÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA .....</b>	<b>22</b>
2.1 MEDIAÇÃO CULTURAL.....	22
2.2 DAS ORIGENS DA LITERATURA À LITERATURA PARA AS INFÂNCIAS.....	30
<b>3 MEDIAÇÃO DE LITERATURA: CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS.....</b>	<b>40</b>
3.1 CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: ENTRE DIZER E CONTAR.....	40
3.2 CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NO RIO GRANDE DO SUL.....	48
3.3 CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO YOUTUBE.....	52
<b>4 MEDIAÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA NO YOUTUBE.....</b>	<b>72</b>
4.1 CANAL DA ESCRITORA E CONTADORA DE HISTÓRIAS MILENE BARAZZETTI.....	73
4.2 CANAL DA ESCRITORA E CONTADORA DE HISTÓRIAS ROSANE CASTRO.....	98
<b>5 CONCLUSÃO.....</b>	<b>123</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>128</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A literatura tem sido vista como atividade essencial para a integralidade do ser humano, ela age como elemento de formação no contato do leitor com o livro ou do leitor com o texto artístico oralizado. Também pode ser considerada uma forma eficaz e rica por meio da qual homens e mulheres leem o mundo e a si mesmos. Nelly Coelho (2000) explica que a literatura

[...] tem uma tarefa fundamental a cumprir nesta sociedade em transformação: a de servir como agente de formação seja no espontâneo convívio leitor/livro, seja no diálogo leitor/texto estimulado pela escola. E parece, já fora de qualquer dúvida, que nenhuma outra forma de ler o mundo dos homens é tão eficaz e rica quanto a que a literatura permite (Coelho, 2000, p. 15).

A autora sinaliza a relevância da literatura na sociedade que está em constantes mudanças, além de auxiliar os indivíduos em sua formação integral por intermédio do convívio e do diálogo entre leitor, livro e texto. Entende-se, aqui, livro como sendo um objeto, o qual o indivíduo irá escolher e manusear, ao passo que o texto é entendido como a troca entre aquilo que é lido e compreendido pelo leitor. A literatura permite eficácia e riqueza na construção de conhecimentos e no desenvolvimento de potencialidades cognitivas, sociais e emocionais na vida do ser humano. Nesse sentido, é possível chegar-se, por meio da leitura, a uma melhor consciência do mundo, com base nos benefícios que a literatura proporciona.

É recomendado que o contato com a literatura na vida humana aconteça o mais cedo possível, pois, assim, maior será a contribuição da arte no conhecimento de si próprio e também do outro. Sobre esse ponto, Vigotski (2009, p. 44) refere que “[...] a infância é considerada a época em que a fantasia é a mais desenvolvida. A criança observa o que acontece de maneira diferente da de um adulto, ela cria conexões para o universo da magia e vivencia diversas brincadeiras de faz de conta. Propiciar o contato da criança com a literatura pode favorecer momentos significativos de aprendizagens que se refletem no decorrer de seu amadurecimento.

Sobre esse viés acerca da fantasia, Vigotski (2009, p. 44) expõe ainda que “[...] a fantasia na idade infantil é exercida de modo mais rico e diversificado do que no homem maduro”. Nesse período, a criança está mais suscetível a experimentar a magia que os livros literários infantis e as contações de histórias lhe oferecem, permitindo que se identifique com personagens, recrie fatos imaginários e faça descobertas que podem contribuir para a formação da própria personalidade.

Pesquisa realizada recentemente, intitulada *Retratos de Leitura no Brasil* (Failla, 2021), enfatiza que o acesso ao campo literário está em um grau distante com relação às grandes potências mundiais. Esse aspecto reflete na quantidade de livros lidos por ano no país, pois observa-se que há certo afastamento dos brasileiros do costume de ler. A pesquisa exibiu pouco crescimento no percentual entre os anos de 2007 e 2019. De acordo com os dados levantados, em 2007, o índice de livros lidos no Brasil foi de 4,7%, diferenciando-se do índice de 2011, quando ocorreu uma diminuição para 4,0%. Nos anos de 2015 e 2019, os percentuais se mantiveram estáveis em 5,0%.

A pesquisa supracitada expôs resultados encontrados em todas as regiões do País: Norte, Nordeste, Sudeste, Sul e Centro-Oeste, sobre livros lidos compreendendo os anos de 2007, 2011, 2015 e 2019. Verificou-se que na região Sul o percentual foi de 5,5 no ano de 2007; 4,2 no ano de 2011; 4,4 no ano de 2015 e, em 2019, registrou 5,9. Com base nos números obtidos, a região Sul destacou-se por apresentar, na última edição da pesquisa, referente ao ano de 2019, o maior índice de livros lidos por ano, se comparada às demais regiões do Brasil. Entretanto, mesmo com a região Sul se sobressaindo, observa-se que os resultados não são os desejados para a formação cidadã e leitora dos brasileiros.

Eram esperados percentuais altos de acesso à leitura em todas as regiões, porém, a realidade exposta traz o contrário. Esse contexto é motivo de inquietação, uma vez que a leitura é uma habilidade primordial para o desenvolvimento intelectual, para a aquisição de conhecimento e para a vivência da fabulação. Podem-se citar motivos pelos quais os percentuais podem estar baixos, como a disponibilidade de outras formas de entretenimento e informação, falta de acesso a materiais de leitura, ausência de motivação ou tempo disponível entre outros fatores. Sendo assim, o aumento nos índices de leitura requer esforços coordenados em nível individual, familiar e social, além de exigir comprometimento e ações de diferentes partes da sociedade, para que possa haver avanços.

Salienta-se que o mundo enfrentou uma pandemia de SARS-CoV-2 com duração de aproximadamente dois anos (2020-2021). Durante o período em que se viveu em afastamento social, a sociedade criou e intensificou outros modos de acessar a literatura. Nesse contexto, a tecnologia favoreceu o acesso a narrativas por meio de contação de história em vídeos disponibilizados em plataformas na internet, tais como o Youtube. Essa plataforma permitiu ampliar possibilidades de aproximação com a literatura, estando disponível para qualquer interessado, além de propiciar não só a livre escolha do material a que se pretende assistir como também a hora de assistir e a quantidade de acessos.

Há indícios de que a prática de contação de história nasceu na Idade Antiga. As pessoas sentavam-se em torno de uma fogueira e ali compartilhavam vivências e experiências, histórias, mitos, lendas e fábulas. No decorrer da Idade Média, surgiu a figura do contador de histórias, o qual tinha valor e respeito da sociedade, era considerado como “[...] depositário das tradições da tribo, as quais ele deveria transmitir às novas gerações para serem conservadas e veneradas através dos tempos” (Tahan, 1966, p. 17).

Na Idade Moderna, por exemplo, no Trovadorismo português, a figura do trovador assumia uma postura enunciativa de modo a levar a palavra oral a grupos de ouvintes. Com relação à Idade Contemporânea, mudanças aconteceram e o contador de histórias já não faz mais transmissão apenas de suas vivências, mas também de histórias de outros autores de forma oral, impressa ou em espaços na internet.

A modalidade de contadores de história que utilizam experiências de diferentes autores, seja por transmissão oral ou impressa, é a realidade que cerca o leitor. Atualmente, a arte de narrar é influenciada por inúmeras técnicas, incluindo as encontradas em plataformas digitais, em especial o Youtube.

Como pesquisadora, verifico que o enfoque na contação de história justifica-se pelo fato de ser uma temática que atrai minha atenção pessoal, além de proporcionar possibilidades amplas de interações, que promovem a formação global da criança. A contação de história é vista como uma atividade que desenvolve a imaginação, cria uma ponte entre o percurso fictício e o real e possibilita experiências que transcendem os sentimentos e as emoções do leitor. Conforme Rodrigues (2005),

A contação de histórias é atividade própria de incentivo à imaginação e o trânsito entre o fictício e o real. Ao preparar uma história para ser contada, tomamos a experiência do narrador e de cada personagem como nossa e ampliamos nossa experiência vivencial por meio da narrativa do autor. Os fatos, as cenas e os contextos são do plano do imaginário, mas os sentimentos e as emoções transcendem a ficção e se materializam na vida real (Rodrigues, 2005, p. 4).

A autora considera a contação de história como um fazer que propicia a ludicidade e a passagem entre o fictício e o real. Ao contar uma história, a experiência pessoal é expandida, assim os sentimentos e as emoções transferem-se da ficção e podem se concretizar na vida real. Desse modo, a contação de histórias é uma atividade essencial, que transmite conhecimentos e valores, sendo sua atuação eficaz na formação humana.

Essa breve caracterização é o cenário para expor o tema da pesquisa *Mediação da Literatura: contação de história pelo Youtube*. Entende-se que o estudo é relevante por vários



aspectos, entre os quais se destacam: a literatura, de acordo com Coelho (2000), possui um papel primordial a cumprir na sociedade; já Vigotski (2009) defende que ter contato com a literatura a partir da infância propicia o desenvolvimento da ludicidade de forma privilegiada, refletindo na fase adulta. Ainda, na atualidade, a plataforma digital tem se tornado um meio de acesso ao universo da contação de histórias de forma rápida e facilitada, o que contribui para o aprimoramento de práticas leitoras engajadas especialmente em canais no Youtube. A partir da relevância do papel da literatura, principalmente na transmissão da contação de histórias, faz-se necessário um estudo científico que aprofunde o tema, já que não há um número expressivo de pesquisas sobre ele.

Portanto, a presente pesquisa tem como objetivo geral investigar a contação de histórias em canais no Youtube de duas contadoras, a fim de contribuir para os estudos sobre a mediação cultural por meio da tecnologia. Os objetivos específicos contemplam:

- 1) discutir o conceito de mediação de leitura literária;
- 2) apresentar, a partir de entrevista episódica, informações sobre o percurso pessoal e profissional das contadoras;
- 3) analisar diferenças e semelhanças no modo como as contadoras apresentam as narrativas escolhidas ao espectador.

O objeto de estudo é tratado com base em aporte teórico alinhado aos objetivos e ao método. O conceito de mediação é abordado a partir de estudos de Hauser (1977). A mediação cultural apoia-se em Petit (2019) e em Kupiec, Neitzel e Carvalho (2014). Com relação à mediação de leitura, respalda-se em Yunes e Oswald (2003), Zilberman (1991), Castrillón (2011) e em Neitzel e Ramos (2022). A concepção de literatura em tempos de pandemia, embasa-se em Goulart e Ferreira (2022). No que tange à literatura, fundamenta-se em Aristóteles (2008) e Candido (2011). No tocante à narrativa, alicerça-se em Benjamin (1987) e os conceitos de literatura para infância estão fundamentados com base em Zilberman (2003, 2008), Ramos (2010) e em Ramos e Panozzo (2015).

Em prosseguimento, aborda-se a contação de história entre dizer e contar fundamentada em Yunes (2012), Benjamin (1987), Busatto (2012, 2013), Abramovich (2006), Bajard (1994) e em Neitzel e Carvalho (2014). A respeito da contação de histórias no Rio Grande do Sul, a dissertação respalda-se em Cavalcanti (2002), Patrini (2005), Busatto (2012) e em Abramovich (2006). A contação de histórias no Youtube e a discussão das entrevistas realizadas com as contadoras Milene Barazzetti e Rosane Castro apoia-se em Flick (2004, 2015), Bauer e Gaskell (2002), Rocha (2010), Yunes (2012), Bettelheim (2009), Candido (2011), Busatto (2012), Petit

(2019) e em Zumthor (2007). Por fim, a dissertação apresenta dez vídeos de contação de história de duas contadoras que possuem canal próprio no Youtube.

A escolha dos vídeos nos canais do Youtube ancora-se em critério temporal, considerando a publicação entre os meses de fevereiro a julho de 2021 e pelo maior número de visualizações até a data de 14 de fevereiro de 2022. Dessa forma, os vídeos selecionados da contadora de história Milene Barazzetti foram os seguintes: *Para que serve um livro?* (Legeay, 2012); *O monstro das cores* (Llenas, 2012); *A princesa e a ervilha* (Andersen, 2010); *A cesta de dona Maricota* (Belinky, 1998); *Caixinha de guardar o tempo* (Roscoe, 2012). Com relação à contadora Rosane Castro, os cinco vídeos selecionados foram: *A menina que coleciona estrelas* (Caetano *apud* Castro, 2021c); *A mulher árvore* (Hérmendez *apud* Castro; Moura, 2021b); *A aranha e o buraco da fechadura* (Vinci *apud* Castro; Moura, 2021a); *A ilha dos sentimentos* (Câmara *apud* Castro, 2021b); *A caixa de Pandora* (Autor desconhecido *apud* Castro, 2021a).

Posto isso, destaca-se que a pesquisa se articula com os temas “mediação”, “literatura”, “contação de história” e “Youtube”, ao problematizar como ocorre a mediação de leitura literária no Youtube.

## 1.1 CONTEXTO ACADÊMICO: REVISÃO DE LITERATURA

Neste tópico, busca-se situar o estudo entre as pesquisas já existentes sobre o tema em pauta. Dessa forma, no mês de março de 2022, foi realizado levantamento no banco de dados Scielo. No mesmo mês, ampliou-se a pesquisa para a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e também para o Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

No banco de dados da Scielo, valendo-se do descritor “mediação da literatura” e com a aplicação do filtro 2019 a 2021, localizaram-se 22 resultados que não foram ao encontro do tema em pesquisa. Neste mesmo mês, com o uso do descritor “contação de história pelo Youtube”, com a mesma aplicação de filtro, nenhum resultado foi detectado. Ainda, em março, com o descritor “contação de histórias”, sem a utilização de filtros, identificaram-se 16 resultados, sendo que apenas um artigo de 2020, intitulado *A contação de histórias no Instagram como tecnologia leve em tempos pesados de pandemia* (Menezes *et al.*, 2020) revelou proximidade com o tema deste estudo.

Em pesquisa à BDTD, com o descritor “mediação da literatura” e com aplicação do filtro entre 2019 e 2021, localizaram-se 251 resultados, mas esses não foram ao encontro do tema proposto. Ademais, utilizando o descritor “contação de história”, com a mesma aplicação do filtro, fixaram-se 51 resultados que não se adequaram à pesquisa. Com relação ao tema em estudo, utilizando o descritor “contação de história no Youtube”, sem aplicação de filtro, nenhum resultado foi apontado.

Em sequência, foi realizada pesquisa no Portal de Periódicos da CAPES com o descritor “contação de histórias” e aplicação do filtro período de 2019 a 2021, obtiveram-se, assim, 194 resultados. A partir desse material, utilizou-se como critério analítico a leitura dos títulos das pesquisas, seguida pela leitura dos resumos e das palavras-chave.

Dos 194 estudos, apenas um artigo de 2020, intitulado *A contação de histórias no Instagram como tecnologia leve em tempos pesados de pandemia* (Menezes *et al.*, 2020), que consta também no banco de dados da Scielo, foi ao encontro do tema da pesquisa. Esse artigo analisou os benefícios da contação de história para a saúde mental no contexto da pandemia SARS-CoV-2 e abordou pesquisa-intervenção que situa a narrativa como recurso que proporciona bem-estar, empenhado em diminuir distâncias e gerar elos entre as pessoas por intermédio de vínculos e acolhimento. Dessa forma, foi construído um banco de histórias que passou a ser considerado um processo de curadoria, com postagens na plataforma Instagram. As histórias foram gravadas em áudio e vídeo, com conteúdo de memória, morte e práticas de mutualidade em cuidado. Os seguidores do perfil expressaram mensagens carinhosas aos contadores.

Ainda, utilizando o descritor “contação de história no Youtube” e aplicação do filtro 2018 a 2021, foram localizados 12 resultados, mas apenas um ensaio intitulado *De quantas formas posso contar uma mesma história? (Ou a experiência de criar um canal no Youtube)* (Hernandez, 2018) foi ao encontro do tema da pesquisa. O ensaio investigou os resultados da composição do canal “Histórias para criança”, no Youtube.

Nesse estudo, constatou-se que os contos clássicos universais, como “Os três porquinhos”, de Joseph Jacobs, e “Chapeuzinho Vermelho”, de Charles Perrault, são os preferidos do público infantil. Mediante tal constatação, buscou-se encontrar outros modos de contar a mesma história: por intermédio do uso de materiais como objetos, tecidos, percussão corporal entre outros.

Diante disso, identifica-se que Menezes *et al.* (2020) reconheceram a rede social Instagram como uma ferramenta para compartilhar vídeos de contação de história, com o intuito de engajamento com seus seguidores no período de pandemia. Hernandez (2018) tem em seu

estudo a centralidade no uso da plataforma do Youtube para contar narrativas de clássicos universais por meio de diferentes materiais. Tanto o artigo como o ensaio possuem em sua essência ligação entre literatura, contação de história e tecnologia, o que se relaciona com o estudo proposto.

Ademais, o tema desta dissertação vai ao encontro também de objetivos e metas do Grupo de Pesquisa Observatório de Leitura Literária (OLLI), cadastrado no CNPq, ao qual a presente pesquisa está afiliada. Além disso, trata-se, de certa forma, de continuidade de estudos desenvolvidos por Roger Andrei Castro Vasconcelos no mestrado (Vasconcelos, 2017), em sua dissertação *Contação de histórias na perspectiva de professoras contadoras: possibilidades de atuação*, e, no doutorado (Vasconcelos, 2023), em sua tese *A potência estética e humanizadora do contador de histórias*, pelo fato de serem temas que revelam proximidades. Por fim, em razão de não existir uma quantidade expressiva de pesquisas acerca de narrativas feitas em canais do Youtube por contadoras mulheres, acredita-se que a investigação seja relevante para o campo dos estudos literários.

## 1.2 TRAJETÓRIA DA PESQUISADORA

Cursar Mestrado em Letras e pesquisar aspectos sobre a contação de histórias é um propósito que vem sendo construído por mim ao longo do percurso acadêmico. A seguir, destaco alguns pontos de minha trajetória como docente e pesquisadora iniciante até a chegada ao Mestrado em Letras e Cultura na Universidade de Caxias do Sul (UCS).

Meu objetivo de estudo sempre esteve voltado à área da docência. Quando terminei o Ensino Fundamental, fui contemplada com uma bolsa de estudos para cursar Magistério em um colégio particular e também passei no processo seletivo para Magistério em um colégio público. Optei por fazê-lo na escola particular e concluí o 3º ano do Magistério em 2005.

Em 2006, iniciei o estágio do Magistério com duração de seis meses em uma turma de 3º ano do Ensino Fundamental. Nesse mesmo ano, fui agraciada com bolsa de estudos do Programa Universidade para Todos (PROUNI), iniciando a graduação no curso de Direito. Após finalizar a graduação em Direito, fui nomeada em concurso público para o cargo de Professora de Educação Infantil, no município de Vacaria. Aceitei a nomeação por ser um desejo pessoal e de minha família e pela estabilidade funcional.

Iniciei minha docência no ano de 2013 e sigo até hoje. Tenho o privilégio de já ter passado por todas as turmas que compõem a Educação Infantil: bebês (zero a 1 ano e 6 meses), crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses) e crianças pequenas (4 anos a 5

anos e 11 meses). Esses anos foram de grande aprendizado com as crianças, fazendo com que me identificasse com a docência e desenvolvendo ainda mais meu gosto por atividades pedagógicas voltadas à contação de histórias. Em meu planejamento e em a minha prática em sala de aula, procuro promover nas crianças o gosto pela literatura infantil, realizando atividades diversificadas com a utilização de recursos como: avental de histórias, varal de imagens, livros, fantoches, dramatizações entre outros.

Com o desejo de prosseguir nos estudos e a vontade de buscar novos conhecimentos, resolvi cursar a graduação em Letras. Ao chegar ao final dessa etapa, fiz meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) sobre escrita, leitura e compreensão. No último semestre da graduação em Letras, abriu edital para curso de Especialização em Docência na Educação Básica, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), *Campus Vacaria*, e, mesmo sem ter concluído a licenciatura, aceitei o desafio de conciliar graduação com pós-graduação.

Finalizei o último semestre de Letras e prossegui com os estudos da especialização, a qual foi afetada pela pandemia. Segui com as atribuições demandadas pelos componentes curriculares em conjunto com a escrita de meu Trabalho de Conclusão de Curso com o título “Contribuições da contação de histórias na Educação Infantil”.

Desejosa de intensificar saberes, minha orientadora do IFRS incentivou-me e me auxiliou na participação em alguns eventos como forma de preparação para Mestrado, com temas voltados à contação de história, como a Mostra Técnico Científica do IFRS; o III Encontro Regional de Linguística e Ensino de Língua Portuguesa e o Salão de Conhecimento do IFRS. Essas experiências acadêmicas foram primordiais para a proposta de investigação aqui desenvolvida.

### 1.3 PERCURSO METODOLÓGICO

Os procedimentos metodológicos desta dissertação seguem orientação da pesquisa qualitativa. Segundo Bauer e Gaskell (2002, p. 23), esse tipo de pesquisa “[...] evita números, lida com interpretações das realidades sociais e é considerada pesquisa *soft*. O protótipo mais conhecido é, provavelmente, a entrevista em profundidade”. A pesquisa qualitativa não se mensura estaticamente, mas objetiva interação livre, exploratória, baseada em conceitos que privilegiem informações de forma aprofundada, focando no ponto de vista das entrevistas.

Os dados - entrevistas e vídeos de contação de histórias veiculados no Youtube - foram tratados a partir do problema da investigação e do referencial teórico em que o estudo se apoia.

A dissertação está estruturada em torno da pesquisa-descritiva. A utilização das duas entrevistas ocorre na forma episódica com cada contadora, isso permite liberdade ao responder os questionamentos, tendo o objetivo de “[...] analisar o conhecimento cotidiano do entrevistado sobre um tema ou campo específico, de tal modo que nos permita comparar o conhecimento dos entrevistados de diferentes grupos sociais - isto é, como uma representação social” (Bauer; Gaskell, 2002, p. 118).

A análise das entrevistas seguiu orientação dada por Flick (2004), que especifica pontos como: 1) descrição do tema da entrevista; 2) descrição do entrevistado; e 3) tópicos centrais citados pelo entrevistado. A análise dos vídeos de contação de história, por sua vez, foi realizada a partir de 1) contextualização do vídeo; 2) descrição do vídeo; e 3) tópicos centrais tratados no documento e tópicos que emergem em cada situação de contação.

A dissertação está organizada em cinco capítulos. O capítulo de introdução, além do tema da pesquisa, apresenta: justificativa, relevância, problema, objetivos (geral e específicos), breve explanação do método e plano da dissertação. Nesse tópico inicial, expõe-se a revisão da literatura, situando a investigação no contexto acadêmico, a trajetória profissional (motivações) da pesquisadora e a metodologia abordada.

Intitulado *Mediação de leitura literária*, o capítulo 2 traz o referencial teórico que ampara a pesquisa. Primeiramente, apresentam-se as definições de mediação, mediação cultural, mediação de leitura e literatura em tempos de pandemia. A seguir, destacam-se aspectos relevantes quanto à literatura, narrativa e literatura para a infância.

No capítulo 3, *Mediação de literatura: contação de história*, aborda-se a contação de histórias (entre dizer e contar), a contação de histórias no Rio Grande do Sul e a contação de história no Youtube, contendo a discussão das entrevistas realizadas com Milene Barazzetti e Rosane Castro. O capítulo está estruturado a partir da entrevista episódica e da contação de histórias no Youtube, com base na experiência das contadoras.

*Mediação de leitura literária no Youtube*, capítulo 4, apresenta vídeos das contadoras de histórias Milene Barazzetti e Rosane Castro, abordando a posição dos interlocutores no canal e investigando como ocorre a mediação de leitura literária das contadoras. No quinto e último capítulo, “Conclusão”, destacam-se a resposta ao problema de pesquisa, a discussão de cada um dos objetivos propostos e a identificação de observações e pontos relevantes registrados por intermédio do presente estudo.

Em resumo, para cercar o tema de estudo, a pesquisa possui duas etapas fundamentais de desenvolvimento: (1) entrevista e (2) análise de vídeos de contação de histórias. Diante do exposto, configura-se aqui um estudo que procura discutir a forma como ocorre a mediação de

leitura literária no Youtube, investiga a contação de história por meio da tecnologia, observa as informações fornecidas na entrevista episódica, analisa diferenças e semelhanças entre as contadoras acerca das narrativas apresentadas e debate os conceitos acerca dos diferentes tipos de mediação de leitura literária.

## 2 MEDIAÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA

Este capítulo apresenta os conceitos de mediação, mediação cultural e mediação de leitura e ainda discute o de literatura. Para sustentar tais reflexões, buscam-se subsídios, em especial, em Arnold Hauser (1977), Michèle Petit (2019), Eliana Yunes e Maria Luiza Oswald (2003), Regina Zilberman (1991), Silvia Castrillón (2011), Adair Neitzel e Flávia Ramos (2022) e Ilsa Goulart e Sarah Ferreira (2022). Para tratar do conceito de literatura, aproximam-se posições de Aristóteles (2008) e Antonio Candido (2011). No que tange à narrativa, a revisão fundamenta-se em Walter Benjamin (1987) e, na sequência, chega-se à concepção de literatura infantil, com apoio em estudos de Regina Zilberman (2003, 2008), Flávia Ramos (2010) e Flávia Ramos e Neiva Panozzo (2015).

### 2.1 MEDIAÇÃO CULTURAL

Mediação é um conceito complexo para se tratar, visto que vai além de seu significado estrito, pois se refere a uma ação que interliga dois pontos. Mediar, no sentido literal, representa estar entre dois patamares: entre a arte e o fruidor, no caso, entre o livro literário e o leitor. Conforme Hauser (1977, p. 591), a ação de mediação contempla “[...] toda pessoa ou instituição que se interpõe entre a obra e a experiência artística do destinatário [...]”. Essa interposição, sendo usada de forma adequada, torna a mediação um instrumento eficaz, conduzindo à aproximação entre as partes envolvidas.

Do ponto de vista da cronologia, “[...] foram as academias e exposições, a crítica de salão e o mercado livre de arte que se manifestaram pela primeira vez e principalmente como instituições de mediação entre as diferentes camadas sociais, chegando no mesmo momento histórico à influência artística” (Hauser, 1977, p. 625). A mediação e a influência artística iniciaram seu percurso no mesmo período, ambas atingiram variadas classes da sociedade e contribuíram para o desenvolvimento da arte.

O autor enfatiza que “[...] em geral, a importância das instâncias mediadoras aumenta com a qualidade superior dos trabalhos e com o nível de escolaridade decrescente dos receptores” (Hauser, 1977, p. 593). Dessa forma, a mediação adapta-se ao que está sendo exigido para determinada situação e também com o grau de aprendizagem dos destinatários. Todo esse cuidado é primordial no momento da prática, pois pode contribuir para o alcance de resultados favoráveis.



Além de mediação, o autor supracitado aborda a importância da figura do mediador ao afirmar que “[...] quanto mais abrupta a virada de uma direção artística para outra e quanto mais moderna for a linguagem formal do movimento atual, mais importante é a função do mediador entre autor e público [...]” (Hauser, 1977, p. 552). Cabe ressaltar que o mediador precisa estar preparado para as diferentes variações de mediações e de linguagens que porventura possam ocorrer, porque é a partir dele que o desenvolvimento de habilidades leitoras no respectivo público é aguçado. No âmbito desta dissertação, a figura do contador de histórias é tratada como um mediador da leitura literária.

Referente à mediação cultural, a expressão surge na contemporaneidade como produção teórica e metodológica inscrita em um cenário que identifica divergências e prevê a necessidade de relações que propiciem diálogos essenciais à criação de ordens culturais mais diversificadas. A mediação cultural é analisada como processo que visa a promover a aproximação entre o público e os objetivos culturais, abrindo espaços para a apropriação de novos saberes e significados.

Michèle Petit (2019), antropóloga e pesquisadora, argumenta que a transmissão cultural<sup>1</sup> e, em especial, a leitura, oferece possibilidades de ampliar e aprofundar a existência nesse mundo. Considera, ainda, a leitura como um modo ativo de melhorar a relação com a vida, permitindo evoluções. Dessa forma, Petit (2019) expõe:

[...] exatamente disso que se trata a transmissão cultural e, mais particularmente, a leitura: construir um mundo habitável, humano, poder encontrar ali o seu lugar e locomover-se; celebrar a vida no cotidiano, oferecer as coisas poeticamente; inspirar as narrativas que cada pessoa fará de sua própria vida; alimentar o pensamento, formar o ‘coração inteligente’ [...] (Petit, 2019, p. 23).

Com base em Petit (2019), observa-se a amplitude que a transmissão cultural contempla. Pode proporcionar ao indivíduo reconhecer-se em um lugar no mundo para que possa viver melhor, a fim de desenvolver um espírito de humanidade. Dessa forma, a mediação celebra o que acontece na vida e alimenta reflexões, ideias e pensamentos com vibrações positivas para se apropriar de um coração inteligente (órgão central do sistema circulatório que carrega todo o simbolismo do amor e da compaixão).

A mediação cultural pode estar presente em distintos ambientes, fazendo parte do cotidiano das pessoas, como: nas bibliotecas, nas galerias de arte, nos lugares históricos, nos parques e em uma série de outros centros culturais; assim como em diferentes estratégias, como: palestras, folhetos, peças teatrais e concertos. Por intermédio da mediação cultural,

---

<sup>1</sup> Michèle Petit usa a expressão *transmissão cultural* para tratar de mediação cultural.

desenvolvem-se práticas as quais expandem a percepção de entendimento em assuntos sobre o mundo e a cultura, o que favorece a apropriação de novos saberes, experiências e significações.

Em sua obra, Petit (2019) partilha testemunhos de transmissão cultural de muitos indivíduos com quem trabalhou, de exposições de lugares de conflito que viu, de miséria e de outras vivências orais, familiares e comunitárias que teve. Um exemplo de partilha é a que ocorreu no museu de arqueologia e antropologia no México, quando a pesquisadora seguiu uma senhora que ia de uma sala para outra com uma criança, convidando-a para observar os detalhes de cada vitrine pela qual passavam e, com o uso de frases simples, expressava o que estava sendo visto, vivenciando, dessa forma, um momento carregado de valores culturais (Petit, 2019).

A transmissão cultural inicia-se na infância, momento em que, segundo a antropóloga, “[...] os pais e outros transmissores culturais apresentam o mundo às crianças com a ajuda de contos, canções, histórias, imagens de livros, lendas familiares e lembranças” (Petit, 2019, p. 24). O contato inicial com a mediação cultural ocorre a partir da infância, sendo feita por transmissores, que propiciam à criança o acesso ao universo literário e também à abertura de possibilidades para novos conhecimentos.

Nesse mesmo viés, a pesquisadora salienta que “[...] os mediadores culturais – professores, escritores, artistas, cientistas, bibliotecários, promotores de leitura, psicólogos... – permitem, assim, uma nova travessia com esses momentos nos quais, passo a passo, se constrói um mundo habitável” (Petit, 2019, p. 34). Ou seja, os transmissores e os mediadores culturais são capazes de produzir ações e interações na construção de uma nova perspectiva de mundo na vida do leitor.

A transmissão cultural está presente nas famílias de diversos modos e com diferentes composições, inclusive, quando os pais utilizam histórias de vida para contar aos filhos e descendentes. Aí tem-se a possibilidade de criar movimentos, letras de música e até mesmo narrativas com toque poético, assim transformando hábitos cotidianos em momentos significativos. Em outras situações, acontece o contrário, a transmissão cultural é comprometida por uma série de fatores, em especial, quando existem muitos afazeres na condição de sobrevivência, momento em que o trabalho domina todo o tempo ou ainda quando a mãe está abatida pela exaustão do dia a dia (Petit, 2019).

Esse contexto de diversidade em que as famílias transitam é a realidade da contemporaneidade, ou seja, assim como alguns indivíduos têm acesso à mediação cultural, outros não o têm, isso por uma série de obstáculos acabam dificultando a formação de novos leitores. Sabe-se que existem lacunas no percurso e que se precisa de tempo e de oportunidade

para o contato com o campo literário. Muitas pessoas vivem uma rotina com problemáticas que prejudicam não somente a saúde física, mas também a saúde mental, tornando-as carentes emocionalmente.

Dessa forma, essas pessoas necessitam de cuidados, os quais podem ser encontrados no encantamento, na interpretação, na ideia e nas representações figuradas que a transmissão cultural possibilita. A partir dessa linha de pensamento, Petit (2019, p. 36) reforça que “[...] obras nutrem os sonhos, os pensamentos, os desejos, as conversas sobre a vida [...]”. As obras permitem sonhar, pensar, desejar e interagir com assuntos que acontecem no dia a dia e que alimentam o imaginário do ser humano em qualquer etapa da vida.

Por causa da importância da arte narrativa na constituição do humano, a mediação cultural torna-se imperiosa, pois contribui para a compreensão e a comunicação de forma livre e autônoma, garantindo a construção de interpretações e a expansão de novas definições, a partir do encontro da arte com o público. Dessa forma, a mediação cultural

[...] pode ser exercida como fonte de liberdade e de autonomia por meio do encontro e do diálogo entre a arte e o público. É na relação com a obra e com o contexto que a pessoa elabora sentidos, e, por meio do que foi sugerido e possibilitado na relação com a obra, amplia suas significações de mundo (Kupiec; Neitzel; Carvalho, 2014, p. 170).

Portanto, a mediação cultural mostra-se como um modo de apresentar o mundo para a sociedade, possibilitando a ampliação da leitura e da percepção do mundo e da cultura. Por meio de diferentes práticas, como, momento do conto, oficinas, exposições, feira do livro entre outros, pode ocorrer a mediação cultural para determinado público-alvo, criando uma relação que possibilita compreensão e diálogo daquilo que está sendo analisado. Com base no exposto, reitera-se que o contador de histórias pode atuar como um mediador cultural na contemporaneidade em situações diversas, contribuindo para o fomento da literatura.

Zilberman (1991) elenca alguns fatores que causam o baixo nível de leitura no Brasil por parte da população. A realidade apresentada pela autora condiz com o contexto de quando a obra foi publicada, sendo mais acentuadas tais adversidades.

No Brasil, o nível de [...] leitura – por parte da população sempre foi baixo. A elevada taxa de analfabetismo, o reduzido poder aquisitivo, a ausência de uma política cultural contínua e eficiente, a influência cada vez maior dos meios audiovisuais de comunicação de massa – eis alguns dos fatores relacionados ao problema, tornando-o mais agudo (Zilberman, 1991, p. 9).

Os fatores especificados por Zilberman (1991), na década de 1990, com relação aos indivíduos que não sabiam ler e escrever; a classe social com baixos recursos financeiros; a inexistência de propostas efetivas na esfera da cultura e a influência dos veículos de notícias, de informações e de entretenimento são apenas alguns exemplos que dificultaram o processo de desenvolvimento da leitura no Brasil, desencadeando outros problemas sociais e culturais. Na contemporaneidade, ainda existem alguns desses fatores elencados por Zilberman (1991) e, além disso, a taxa de analfabetismo funcional (aquele indivíduo que apresenta incapacidade para compreender textos e operações matemáticas) persiste. Os estudos apontam índices preocupantes, pois houve uma queda na taxa de leitores entre 2015 e 2019, conforme a pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* (Failla, 2021).

À vista da realidade vivenciada, Zilberman (1991, p. 9) destaca “[...] que o campo da leitura se apresenta, simultânea e surpreendentemente, não ocupado e já devastado”. Entende-se que a leitura é uma prática que acontece de forma conjunta entre o indivíduo e o objeto a ser lido, mas, espantosamente, encontra-se em patamar vazio e danificado. Há falta de leitores para dominar as experiências de leitura e, por conseguinte, ocorre a desvalorização da leitura como instrumento de crescimento pessoal e profissional.

Sobre essa perspectiva, a pesquisadora colombiana Castrillón (2011, p. 18) retrata que “[...] na realidade, o problema da leitura só pode ser ‘encarado e resolvido’ por meio de mudanças voltadas a uma mais justa e igualitária distribuição da riqueza”. Essa realidade reflete-se na desigualdade financeira presente nas classes sociais em que uma quantidade significativa de pessoas possui poder aquisitivo baixo e uma quantidade reduzida possui renda financeira alta. E, por conseguinte, tal realidade impacta no acesso à leitura, pois o custo do livro pode restringir o acesso de classes menos favorecidas economicamente a esse produto cultural.

Salienta-se que tanto Zilberman (1991), no Brasil, quanto Castrillón (2011), na Colômbia, mostram problemáticas que dificultam o desenvolvimento da leitura ao longo dos anos. Nesse ponto, emerge a preocupação das autoras, servindo de reflexão para buscar alternativas que propiciem acessos de leitura com qualidade.

A mediação de leitura vem, então, viabilizar a socialização do ato ou da experiência de ler. Significa transmitir algo da esfera do privado para um universo narrativo diferente, promovendo uma viagem individual que estimula os participantes a interagirem de forma espontânea durante o percurso da leitura.

Ora, considera-se mediação de leitura uma experiência a qual envolve o encontro entre o leitor, o mediador e a obra. Ela atua como instrumento de reaproximação com a vida, abre novos caminhos pelo simbólico e permite ao leitor a interação com aquilo que está proposto na

escrita, além de uma modernização na ótica da realidade histórica de sua experiência, atribuindo-lhe vivências. Yunes e Oswald (2003) argumentam textualmente que

A leitura [...] passou, paradoxalmente, a ser um precioso instrumento de reaproximação à vida, pelo qual o deslocamento de horizonte provocado pelo texto, pela interação que mobiliza o sujeito do desejo, ressitua o leitor e faz com que ele possa atualizar o texto no ângulo da sua historicidade, da sua experiência, dando-lhe também vida nova (Yunes; Oswald, 2003, p. 11).

A leitura oportuniza ao leitor várias vivências, interações, possibilidades de entendimento e compreensão sob o ponto de vista da realidade histórica e da experiência dentro de um único texto, propiciando, dessa forma, uma nova concepção de pensamento. Além disso, a leitura favorece o desenvolvimento das mais variadas habilidades, como: a imaginação, as funções cognitivas, o vocabulário, o senso crítico, a escrita e a reflexão. Estudos neurocognitivos apontam efeitos que ocorrem no sistema cerebral quando se ouve e se lê:

A consideração de que a leitura altera o leitor não é intuitiva ou de natureza especulativa: os estudos neurocognitivos mais avançados podem registrar os efeitos do que ouvimos e lemos em nosso córtex cerebral, indicando as energias neuronais mobilizadas e suas redes eletroquímicas a distribuir as reações para os órgãos terminais (Yunes; Oswald, 2003, p. 13).

Esse entendimento, que considera os efeitos favoráveis da leitura no cérebro do ser humano, permitindo que as energias neuronais e as redes eletroquímicas distribuam reações para os órgãos terminais, é de relevância para a Ciência e para a vida do ser humano. Quando se lê, diversas ligações no cérebro permitem o desenvolvimento do raciocínio e a busca pela dimensão estética.

Ademais, de acordo com Yunes e Oswald (2003, p. 14) “[...] as leituras não se dão apenas na interação com a palavra escrita, mas também em momentos, imagens e outros grafemas que os sentidos atentos percebem, atribuindo-lhes *sentido* [...]”. A leitura não corresponde somente à palavra escrita, pois, ao observar uma imagem, por exemplo, tem-se a possibilidade de ler aquilo que está sendo visto apenas com o aspecto da visualidade, sem nenhum uso da palavra verbal.

A leitura é uma atividade presente na rotina do leitor, como enfatizam Yunes e Oswald (2003, p. 42), trata-se de “[...] uma prática obrigatória para todas as coisas que fazemos: a cada pessoa que encontramos, é preciso empreender uma aprendizagem, pois estamos diante de um *texto* novo, desconhecido”. Assim, observa-se que, desde a prática de qualquer atividade realizada no cotidiano até o contato com pessoas, a leitura se faz presente, pois tem-se o

reconhecimento de uma experiência diferente e, conseqüentemente, a aquisição de novos saberes.

Regina Zilberman (1991, p. 34) afirma que “[...] a prática da leitura se difunde enquanto hábito e necessidade em decorrência também de outros fatores, a maior parte de ordem social”. Ao mesmo tempo em que a leitura se tornar costume, ela é uma necessidade social, uma vez que é por meio da leitura que o indivíduo adquire entendimento, expande potencialidades, amplia conhecimentos, aguça a reflexão, aprimora o vocabulário e a escrita e aprofunda o senso crítico sobre assuntos variados, primordiais para o crescimento e o desenvolvimento social.

A mediação de leitura, em suma, é um processo que ocorre quando um mediador apresenta ao leitor um material de leitura, despertando nele o desejo de ler, isto é, trata-se de uma espécie de ponte que serve para ambientar práticas leitoras. O conceito de mediação de leitura pode ser associado ao de literatura para crianças nos tempos de pandemia (2020-2021), visto que, nesse período de afastamento social, utilizou-se a mediação de leitura para transmitir a literatura para crianças por intermédio de telas de aparelhos digitais.

A prática de mediação de leitura foi significativamente afetada no período da pandemia, já que muitas atividades presenciais foram suspensas. No entanto, a adaptação da mediação de leitura mostrou-se uma alternativa válida para manter o leitor em contato com o universo literário, mesmo em um contexto de restrições e de distanciamento social. E, dessa forma, diversas iniciativas foram desenvolvidas por intermédio do uso de tecnologias digitais, intensificando o acesso do leitor às contações de histórias.

Observou-se que, durante a pandemia, a tecnologia desempenhou papel crucial na mediação de leitura ao permitir que as narrativas continuassem a ser contadas mesmo diante das restrições. Os contadores valeram-se de variações na fala, na gesticulação, no figurino, no cenário e na qualidade da gravação, contribuindo para uma quantidade significativa de visualizações em seus canais. E, mesmo com o término do período pandêmico, as mediações para o público infantil continuam a ser apresentadas pelas tecnologias, conquistando seu lugar no universo literário.

Ainda, a literatura, por se valer de uma linguagem não usual, precisa de mediação. Ramos (2010, p. 25) alerta que “o texto artístico é cifrado” e que há pessoas não conseguem “[...] ler literatura, porque acham o texto muito exigente, difícil e a leitura demorada”. A ação mediadora possibilita a aproximação entre o mediador, a obra literária e a criança, criando possibilidades de exploração, questionamento, aprendizado e uma viagem ao universo do encantamento. Tornam-se valorosos e enriquecedores os momentos de mediação de leitura,

mesmo sendo visualizados por intermédio de uma tela, pois a criança consegue absorver a mensagem a ser transmitida, compreendendo e internalizando o significado.

A leitura de uma obra literária é compreendida como sendo objeto estético e artístico. Diante disso, as autoras Neitzel e Ramos (2022) explicam a diferenciação entre essas duas proposições da seguinte forma:

Entendemos que uma experiência com a leitura é estética quando provoca os sentidos (lembrando que estética vem do grego *aisthesis*) e requer de nós não apenas a interpretação dos signos linguísticos pela razão, mas também pela emoção, pela intuição, pela sensibilidade. A leitura do literário é uma experiência artística tendo em vista que a literatura é arte e, como tal, é um produto humano. Fazer uma experiência com o literário exige, portanto, compreender a literatura como objeto artístico e estético (Neitzel; Ramos, 2022, p. 25).

Em outras palavras, a leitura estética refere-se à capacidade perceptiva sensorial e à análise do encanto e da emoção que uma obra pode proporcionar. Dessa forma, a literatura faz uso da linguagem escrita para criar imagens, barulhos, ritmos e formas que estimulam as mais variadas sensibilidades no leitor. E, no que tange ao artístico, pelo fato de a leitura ser um produto intencional humano, pode ser considerada uma arte.

Nesse viés, surge a indagação de como fazer a mediação de leitura, preservando a função estética e artística. Neitzel e Ramos (2022, p. 33) argumentam que “[...] é preciso que o leitor se debruce sobre a obra e não tenha pressa de relacionar-se com ela, para que o projeto estético da obra alcance seu fim último, que é afetar o leitor e levá-lo a colocar perguntas sobre o texto”. A contação de histórias possibilita que a obra chegue ao leitor pelo corpo do contador, mas a experiência estética tende a ser distinta da vivenciada com a leitura do livro físico. Todavia, os modos de contar vão se valendo das possibilidades do tempo presente.

Com a chegada da pandemia, verificou-se que houve um aumento significativo na utilização das tecnologias e isso fez com que algumas pessoas mudassem rotinas agitadas, sobrando tempo para executar as mais variadas atividades em casa. Nesse período de emoções e incertezas, surgiu a oportunidade para a literatura, abrindo caminho para a modificação de hábitos, já que, através do acesso pelos meios digitais, foi possível se sentir livre com a leitura, mesmo estando em isolamento social. Conforme Goulart e Ferreira (2022, p. 22), “[...] as práticas oportunizadas por intermédio da literatura infantil são imprescindíveis para o processo de compreensão leitora, haja vista que, durante o momento atípico vivenciado no ano de 2020, devido a pandemia do COVID-19, as relações pelos meios digitais se intensificaram [...]”.

A literatura tornou-se, então, um instrumento de apoio para muitos que a descobriram no período da pandemia. Nesse momento, a criança estava distante da instituição de ensino, da



convivência física com parentes e amigos, além de estar impedida de interagir com brincadeiras que exigissem o contato físico, carecendo de atividades enriquecedoras.

Ademais, a literatura de certa forma possibilitou alívio durante o distanciamento social por ser capaz de cativar, de encorajar e de enfrentar as dificuldades com otimismo e esperança. Ao visualizar uma contação de história mediada pelo contador na plataforma do Youtube, por exemplo, fez-se uso de um enredo que pode ser considerado um recurso terapêutico, tendo a oportunidade para se posicionar, de construir novos saberes, de relacionar a ficção com a realidade e de desfrutar momentos inesquecíveis de aprendizado e ainda absorver possibilidades de enfrentamento das adversidades.

Este tópico abrangeu a conceituação de mediação, de mediação cultural e de mediação de leitura. Ademais, discutiu-se aqui o conceito de mediação de leitura associado à literatura para crianças em tempos de pandemia, o porquê de a literatura precisar de mediação e, por fim, a chegada da literatura em tempos de pandemia. A partir do exposto, entende-se a relevância de se fazerem presentes as práticas de mediação na rotina das pessoas, bem como da participação primordial da literatura em um momento tão delicado que o mundo enfrentou.

## 2.2 DAS ORIGENS DA LITERATURA À LITERATURA PARA AS INFÂNCIAS

O entendimento da humanidade acerca da literatura foi se transformando ao longo dos tempos. Mediante isso, verifica-se que, para Aristóteles (2008), a matéria da literatura estava identificada em ações humanas possíveis, contadas por meio da linguagem verbal. Na visão do filósofo, a representação das ações humanas constitui epopeias, tragédias e comédias.

São intrínsecas aos fatos tratados na literatura a ideia de *mimesis*, compreendida como essência do fato ocorrido, e a verossimilhança, referente a algo admissível de acontecer. Salienta-se que a *mimesis* e a verossimilhança estão associadas ao texto literário, pois, quando se constrói uma narração, é necessária a presença de elementos fundamentais, tais como enredo, narrador, personagem, tempo e espaço, para compor a admissibilidade, tornando-a, dessa forma, real e com sentido para o leitor.

Aristóteles (2008) defende, ao abordar a *mimesis*, que a função do poeta não é descrever fatos acontecidos, mas fatos que poderiam, em dadas circunstâncias, acontecer, isto é, fatos que são possíveis conforme as leis da verossimilhança. Desse viés, o poeta não imita acontecimentos reais, porém os que poderiam acontecer de acordo com a verossimilhança.

Em um filme, por exemplo, ao representar um personagem com temperamento explosivo e em situação de conflito, é verossímil que tal cena culmine em briga. Ao ver o filme,



não se está aprendendo sobre o comportamento do personagem específico, contudo, sobre o ser humano em geral. Pode até ocorrer identificação com o personagem e pensar que, na mesma situação, conseguiria agir da mesma forma. Assim, por meio do filme, são proporcionados momentos de entretenimento e também de aprendizado sobre a natureza das ações humanas.

Além do já exposto, o filósofo conceitua a matéria literária por intermédio de três gêneros: a epopeia, a tragédia e a comédia. A epopeia é entendida como “[...] uma narração, é possível apresentar muitas ações realizadas simultaneamente, através das quais, desde que sejam apropriadas ao assunto, se aumenta a elevação do poema” (Aristóteles, 2008, p. 94). Esse gênero assume forma narrativa e apresenta ações realizadas, contribuindo para dar grandiosidade, possibilitar mudança e incluir diversidade com episódios variados. Os poemas épicos como *Ilíada* e *Odisseia* exemplificam a epopeia. Outrossim, esse gênero apresenta múltiplas histórias e se volta para o caráter moral do herói ou para o sofrimento e a paixão, livres de vulgaridade.

A tragédia, considerada por Aristóteles (2008) como a melhor forma de arte, tem correspondência com “[...] a imitação de uma ação elevada e completa, dotada de extensão, numa linguagem embelezada por formas diferentes em cada uma das suas partes [...]” (Aristóteles, 2008, p. 47). Ou seja, a tragédia imita ações por intermédio de uma linguagem que possui ritmo e harmonia, além de formas diferentes que incluem a execução com metros ou canto. A encenação teatral pode ser um exemplo de tragédia, em que os acontecimentos devem ser ordenados, com dimensão, tamanho e extensão.

A comédia, apesar de ser tratada em *A poética* como “[...] uma imitação de caracteres inferiores, não contudo em toda a sua vileza, mas apenas na parte do vício que é ridícula” (Aristóteles, 2008, p. 45-46), não perde seu valor. Ela, embora imite ações de homens inferiores, não imitava todos os vícios, somente o ridículo, considerado defeito e deformação. Na comédia, está implícita uma atitude cômica com a presença de coro, de máscara e de música. Um exemplo desse gênero é a sátira sobre Sócrates *As nuvens*, de Aristófanes, considerado o maior representante da comédia antiga.

Interessa a este estudo a epopeia, por causa de seu viés narrativo, que vai ao encontro do que está sendo apresentado neste tópico: *Literatura/narrativas para infância*. A epopeia, conhecida por poesia épica, possui elementos que tornam a história grandiosa, contendo a presença do narrador, dos personagens, além da apresentação dos fatos (narração dos acontecimentos), do tempo (período em que decorre) e do espaço (local onde acontece).

Nessa linha argumentativa, Antonio Candido (2011) atualiza o conceito de literatura na contemporaneidade, por trazer outros modos de apresentação da linguagem simbólica.

Conforme o autor, a literatura é permeada pelo toque poético, ficcional ou dramático. Textualmente, Candido (2011) assim explica:

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos de folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações (Candido, 2011, p. 176).

Embasado em Candido (2011), entende-se a literatura como uma possibilidade de efabulação que contempla diversas formas de expressão humana, indo do popular ao erudito, de modo a contemplar diferentes origens, independentemente da extensão dos textos, uma vez que o autor atribui valor tanto ao chiste, que é breve, e, por vezes, nasce da oralidade, como de um romance produzido por um escritor e que pode contemplar vasta extensão de páginas. Candido (2011) entende ser literatura tanto as criações humanas orais quanto as escritas. E assim a literatura vai atuando como uma espécie de reserva cultural e de aprendizagens, compartilhando diferentes saberes e experiências para os mais variados tipos de leitores.

A literatura desempenha uma função humanizadora, pois influencia na formação do homem, alerta Candido (2011). Preenche a necessidade universal que se tem de efabulação, que está presente na ficção e na poesia, auxiliando no processo de conhecimento do mundo, do senso crítico, da beleza, do cultivo do estado de espírito, da organização de ideias, da prática da reflexão, da generosa disposição para com o próximo, do aprimoramento das emoções e dos sentimentos, da habilidade de adentrar nas adversidades da vida e do entendimento da complexidade do mundo e dos seres. Dessa forma, a literatura desenvolve a parcela de humanização na proporção em que torna o homem mais tolerante e acessível em assuntos voltados à natureza, à sociedade e ao próximo.

Ademais, o autor aborda que a literatura surge como manifestação universal presente para os homens ao longo do tempo. Para o autor, os povos e os homens têm experiências de fabulação no decorrer da vida.

[...] a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contacto com alguma espécie de fabulação (Candido, 2011, p. 176).

Candido (2011) expressa o caráter universal da literatura, considerado como sustento para o intelecto e indispensável para a existência humana. À vista disso, não existe a possibilidade de qualquer indivíduo que esteja presente em um grupo social que não tenha tido

contato com algum gênero de fabulação seja, por exemplo, no momento do sonhar, na contação de piada, na audição de história, de notícia, de música, na interação com o enredo de novela televisiva, na leitura de livros ou outras atividades afins. Portanto, todos os seres humanos adentram ao universo de magia, fantasia e ludicidade que rodeia as espécies de fabulação.

O autor salienta que bens incompressíveis não são apenas os que garantem a sobrevivência física, mas os que asseguram também a integridade espiritual, estando nessa categoria a literatura. Candido (2011) conceitua literatura da seguinte forma:

[...] são bens incompressíveis não apenas os que asseguram a sobrevivência física em níveis decentes, mas os que garantem a integridade espiritual. São incompressíveis certamente a alimentação, a moradia, o vestuário, a instrução, a saúde, a liberdade individual, o amparo da justiça pública, a resistência à opressão etc.; e também o direito à crença, à opinião, ao lazer e, por que não, à arte e à literatura (Candido, 2011, p. 176).

Para Candido (2011), a literatura é considerada um bem incompressível, um bem essencial para a sobrevivência da espécie humana, tal qual a alimentação, por exemplo. A literatura, de acordo com o autor, é uma necessidade básica do ser humano por auxiliá-lo no progresso da intelectualidade, assim como no equilíbrio moral e psicológico, além de integrá-lo com a realidade que o rodeia e, por sua vez, consigo mesmo.

Entende-se, portanto, que literatura é uma manifestação artística que representa ações humanas por meio da linguagem, valendo-se de aspectos do imaginário. A literatura se faz pela arte da palavra, sendo que esta, neste estudo, é acessada pela oralidade por meio da contação de história via plataforma Youtube. O acesso ao canal pode ser realizado em qualquer localidade, mediante uma conexão à rede Wifi que permite assistir à história que desejar.

Como já apontado por Aristóteles (2008), um dos gêneros literários é a epopeia. Com o tempo, outros gêneros foram surgindo e a narrativa, por meio das diversas manifestações (conto, lenda, romance), pôde ser associada à epopeia. Sobre a narrativa, seu papel e as funções do narrador na sociedade moderna, esta pesquisa apoia-se em ensinamentos de Walter Benjamin (1987).

Como a contação de história é o foco desta investigação, a narrativa é um dos aspectos centrais a ser estudado. Desde o princípio, uma das formas de interação entre os seres humanos é a narrativa oral, que consiste na exposição de fatos e acontecimentos reais ou imaginários. A narrativa tornou-se elemento de instigação à imaginação, além de possuir variadas funções que contribuem para o bem-estar do leitor. Conforme retrata Benjamin (1987, p. 200), a narrativa “[...] tem sempre em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária. Essa

utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou uma norma de vida [...]”. Entende-se, então, que a narrativa, em sua origem, possuía uma utilidade específica, pois transmitia conselhos.

Ainda, a narrativa traz uma natureza artesanal de comunicação essencialmente conectada à experiência do narrador. De acordo com o estudioso, a narrativa é “[...] uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o ‘puro em si’ da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele” (Benjamin, 1987, p. 205). Nesse contexto, observa-se que, além da narrativa não exigir sofisticação, ela não divulga apenas o “simples da coisa narrada”, mas utiliza a figura do narrador para aproveitar sua experiência de vida sobre determinado fato.

Benjamin (1987) aponta que grande parte das narrativas contém conselhos, resultados da experiência humana e são compostas por uma “substância viva” chamada sabedoria. Entretanto, ele alerta que “[...] a arte de narrar está definindo porque a sabedoria - o lado épico da verdade - está em extinção” (Benjamin, 1987, p. 200-201). A percepção que se tem é que o ser humano não está disposto a ouvir e nem a aconselhar alguém, ele está voltado a si próprio, despreocupado com o próximo. Desse modo, o processo de enfraquecimento da narrativa ocorre simultaneamente com o progresso secular das forças produtivas que surgem, desfavorecendo a presença da sabedoria.

Além da questão da extinção acerca da sabedoria, a evolução do romance na Era Moderna apresenta-se como um dos fatores primordiais para a decadência da essência da narrativa. Uma das características da origem do romance, segundo o autor é “[...] o indivíduo isolado, que não pode mais falar exemplarmente sobre suas preocupações mais importantes e que não recebe conselhos nem sabe dá-los” (Benjamin, 1987, p. 201). No romance, o indivíduo se encontra sozinho na busca por um sentido de vida.

O romance precisou da burguesia para avançar de fato e, a partir de então, a narrativa tradicional gradualmente tornou-se antiga. Porém, junto com a evolução da burguesia, culminou também uma nova forma de comunicação que provocou crise no romance: “a informação”. Benjamin (1987, p. 203) ressalta que, “[...] se a arte da narrativa é hoje rara, a difusão da informação é decisivamente responsável por esse declínio”. Entende-se que o fato de ocorrer a propagação da informação desenvolveu ainda mais o declínio da arte narrativa.

Benjamin (1987) problematiza a verdadeira narrativa, diferenciando-a da informação. Segundo o autor, “[...] a informação só tem valor no momento em que é nova [...]. Muito diferente é a narrativa. Ela não se entrega. Ela conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver” (Benjamin, 1987, p. 204). Enquanto a informação tem sua

importância apenas quando transmite um acontecimento novo, a narrativa, em qualquer momento, é capaz de ganhar diversas interpretações, produzindo reflexão e fascínio.

Benjamin (1987) retrata a poesia épica como originária do romance e da narrativa. Ademais, a poesia relaciona-se com a reminiscência (que inclui todas as variedades da poesia épica), o romance equivale à rememoração (que se dedica a um personagem, a uma história) e a narrativa conduz à memória (que se dedica a vários fatos difusos). Tanto a reminiscência como a rememoração e a memória estão associadas à contação de histórias, por conter variadas possibilidades que esses três elementos apresentam, como presença do narrador, do personagem, do enredo, do tempo, do espaço, da história e dos fatos.

O narrador é considerado figura fundamental para a arte narrativa, já que tem suas raízes no povo e é comparado a um sábio, pois sabe dar conselhos para muitos casos. Segundo Benjamin (1987, p. 221), narrador é a “[...] figura entre os mestres e os sábios. Ele sabe dar conselhos: não para alguns casos, como o provérbio, mas para muitos casos, como o sábio. Pois pode recorrer ao acervo de toda uma vida [...]”. Cabe destacar que esse acervo não correspondia somente à experiência do próprio narrador, mas também à experiência alheia. Ainda, toda essa consideração entre mestres e sábios enaltece mais a função do narrador.

A meta do narrador alicerça-se em reproduzir conhecimentos, normas e culturas. Benjamin (1987) reconhece dois tipos de narradores: o marinheiro comerciante (aquele que viajava e, ao voltar para sua origem, contava as experiências vividas fora, do seu jeito, associando-as às outras) e o camponês sedentário (aquele que vivia em seu país, trabalhando na plantação, na agricultura e no artesanato).

Os marinheiros e os camponeses são considerados os primeiros mestres na arte de narrar. Dessa forma, os marinheiros, por terem uma rotina de viagens, traziam histórias para contar as experiências vivenciadas, e os camponeses sedentários (aquelas pessoas que viviam em seu país, cultivando seus costumes) tinham fatos a serem narrados.

Na atualidade, pode-se reconhecer que os narradores são encontrados nos livros literários e até mesmo em canais do Youtube, sendo responsáveis por contar ou narrar acontecimentos, diferentemente dos contadores que têm a função exclusiva de oralizar a história. Em outras palavras, o narrador é responsável por transmitir em formato escrito ou oral a história ao público, enquanto o contador é alguém que se dedica a contar histórias, usando técnicas diversas para envolver e entreter o espectador.

Benjamin (1987) proporciona essa reflexão sobre o percurso da narrativa na história da civilização e a importância da figura do narrador, o que contribui para analisar a extinção da arte de narrar. Contemporaneamente, por meio de serviços presentes na Internet, observa-se

que outros narradores têm surgido, contudo, para este estudo, interessa o contador de histórias em canais de Youtube.

A literatura infantil, considerada gênero literário, evidenciou-se a partir do século XVII por meio de contos de fadas transmitidos entre os mais pobres e voltados para o público adulto, contendo uma concepção fundamentada na dualidade dos opostos. Nos dias atuais, com os avanços digitais e uma infância mais voltada às mídias, é possível pensar a tecnologia aliada à literatura, considerando a transmissão da contação de história por plataformas como o Youtube.

Referente ao percurso histórico da literatura infantil, observa-se que foi apenas com o aparecimento da ideia de infância que se iniciou o processo de constituição desse gênero, tendo inicialmente o objetivo de educar. As primeiras histórias infantis que apareceram no ocidente surgiram na forma oral e foram adaptadas por Charles Perrault, que organizou os textos e publicou o livro *Histórias de Mamãe Gansa* (Lajolo; Zilberman, 2007).

Na Europa do século XVIII, a burguesia alicerçou-se como classe social e a criança começou a executar uma nova função na sociedade. O aparecimento dessa classe requereu o oferecimento de livros adequados à faixa etária. A partir de então, foram realizadas adaptações de contos e a criação de narrativas direcionadas às crianças, que passaram a ser aceitas e entendidas como seres necessitados de atenção especial (Oliveira, 2008).

A obra *Contos de Grimm, por sua vez*, surgiu no século XIX, organizada pelos alemães Jacob e Wilhelm Grimm, com narrativas de fundo popular. Os *Contos de Grimm* diferenciavam-se da obra de Perrault pelo fato de não se destinarem à leitura da corte, tendo como meta preservar um patrimônio literário da sociedade alemã, estando ao alcance de todas as pessoas.

No Brasil, com o intuito de propagar a cultura e o comércio do livro, foi implantada, em 1808, a Imprensa Régia, considerada a primeira editora do país. Naquela época, foram publicados os primeiros livros para crianças no Brasil, porém, essas publicações eram esporádicas e insuficientes para representar uma produção literária brasileira (Lajolo; Zilberman, 2007). Em 1886, houve o lançamento da obra *Contos infantis*, de autoria de Adelina Vieira e Júlia Almeida, sendo posteriormente adaptada para uso nas escolas primárias do país.

Nesse período, a literatura infantil era vista como um segmento sem valor pelo adulto, mas, ao mesmo tempo, necessária para manter a criança distraída. Oliveira (2013) explica que, no Brasil, por não se exigir condições melhores de escolas e mercadorias culturais, havia falta de variedades de obras literárias infantis.

Em outubro de 1905, *O tico-tico* foi a primeira e mais importante revista publicada para o público infanto-juvenil no Brasil, contendo histórias em quadrinhos, passatempos, mapas

educativos, fotografias, desenhos e outras informações. Anos depois, a editora Weiszflog lançou a *Biblioteca infantil*, cuja primeira publicação foi *Patinho feio*, de Hans Christian Andersen (Sandroni, 2013).

No primeiro quartel do século XIX, Monteiro Lobato dedicou-se a escrever para crianças, sendo considerado o pai da literatura infantil no Brasil. Em 1920, lançou o primeiro livro dedicado às crianças, intitulado *A menina do narizinho arrebitado*, instigando o imaginário dos leitores com a turma do *Sítio do Picapau Amarelo* (Sandroni, 2013). Ademais, sobre o percurso histórico da literatura para crianças no Brasil, destaca-se, a partir de estudos de Ramos e Rela (2018), que a personagem criança presente em narrativas está associada ao contexto histórico de produção de livros. Para as autoras, “[...] o percurso da criança como personagem na literatura infantil dá pistas sobre as concepções políticas de cada autor, sobre o projeto de cidadão almejado, sobre a forma de Estado vigente (contestando-o ou referendando-o)” (Ramos; Rela, 2018, p. 1757).

Na década de 1960, aumentam as preocupações direcionadas para a promoção da leitura e da literatura infantil. Nesse período, surgiram instituições como a Fundação do Livro Escolar, em 1966, e a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, em 1968. Ademais, a união entre as editoras e as escolas tornou-se mais potente, contribuindo para a abertura de comércio qualificado de livrarias e de autores voltados ao livro infantil (Lajolo; Zilberman, 2007).

A partir de 1970, algumas mudanças aconteceram, como a expansão do mercado gráfico e a realização de investimentos em projetos direcionados às características do livro e à qualidade literária. De acordo com Coelho (2000), no fim da década de 1970, a literatura infantil começou a ser pensada em torno da perspectiva da criança. Nesse período, portanto, uma nova realidade iniciou e novas concepções surgiram, associando a criança a uma literatura mais adequada a sua faixa etária.

Quanto à temática da literatura, Regina Zilberman e Ezequiel Theodoro da Silva (2008) compreendem a literatura como uma atividade que desenvolve potencialidades como a expansão da imaginação e do sistema cognitivo, além de ser um instrumento eficiente, tanto no âmbito da vida particular como no meio social. Dessa forma, enfatizam que a literatura

[...] constitui uma atividade sintetizadora, na medida em que permite ao indivíduo penetrar no âmbito da alteridade, sem perder de vista sua subjetividade e história. O leitor não esquece suas próprias dimensões, mas expande as fronteiras do conhecido, que absorve através da imaginação, mas decifra por meio do intelecto (Zilberman; Silva, 2008, p. 28).



Entende-se que a literatura é capaz de promover a alteridade no leitor, o que possibilita colocar-se no lugar do outro, além de identificar a existência de outras culturas, ampliando habilidades imaginárias e intelectuais. É uma atividade que permite ter contato com diferentes vivências, entendidas como essenciais para enriquecer a aprendizagem de leitura.

Acerca da natureza estrutural da literatura, Zilberman (2003) argumenta que o gênero pode trair o leitor, pelo fato de o livro literário ser um produto criado e empresariado por um adulto “[...] embora seja consumida por crianças, a reflexão sobre o produto oferecido a elas provém do adulto, que a analisa, em primeiro lugar, de acordo com seus interesses e que, além disto, a descreve em comparação com o tipo de arte posta à disposição dele [...]” (Zilberman, 2003, p. 63).

Ou seja, a literatura infantil, desde sua origem, possui concepção “adultocêntrica”, isto é, tende a manter o foco de todo o processo de produção e de consumo alinhado à posição do adulto, embora o receptor seja a criança, denunciando certa infidelidade ao leitor final. Dessa forma, a criança fica afastada da produção do texto e os interesses e os sentimentos atendidos são guiados pelo donatário mais velho e não pela visão da criança.

Essa situação revela a demanda de criar um recente diálogo entre livro e infância. A autora afirma que “[...] a literatura infantil somente poderá alcançar sua verdadeira dimensão artística e estética pela superação dos fatores que intervieram em sua geração” (Zilberman, 2003, p. 68). Assim, com a renúncia do ponto de vista do adulto, consegue-se obter o alcance da esfera artística e estética.

Ressalta-se, a partir dos ensinamentos de Zilberman (2003), que a literatura infantil enfrenta duas dificuldades. A primeira refere-se à “transitoriedade do leitor” e diz que “[...] a literatura infantil deve ir se modificando à medida que evolui a criança, até perdê-la por completo [...]” (Zilberman, 2003, p. 66). Observa-se que as mudanças de interesses devem atender à evolução da criança conforme a faixa etária. A segunda dificuldade refere-se à “unidirecionalidade”, considerando que sempre é o adulto quem escreve para a criança e não o oposto, assim, a escrita, por ser produzida pelo adulto, gera disparidade com o leitor da obra.

Como visto, o surgimento da literatura infantil no mundo e no Brasil sofreu percalços. Zilberman (2003), apoiada em Maria Lipp, discute aspectos intrínsecos à constituição do gênero literatura infantil por existir uma assimetria entre o adulto e a criança, destacando quatro tipos de adaptações: assunto, forma, estilo e meio.

1) A adaptação do assunto, tendo em vista que a compreensão do mundo e a vivência do leitor-criança são restringidas, limita-se, dessa forma, ao método do escritor em relação a determinados temas, ideias ou problemas.



2) A adaptação da forma propõe, especialmente, as pretensões do leitor bem como suas condições de percepção do real. O enredo, por exemplo, deve conter personagens que motivem, impedindo descrições longas e assumindo novos conceitos.

3) A adaptação do estilo precisa respeitar o domínio cognitivo do leitor-criança, quanto à questão do vocabulário e à estruturação sintática (devido ao predomínio do afetivo sobre o conceitual).

4) A adaptação do meio corresponde ao aspecto externo do livro, composto de ilustração e tipo gráfico gráfico, além da escolha do formato e do tamanho.

Ramos (2010) aborda peculiaridades da literatura para crianças, destacando que a existência de mercado editorial para literatura adequada ao público infantil no país é recente. As primeiras produções escritas em solo brasileiro datam do final do século XIX. Olavo Bilac publicou *Poesias infantis* na primeira década de 1900 e Monteiro Lobato, em 1920, publicou *A menina do nariz arrebitado*.

A pesquisadora refere que “[...] o contato com a proposta da ficção auxilia o leitor a ser, ser pessoa, pois pode vivenciar histórias diversas daquelas que vive no seu cotidiano e, ao interagir com o ficcional, volta para as ações diárias modificadas, amadurecidas” (Ramos, 2010, p. 89). A partir dessa percepção, o indivíduo que tem contato com o universo literário vivencia realidades diferentes, que influenciam consequentemente seus atos, tornando-o mais maduro.

Ramos e Panozzo (2015), acerca das funções da literatura, destacam que “[...] a literatura pode contribuir para a nossa humanização, na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, para a sociedade e para o semelhante” (Ramos; Panozzo, 2015, p. 23). Referir que a literatura contribui para a humanização significa dizer que o sujeito fica mais tolerante para questões ligadas à natureza, à sociedade e ao próximo. Percebe-se, com isso, a importância da inserção da literatura infantil para crianças desde cedo, visando à formação de um adulto com valores éticos, morais e humanos. Ainda, a força que a literatura exerce em relação aos direitos humanos possibilita a reflexão sobre diversas questões do cotidiano.

A exposição até aqui buscou compreender conceitos acerca da literatura com base em Aristóteles (2008) e Antonio Candido (2011), o percurso da narrativa, a figura do narrador e da literatura para a infância. A partir disso, pensar sobre esses temas remete a uma aproximação maior com o mundo da arte, mediante inúmeras formas existentes.

### 3 MEDIAÇÃO DE LITERATURA: CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Neste capítulo, aborda-se a contação de histórias (entre dizer e contar) a partir de Eliana Yunes (2012), Walter Benjamin (1987), Cléo Busatto (2012, 2013), Fanny Abramovich (2006), Elie Bajard (1994), Adair Neitzel e Carla Carvalho (2014) e, de uma maneira mais específica, trata-se da contação de histórias no Rio Grande do Sul, fundamentada em Joana Cavalcanti (2002), Maria de Lourdes Patrini (2005), Cléo Busatto (2012), Fanny Abramovich (2006) e Lisana Bertussi (1991, 1995). Além disso, apresenta-se a contação de histórias no Youtube com a discussão das entrevistas realizadas com Milene Barazzetti e Rosane Castro. Para tanto, buscou-se aporte em Uwe Flick (2004, 2015), George Bauer e Martin Gaskell (2002), Vivian Rocha (2010), Eliana Yunes (2012), Bruno Bettelheim (2009), Antônio Candido (2011), Cléo Busatto (2012), Michèle Petit (2019) e Paul Zumthor (2007). Ou seja, o objetivo aqui é analisar o percurso formativo das contadoras bem como a peculiaridade de suas atuações como contadoras de história.

#### 3.1 CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS ENTRE DIZER E CONTAR

O ato de narrar, marcante na história da humanidade e ainda existente não apenas para as crianças, é o mote de reflexão neste tópico. Conforme Yunes (2012, p. 60), “[...] a prática de contar histórias era algo memorável das experiências da infância, registrada em nossos melhores autores”. Desse modo, a contação de histórias ressalta aspectos permeados pelas entrelinhas do “dizer”, que são expressos por palavras (por exemplo, quando se diz algo do cotidiano), ou do “contar”, que são envolvidos pela improvisação, interação, espontaneidade e possibilidade de agregar outros elementos ao enredo (por exemplo, quando se narra uma história cotidiana).

Benjamin (1987) considerou, em texto memorável sobre o narrador, publicado em 1936, os marinheiros e os camponeses como os primeiros mestres na arte de narrar, Yunes (2012, p. 60) reforça esse pensamento, expondo que “[...] contar histórias era [...] coisa de aventureiros, pescadores, marinheiros, nos relatos de suas proezas”. Esses narradores tinham o hábito de criar *causos* ou relatar algum fato presenciado e, por conseguinte, transformá-los em histórias, para contar às pessoas com quem conviviam. Na origem desses relatos, dessas histórias, o público era formado pela plateia que ouvia, independentemente da idade, até porque o sentimento de infância como o conhecemos hoje é uma invenção da modernidade.

Essas figuras ancestrais de narradores, citados por Benjamin (1987) e Yunes (2012), não são os únicos a difundir as narrativas orais, pois a contação de histórias se expandiu e “[...] tornou-se, pouco a pouco, uma prática sedutora e fascinante, capaz de reunir um público heterogêneo em idade e interesses para simplesmente ouvir histórias [...]” (Yunes, 2012, p. 61). Dessarte, as histórias podem ser narradas por diferentes grupos sociais que retratam causas ou lembranças tanto em seus lares quanto em círculos maiores, como rodas de conversas, encontros festivos, eventos formais entre outros, inclusive por meio da figura do contador profissional, que utiliza diferentes recursos para representar a linguagem.

Portanto, a contação de história é considerada uma das mais antigas práticas culturais de expressão e de comunicação, sendo compartilhada na sociedade como forma de entretenimento, ensino, propagação da cultura e para transmitir valores morais. Busatto (2013, p. 17) ressalta que “[...] assim foi durante séculos, e continua sendo até hoje: histórias existem para serem contadas, serem ouvidas e conservarem aceso o enredo da humanidade”. Contar, ouvir e manter a prática literária ativa favorecem a reflexão e o entendimento acerca da natureza humana. Esses aspectos são fundamentais para qualquer indivíduo lidar com suas inquietações.

Acerca da conceituação da expressão “contar história”, Yunes (2012, p. 65) explica que se trata de “[...] uma estratégia de sensibilização para começar a sedução para o relato, esteja ele sobre que suporte estiver, inclusive o da escrita”. Ora, esse poder de sensibilizar e de seduzir que a contação de histórias é capaz de produzir, através da habilidade do contador, pode ser veiculado pelo Youtube mediante a tela de um *tablet*, celular, computador ou afins. E, dessa forma, as ferramentas digitais expandem o acesso, oferecendo inúmeras possibilidades de escolhas literárias.

Ademais, Busatto (2013, p. 32), ao conceituar “contação”, esclarece que “[...] contar histórias é uma performance de alto padrão e muito mais difícil que representar um papel no palco”. Nesse sentido, não se trata simplesmente de repassar para a fala uma história, mas de criar estratégias que personifiquem o desenrolar dos fatos com audácia e representatividade. Além disso, a autora reforça que “[...] contar histórias é uma arte, uma necessidade humana [...]” (Busatto, 2013, p. 35).

É, pois, nesse sentido que a contação de história é considerada uma arte, porque possibilita a comunicação estética com o leitor por meio da utilização de diferentes recursos. De forma similar, a contação de história é vista como uma necessidade humana, por possibilitar o contato com o universo do encantamento literário, dos pensamentos, das sensações, das reações e das memórias que marcam a vida, essenciais para a sobrevivência do homem.

Adicionalmente, enquanto forma artística e lúdica de transmissão de conhecimentos e de experiências, a contação de histórias potencializa o desenvolvimento físico, cognitivo e socioemocional do ouvinte, no caso aqui específico, da criança. Segundo Abramovich (2006, p. 16), “[...] é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas histórias. E escutá-las é o início da aprendizagem, para ser um leitor e ter um caminho absolutamente infinito de descobertas e compreensão do mundo”.

Nesse contexto, observa-se que a contação de história compreende o contador e o interlocutor, no caso, a criança, trazendo recursos para que se torne uma leitora envolvida em suas leituras. Desse viés, o foco da literatura, no âmbito da contação de histórias, resulta na ampliação do imaginário e na possibilidade de propiciar vivências estéticas e artísticas. A criança torna-se preparada não só para enfrentar desafios da vida como também adquire visão privilegiada sobre diferentes concepções e sensações de sentimentos, emoções e reações.

Para Bajard (1994), a contação de história para o público infantil tem sua relevância, pois, “ao ouvir estórias, [...] a criança estabelece relações com a língua escrita, primeira matéria a partir da qual ela vai poder construir seu sistema linguístico da escrita, distinto do oral” (Bajard, 1994, p. 84). Assim, no período denominado infância, é possível que, a partir das histórias contadas/ouvidas, a criança associe as palavras apresentadas no momento da contação com a língua escrita e também aperfeiçoe seu próprio vocabulário.

Porém, a escuta de história vai além disso, considerando que, a partir desse momento de interação com a literatura em uma contação, a criança desenvolve a percepção auditiva e associa ações para construir um enredo em conformidade com o que é apresentado pelo contador. Enquanto isso, o ato de ler, para Bajard (1994, p. 105), “[...] inclui a recitação, a fidelidade ao texto constituído [...]” e, por sua vez, o ato de contar “[...] é reconstituído através de contribuições da língua oral”. Ou seja, ler contempla a decodificação das palavras escritas, diferentemente de contar histórias, que requer a utilização de diferentes linguagens e técnicas para envolver os participantes. Reforça-se, assim, a reflexão acerca do significado do “dizer” na contação de histórias, permeada pelas ações de expor, exprimir e enunciar palavras, tornando o momento literário expressivo.

Uma das características elencadas por Bajard (1994) é a espontaneidade. Para o autor, “o ato de contar dá maior margem à espontaneidade” (Bajard, 1994, p. 105). Desse modo, a contação de história propicia que tanto o contador como o ouvinte se expressem de forma espontânea, possibilitando momentos de interações e experiências significativas para ambos. Outrossim, durante a contação de histórias, pode acontecer o inesperado, a surpresa, o

questionamento, a reação de aceitação ou não, enfim, uma série de desencadeamentos que permitem a participação das partes envolvidas.

Igualmente, importa aqui destacar que a contação de história, para Yunes (2012), constitui-se um instrumento de socialização necessário para a convivência do indivíduo. Dessa forma, “as narrativas contadas ou lidas, intensiva ou extensivamente, funcionavam como forma de sociabilidade, para intimidade ou lazer” (Yunes, 2012, p. 68). Logo, é possível que a contação de histórias permita a seus ouvintes estímulos como a capacidade de socialização, a reflexão sobre particularidades, além de entreter, sendo que tais elementos podem ser articulados com as narrativas veiculadas nos canais de Youtube.

Podem-se adicionar, além disso, aos benefícios já mencionados que a contação de história proporciona, que os povos orientais “[...] acreditavam no poder curativo do conto, e em muitas situações o remédio indicado era ouvir um conto e meditar sobre ele. Neste caso o conto agia como um reestruturador do desequilíbrio emocional [...]” (Busatto, 2012, p. 17). O conto utilizado poderia ser um mito, uma lenda, uma fábula e, ao ser narrado, tinha o poder de nutrir o pensamento e, assim, propor vivacidade para o indivíduo, tornando-se um remédio natural.

Diante disso, torna-se perceptível a associação com o potencial permeado pelo “ato de contar”, tendo mais prestígio e envolvimento do que o simples “ato de dizer”. De acordo com Busatto (2012), associa-se o contar histórias a um “remédio”, a uma condição em que as pessoas podem ser “medicadas” pela história contada pelo outro. Logo, por intermédio dessa condição terapêutica que o ato de contar propicia, o modo tradicional mais conhecido para realizá-lo é de forma oralizada, utilizando, na maioria das vezes, algum tipo de recurso de apoio, como: livros, objetos diversos, fantoches, sonoridades, imagens, movimentos corporais ou outros para atingir o objetivo proposto, a saber: transmitir ao ouvinte a mensagem da narrativa. Esse modo oralizado de contar história iniciou nos primórdios e segue ativo nos mais diversos grupos sociais.

Com a expansão tecnológica, ocorrida principalmente neste século XXI, que trouxe o acesso a inúmeras pretensões, como: a informação, o entretenimento, o mercado de trabalho, a comunicação, o universo literário, em especial, a contação de história, entre outros, foi possível adentrar em variadas possibilidades, conforme o desejo e a necessidade de cada indivíduo. Nesse contexto, a contação de história passou a ser acessada por meio de plataformas digitais, principalmente, no período de pandemia, o qual teve duração aproximada de dois anos (2020 e 2021). Com a inserção das plataformas digitais na rotina da sociedade, essa ferramenta tornou-

se aliada para a literatura, no sentido de oportunizar o acesso a qualquer contação de história com rapidez e facilidade, quantas vezes que se desejar, como retrata Yunes (2012):

No momento em que a velocidade com que a informação circula, importa tecnologicamente cada vez mais, às vezes até em detrimento de sua qualidade, passa a ser uma arma poderosa em favor da disseminação da literatura e uma provocação com gosto de quero-mais [...] (Yunes, 2012, p. 63).

Um exemplo de acesso digital à literatura é a plataforma Youtube, espaço cibernético em que podem ser encontradas histórias com diversos temas. Ali, indivíduos de diferentes idades que sentem atração por práticas literárias inscrevem-se em canais e, na maioria das vezes, tornam-se fiéis espectadores, mantendo uma rotina de acesso em busca de novos conteúdos. Por fim, esse movimento de procura por informações e entretenimento resulta em uma ação involuntária e costumeira.

Além do universo digital, a informação transmitida pela imprensa chega até os telespectadores de forma ágil, de modo diferente como ocorria antigamente, quando as informações demoravam para ser difundidas. Por exemplo, ao se noticiar um fato em um telejornal, a função ali desejada é informar, ao contrário do que acontece na contação da história, que tem por objetivo contribuir para o surgimento de sensações, favorecendo a interação com o que é contado.

A informação veiculada pela imprensa deixa de lado o fantástico, o maravilhoso e a reticência, características das narrações orais, que se encarregam de gerar encantamento enquanto narram, prolongando a história com divagações, digressões, dilatando o tempo narrativo e levando o ouvinte para onde eles desejarem (Busatto, 2013, p. 21).

Com base no exposto por Busatto (2013), a imprensa apenas repassa a notícia com padrão jornalístico, não dando abertura para adentrar no universo da ludicidade, ao contrário da contação literária, que possibilita essa condensação de inúmeras reações de maravilha e de fascínios. Observa-se, então, a existência de dois tipos de textos distintos: o literário (destinado ao entretenimento, à arte, à ficção) e o não literário (designado para informar, convencer, explicar, ordenar), sendo que cada um tem suas particularidades e funcionalidades.

Dito isso, as histórias literárias podem transformar vidas, por intermédio da “[...] contação de histórias, ou narração oral de histórias, permite ao sujeito que conta e ao sujeito que ouve um contato com outras dimensões do seu ser e da realidade que o cerca [...]” (Busatto, 2013, p. 25). Da perspectiva da autora, não é apenas o ouvinte que se beneficia com a contação de história, mas também aquele que realiza o ato de contar. Nesse caso, ambos estão ao mesmo

tempo em uma atmosfera de diferentes sensações e reações possibilitadas, permitidas e potencializadas pelo texto literário.

Desse modo, o envolvimento e a transformação estão condicionados ao texto literário e à relação estabelecida com as narrativas, que são modificados e aprimorados com os recursos empregados pelo ato de contar. Com relação ao contador de história, figura primordial da contação, Yunes (2012, p. 64) enfatiza que ele “[...] faz a história viva, como nos velhos tempos, agora na condição de narrador oral [...] procura falar do que ele experiêcia pela linguagem”. Ora, isso significa dizer é que, antigamente, se narravam fatos presenciados no cotidiano e hoje o contador usa muitas vezes a linguagem escrita para transmitir histórias ocorridas em tempos diversos sobre inúmeros assuntos.

Nesse caso, o contador vale-se de diversas fontes para efetuar a construção de sua história, tendo como base a linguagem escrita em obras literárias, por exemplo. Portanto, o contador é considerado aquele que oraliza histórias, diferente de nomes conhecidos da literatura infantil, como Charles Perrault, irmãos Grimm e Hans Christian Andersen, que desempenharam as funções de coletar histórias, adaptá-las e, posteriormente, entregá-las para as crianças por meio da escrita e não da oralidade, não sendo, dessa forma, considerados contadores de histórias, ainda que executassem a prática do dizer, o dizer pela escrita que chegou até nós.

Assim, além de oralizar histórias, o contador indica ao ouvinte, também, informações como nome do autor, do ilustrador e da editora da obra literária que está utilizando como forma de divulgação e referência. Esses dados anunciados são importantes e necessários para enriquecer o momento literário, conforme afirma Yunes (2012, p. 64), ao dizer que “[...] o contador de histórias é um divulgador das obras de autores e das próprias editoras, uma vez que não deve ocorrer narração sem o anúncio das fontes”. O contador de histórias, nesse contexto, pode atuar como mediador da literatura, visto que ocorre uma seleção prévia de obras literárias para serem contadas e o contar é uma forma de divulgação.

Neitzel e Carvalho (2014, p. 22) também entendem o contador de histórias como “[...] um mediador de leitura que acima de tudo promove encontros entre o leitor e a obra literária”. A partir disso, seu desempenho torna-se relevante para a promoção da literatura e, conseqüentemente, para a formação de novos leitores, ao criar uma experiência envolvente e imersiva. Ademais, as autoras argumentam, acerca da ampliação da relação estética, que o contador de história promove no ato da contação:

O contador revela-se o sujeito que media a relação do ouvinte com a obra, com o texto. Nesse processo, a relação estética amplia-se, sai do livro para a *performance*, e ganha o espectador, que na relação com o objeto artístico é arrebatado, é envolvido pelo momento único. Talvez seja impossível descrever com precisão o que acontece e



como acontece, no entanto a experiência vivida ganha forma e transforma os sujeitos nela envolvida (Neitzel; Carvalho, 2014, p. 19).

Compreende-se a atuação do contador a partir da percepção sensorial e emocional que uma obra pode evocar e do modo como consegue envolver e emocionar aquele que assiste à contação. A prática do contar realizada pelo contador de história, conforme Neitzel e Carvalho (2014, p. 26), “[...] tem por objetivo levar a criança ao livro e colocá-la em relação com esse objeto. Uma relação não de obrigatoriedade, mas, sobretudo, de cumplicidade”. Ou seja, a contação de história busca estabelecer uma conexão entre contador, obra e ouvinte. É uma forma de envolver e engajar, criando um momento de interação e de compartilhamento de experiências.

Outrossim, a contação de uma narrativa desenvolve-se com o silêncio do contador e com as experiências de obras já acumuladas na mente do ouvinte, para depois o som da palavra ecoar e fazer história com o desenrolar dos personagens e dos acontecimentos. Nessa acepção, Yunes (2012, p. 71) compreende que, “[...] no silêncio, vai se desenhando a narrativa pela voz do contador e pelo repertório anterior do ouvinte. O encontro não se dá como num círculo de diálogo, mas no silêncio que se faz pano de fundo para a explosão da palavra e alarga os horizontes do mundo [...]”. E, nesse percurso, depara-se com a prática do contar, que contempla também a presença e a interação do outro.

Ademais, o contador é visto em uma esfera social, na qual assume o comando da narrativa e, por meio dela, exprime uma série de reações, conforme vão aparecendo os fatos e os personagens. Por intermédio da desenvoltura e da técnica, é possível que o contador cativasse o ouvinte, mantendo-o atento do início ao fim da narração, como anunciado a seguir:

No que tange ao contador de histórias, essa identificação se dá diante dos outros e não diz respeito à esfera do privado, mas sim do social. Pode assumir as palavras de um personagem que exprime uma emoção que exige um investimento pessoal. Saber traduzir os hihhi... do texto escrito em risos sonoros requer que o contador assuma o papel do personagem diante dos outros (Bajard, 1994, p. 95).

No ato de contar, o narrador expressa com autenticidade as falas e os sentimentos dos personagens, de modo que o ouvinte se sinta impressionado e com vontade de querer ouvir mais e mais. A realização do contador é ter a resposta de que sua performance está sendo bem-aceita e seu objetivo alcançado. É por isso que Bajard (1994) enfatiza que

O contador de história sabe recheiar seu enredo com contribuições que nascem de intervenções do espectador. O enredo, nesse caso, equivale a uma arquitetura montada



com expressões preestabelecidas que deixa espaços livres para uma língua oral surgida no momento (Bajard, 1994, p. 105).

Para Bajard (1994), o contador tem a liberdade de alterar, melhorar e inventar o percurso das narrativas com base na interação dos espectadores. Nessa condição, o contador possui “espaços livres” para ativar a participação, deixando os espectadores falarem, dialogarem, questionarem e, assim, se tornarem mais partícipes da história. Além disso, é relevante o aperfeiçoamento por meio de cursos ou outras formações afins para realizar a prática da contação, “[...] hoje em dia quem conta, conta sabendo, ou, pelo menos, se pretende assim, e se não sabe contar, corre atrás, faz curso, se informa, se forma, e aprende contando” (Busatto, 2013, p. 27). Toda essa preparação em prol de oferecer um momento literário de qualidade é necessária, haja vista que a contação de história, em especial para o público infantil, favorece a imaginação e a vivência de diversos sentimentos, podendo auxiliar a criança a resolver conflitos e aliviar sobrecargas emocionais.

Com os avanços decorrentes principalmente das plataformas digitais, “[...] o contador contemporâneo atua num regime de oralidade secundária, ou seja, encontra-se inserido no contexto de uma cultura letrada, se apropria da escrita, da impressão e das novas tecnologias” (Busatto, 2013, p. 29). Desse modo, o contador tem a sua disposição uma série de recursos disponíveis que tornam o momento literário prazeroso, ampliando a contação de histórias para além do tradicional e atrelando possibilidades e variedades de aperfeiçoar esse momento.

Esses artifícios à disposição do contador tem seu valor, em especial a tecnologia, que atualmente está presente na vida das pessoas desde o nascimento. Diante disso, os aspectos tecnológicos também estão contemplados na prática da contação de histórias, reconhecendo-se que “[...] o contador de histórias do século XXI é um *performer*, um realizador, um artista” (Busatto, 2013, p. 32). Ele se transforma, reinventa-se e se recicla com o intuito de dar vida ao que é contado.

Quanto ao momento de apresentação do contador, são necessárias algumas ações, como “[...] olho no olho, intimidade e cumplicidade com o ouvinte [...] prioriza-se espaços onde o contador possa estar o mais próximo possível do ouvinte, propondo assim, uma comunhão entre quem narra e quem ouve” (Busatto, 2013, p. 32). Essa aproximação mostra segurança e preparação do contador e faz com que o ouvinte fique mais atento no desenrolar do enredo, favorecendo a criação de um momento único e envolvente.

Por isso, pode-se afirmar que o contador de histórias é um articulador que une a história e o ouvinte. Porém, ele precisa estar concentrado no momento em que vai contar e, ao mesmo tempo, centralizado nas reações dos ouvintes, para perceber se estão aderindo à apresentação

ou se é necessário mudar a técnica para obter aceitação. Essa demanda atribui ao contador múltiplas funções e faz com que ele seja o transformador de simples histórias em grandes espetáculos, conforme argumenta Busatto (2012):

O contador de histórias cria imagens no ar materializando o verbo e transformando-se ele próprio nesta matéria fluida que é a palavra. O contador de histórias empresta seu corpo, sua voz e seus afetos ao texto que ele narra, e o texto deixa de ser signo para se tornar significado. O contador de histórias nos faz sonhar porque ele consegue parar o tempo nos apresentando um outro tempo. O contador de histórias, como um mágico, faz aparecer o inexistente, e nos convence que aquilo existe (Busatto, 2012, p. 9).

Portanto, o contador de história é muito mais que um porta-voz de narrativas por meio da oralidade e de movimentos corporais, ele é responsável por estimular a “magia”, o “encantamento” e o imaginário em patamares que consigam elevar o ouvinte para o âmbito da história contada. Dentro dessa proposta, há também a transmissão de informações, conhecimentos e experiências que permitem uma visão mais amplificada de si e do mundo.

Em suma, quando se ouvem histórias mediadas por um contador, tem-se a possibilidade de adentrar no enredo e sentir-se integrado a ele com o desenrolar dos fatos pelos personagens, pelo tempo e pelo cenário, ao se criar uma atmosfera de diálogos e vivências estéticas. Dessa forma, “[...] contar histórias é uma arte, uma arte rara, pois sua matéria-prima é o imaterial, e o contador de histórias um artista que tece os fios invisíveis desta teia que é o contar” (Busatto, 2012, p. 9). O ato realizado por um contador que se dedica ao exercício com empenho e responsabilidade tem seu valor, pois nisso há a possibilidade de criar um ambiente de significados e sensações favoráveis para quem está assistindo.

### 3.2 CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NO RIO GRANDE DO SUL

O ato de contação de narrativas no Rio Grande do Sul tem uma trajetória marcante e, por tal motivo, torna-se a temática de reflexão neste tópico. Conforme Cavalcanti (2002), a contação de história é tão antiga quanto o próprio homem, sendo considerada uma arte milenar. Os primeiros gaúchos (indígenas e, mais tarde, portugueses, africanos, espanhóis entre outros) reuniam-se em rodas de conversa, à beira do fogo, para tomar chimarrão, e sentiam o desejo de narrar fatos, crenças, mitos, valores, costumes e tradições do dia a dia, por meio da oralidade. Essa prática manteve-se ao longo dos anos, sem escritos ou registros mais elaborados, apenas na lembrança, perdurando até o presente momento.

O conto oral é uma das mais antigas formas de expressão. E a voz constitui o mais antigo meio de transmissão. Graças à voz, o conto é difundido no mundo inteiro, preenche diferentes funções, dando conselhos, estabelecendo normas e valores, atentando os desejos sonhados e imaginados, levando às regiões mais longínquas a sabedoria dos homens experimentados (Patrini, 2005, p. 118).

As histórias contadas no Rio Grande do Sul, desde o início, fundamentavam-se em narrativas orais, configurando uma prática de resistência e de preservação identitária. Essa prática promovia a união e o entretenimento e despertava a imaginação dos indivíduos, além de trazer relatos de experiências.

Em 1935, em alusão ao Centenário da Revolução Farroupilha, popularizou-se a trova (uma forma de poema), gênero que se disseminou através dos tropeiros, que tinham o costume, durante suas andanças, de criar rimas improvisadas, tornando-se uma das mais importantes manifestações da cultura gaúcha. Além das trovas, outros hábitos orais propagaram-se no Rio Grande do Sul, como as declamações (poesias recitadas por alguém), que consagraram as tradições do estado.

Com o advento de novas mudanças, a arte de contar histórias foi se modificando e outros recursos começaram a contribuir para isso, como a utilização de palco, figurino, música, iluminação e outros elementos que enriqueceram a narrativa, envolvendo a figura do contador e do ouvinte. Dessa forma, a contação de história, conforme Busatto (2012, p. 67), foi se tornando “[...] um fio de prata do plexo solar [...] envolvendo o narrador à plateia, criando uma teia mágica, onde ambos se perdem de boa vontade pelas tênues tramas da narração”.

Com os avanços tecnológicos e as transformações sociais, aumentou a variedade de possibilidades, ensejando o uso de diferentes formas, com diversas perspectivas e recursos audiovisuais, não apenas no estado, mas também em vários países. Todavia, mesmo que as formas e os meios de contar histórias tenham se ampliado, a natureza dessa arte se mantém. E, desse modo, o ato de criar, envolver, emocionar e transmitir uma experiência humana permanece sendo a base da contação de histórias, independentemente das mudanças que surjam.

No Rio Grande do Sul, o ato do contar é visto como uma prática de propagação de diferentes narrativas, estando presente no cotidiano das pessoas, sem que elas percebam, seja por intermédio da contação de um fato acontecido, repleto de riqueza de detalhes, de um capítulo de novela ou de série televisiva, de uma notícia do jornal ou da Internet entre outros. Ou seja, a contação de histórias está viva e difundida na sociedade, embora ainda não tenha alcançado o reconhecimento merecido de acordo com seu verdadeiro valor.

Fomentada por todo o estado em feiras literárias, cursos, simpósios, oficinas, congressos, grupos, maratonas, concursos e demais eventos, a oralização de histórias estimula

o crescimento do mercado editorial, promove a cultura e incentiva a formação de novos leitores. Além disso, a contação de história no Rio Grande do Sul é pensada como um poderoso instrumento de significativas aprendizagens e experiências no contexto da sociedade como um todo, em função de sua importância e dos benefícios proporcionados para qualquer faixa etária. Segundo Abramovich (2006, p. 17), “[...] é através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e ser, outra ética, outra ótica. É ficar sabendo história, geografia, filosofia, sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo [...]”.

No que tange à figura do contador, na região serrana do Rio Grande do Sul, por exemplo, pesquisou-se sobre os estudos da professora Lisana Bertussi, que compilou narrativas de origem oral em dois livros, intitulados: *Estórias do seu Arquimino* (Bertussi, 1991) e *Causos do boi voador* (Bertussi, 1995). Essas obras registram histórias contadas por narradores dos campos de cima da serra, contemplando *causos* vividos e inventados, narrados com emoção em rodas de conversa.

O livro *Estórias do seu Arquimino* (Bertussi, 1991), por exemplo, traz um conjunto de narrativas do cancionero popular, transportado para o cenário e a ética do mundo rural gauchesco. A obra contém, a citar, uma adaptação do conto europeu “Cinderela” ao universo campeiro, em que a protagonista, vestida de ouro, encosta-se no balcão de um baile regional e solicita um guaraná, manifestando o quanto é inovadora e arrojada a versão gaúcha.

A obra *Causos do boi voador* (Bertussi, 1995) é composta por quinze histórias que envolvem temas como a natureza, a brincadeira sensual, as emoções e os conflitos gerados pela chegada da tecnologia. Inclui-se, nessa obra, o conto “O disco voador”, em que o personagem Mário Soares se encontra no bolicho de Rosalinda e relata ter avistado homens de Marte e dialogado com eles. No percurso dessa narrativa, é possível observar a reflexão do campeiro ao lidar com os meios trazidos pela civilização, a compreensão do desconhecido e seu reconhecimento, além da posição de respeito e de valorização do narrador-personagem.

As obras nascem do registro de *causos*, narrações orais feitas por contadores gaúchos que, em geral, tinham vivência rural e recontavam o que ouviam. Acerca de contadores gaúchos da atualidade, observa-se que vários se dedicam a essa arte como: Roger Castro, que, além de contador, é diretor do grupo *Vivandeiros da Alegria*, tem experiência na área de produção cultural, mediação literária e artes, ministra palestras e participa do projeto de pesquisa voltado à análise de diferentes práticas educativas, especialmente daquelas ligadas à leitura. Além de Roger Castro, destacam-se Christina Dias, Marô Barbieri, Hermes Bernardi Jr., Helô Bacichette, Valquíria Ayres Garcia, Rosane Castro, Cláudia de Villar, Cancioneiros Literários, Nil Kremer, Léla Mayer, Guilherme Ferrêra, Leila Pereira, Presto Spoletta, Diná Lourençon,

Milene Barazetti, Elaine Cavion, Sônia Luz, Beatriz Myrrha, Eleonora Medeiros, Carmen Lima, Bárbara Catarina entre outros contadores. Observa-se que alguns desses contadores gaúchos possuem canais no Youtube como ferramenta de divulgação de seu trabalho, contemplando a contação de história.

Devido ao número significativo de contadores de histórias que o estado do Rio Grande do Sul possui, para este estudo, optou-se por focar duas contadoras gaúchas: Milene Barazzetti e Rosane Castro. A primeira, Milene Barazzetti, é natural de Porto Alegre, graduada em Direito, especialista em Psicopedagogia e em Literatura Infante e Juvenil, professora da rede pública de educação, contadora de histórias, mediadora de leitura, oficina em feiras de livro e eventos literários, palestrante e escritora de vários contos para infância.

Recebeu prêmio destaque na *Mostra de Contadores de História*, da 59ª Feira do Livro de Porto Alegre, em 2013; foi finalista ao prêmio Serviço Social do Comércio (SESC), também em 2013, ao prêmio da Associação Gaúcha de Escritores (AGEs), em 2014, e tornou-se patrona da Feira do Livro de Novo Hamburgo, em 2015. Na *Maratona de contadores de história de Caxias do Sul*, em 2018, seu conto *A casa dos Avós* foi selecionado para a *Coletânea Infantojuvenil*; no ano de 2019, seu livro *Que monstro, menino?* recebeu o Prêmio Minuano de Literatura na categoria ilustração; em 2020, o livro *Contos soturnos* foi vencedor do Prêmio AGEs na categoria juvenil, escolhido como livro do ano e finalista ao Prêmio Açorianos.

A segunda contadora gaúcha que integra este estudo, Rosane Castro, é natural de Cachoeirinha, cidade situada na Região Metropolitana de Porto Alegre. A contadora é graduada em Letras, especialista em História e Cultura indígena e africana e atualmente cursa Psicologia. Atua em projetos culturais, sociais e pedagógicos em instituições públicas, privadas e organizações não governamentais, é escritora, ministrante de cursos e palestras, produtora cultural, narradora de histórias e mediadora de leitura em escolas, feiras, bienais e eventos culturais e literários em diversas cidades do Rio Grande do Sul e do Brasil. Idealizadora e coordenadora do Seminário de Contadores de Histórias “Ao pé do ouvido”, do Encontro nacional de contadores de histórias, participante em projetos de incentivo à leitura em vários estados brasileiros, coordenadora do projeto Biblioteca Itinerante Griô, do projeto Divã de histórias/contos curadores, do espaço QG Pitocos na Feira do Livro de Porto Alegre e idealizadora do projeto Piquenique da leitura. A escolha por essas duas contadoras deu-se pelo fato de serem mulheres e gaúchas e também por causa da qualidade de seu trabalho.

Salienta-se que a contadora de histórias do Rio Grande do Sul nem sempre vai remeter a narrativas literárias, pois pode também oralizar *causos* passados entre as gerações e os grupos sociais. De acordo com Edgar Kirchof e Rosa Maria Silveira (2009, p. 205) “[...] (a existência

dos ‘causos’ de galpão, para não sairmos da ambiência gaúcha, está na memória de alguns de nós) [...]”. Neste viés, é preciso salientar que *causos* são considerados histórias que podem ter sido vividas ou inventadas pelas pessoas e acabam, na maioria das vezes, perpassando ao longo do tempo. Os livros de Lisana Bertussi, citados neste estudo, são exemplos de *causos* que circularam oralmente.

Além disso, a contação no Rio Grande do Sul está em plena expansão, utilizando-se do vocabulário gaúcho para deixar visível que suas raízes continuam preservadas. E, por fim, novos contadores gaúchos surgem a todo momento com técnicas e habilidades novas, a fim de aumentar a quantidade de ouvintes e, assim, promover interações literárias, levando diferentes histórias com temáticas variadas.

### 3.3 CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO YOUTUBE

Este tópico problematiza e discute a voz das contadoras de história Milene Barazzetti e Rosane Castro. A posição das contadoras foi sistematizada por meio de entrevista episódica, que possibilita às entrevistadas a liberdade de fala e narração de contextos e práticas, além de trazer situações concretas (tempo, espaço, pessoas, acontecimentos) vividas pelas entrevistadas. A tal respeito, segundo Flick (2004, p. 117), “O ponto de partida para a entrevista episódica é a suposição de que as experiências que um sujeito adquire sobre um determinado domínio estejam armazenadas e sejam lembradas nas formas de conhecimento narrativo – episódico e semântico”.

A entrevista episódica é marcada por episódios específicos em que as entrevistadas narram suas experiências de vida. Para que essa entrevista seja realizada, é essencial adotar um planejamento. Por essa razão, foram elaboradas questões direcionadas a noções concretas das entrevistadas, isso tanto no que diz respeito a questões específicas como a aspectos gerais, permitindo-lhes, assim, rememorar fatos da vida. Grande parte dessas questões estão relacionadas à trajetória das contadoras, pois se enseja que suas respostas contenham exemplificações.

A escolha desse tipo de entrevista deve-se ao fato de que ela permite autonomia para as entrevistadas. Portanto, o propósito almejado é que as perguntas guiem as contadoras a recordar acontecimentos e a expressá-los, de forma oral, em um diálogo narrativo-episódico. Para Flick (2015, p. 128), “[...] a entrevista episódica abre espaço às subjetividades e interpretações do entrevistado no contexto das narrativas situacionais”. Esse tipo de entrevista costuma ter duração média de 60 a 90 minutos e as perguntas possibilitam que cada entrevistado narre fatos

vivenciados e apresente seu ponto de vista sobre o tema abordado. O planejamento das entrevistas, realizado com base em Bauer e Gaskell (2002), está exibido no Quadro 1, Etapas de entrevista episódica, o qual apresenta as etapas, a descrição e a caracterização de cada momento da proposta da entrevista episódica elaborada para este estudo.

Quadro 1: Etapas da entrevista episódica

<b>Etapa</b>	<b>Descrição</b>
1- Preparação da entrevista	Deve-se ter um guia de entrevista com o fim de orientar o entrevistador para os campos específicos a respeito dos quais se buscam narrativas e respostas.
2- Introdução da lógica da entrevista	O entrevistador deve esclarecer a natureza das perguntas para o entrevistado e familiarizá-lo com essa prática.
3- Concepção do entrevistado sobre o tema e sua biografia	Antes de fazer perguntas pessoais ao entrevistado, torna-se necessário fazer perguntas subjetivas sobre o tema.
4- Verificação do sentido que o assunto tem para a vida cotidiana do entrevistado	As perguntas devem esclarecer o papel do tema na vida do entrevistado.
5- Enfoque das partes centrais do tema em estudo	Esse espaço deve fazer a relação pessoal do entrevistado com o tema central.
6- Definição dos tópicos gerais mais relevantes	Alguns tópicos mais gerais podem ser mencionados na entrevista para ampliar o tema abordado.
7- Avaliação e conversa informal	Esse momento é dedicado para o entrevistado falar sobre algo que deseja e que não foi perguntado.
8- Documentação	A entrevista deve ser gravada e transcrita em sua totalidade e detalhadamente, isto é, incluindo informações sobre o entrevistado (nome, gênero, idade, profissão, tempo de atuação na área) e da entrevista (local, duração, entrevistador e outros aspectos importantes).
9- Análise	Seguem-se os procedimentos de codificação temática para analisar aspectos relevantes das entrevistas.

Fonte: adaptado pela pesquisadora com base em Bauer e Gaskell (2002).

Neste tipo de entrevista, a memória mistura-se à realidade. As entrevistadas resgatam lembranças guardadas, lugares percorridos e fatos importantes para construir a narrativa com base na pergunta realizada. Assim como as contadoras narram histórias, elas também são convidadas a produzir de forma oral a narrativa de seu percurso profissional, o que propicia uma aproximação desse tipo de entrevista. Ou seja, enquanto promotoras de leitura, as



contadoras são capazes não apenas de apresentarem as contações ao público infantil, mas, por intermédio da entrevista, tornarem-se narradoras de suas próprias experiências. Com isso, a partir das orientações de Flick (2004, 2015) e do escopo teórico acerca de mediação cultural e da contação de histórias construída nesta dissertação, elaborou-se um roteiro com perguntas para guiar as entrevistas, que estão mapeadas no Quadro 2, Roteiro de perguntas para as entrevistas, indicando o percurso das duas entrevistas.

Quadro 2: Roteiro de perguntas para as entrevistas

Blocos	Tópicos
<b>Bloco 1</b>	<p><i>Esclarecimento do sentido que o assunto tem para a vida cotidiana do entrevistado</i></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>*Você tem alguma formação específica para contação de histórias?</li> <li>*Quando e como você começou a se interessar por contação de história?</li> <li>*Como é sua experiência de contação para crianças?</li> <li>*Você pode contar alguns momentos marcantes de sua carreira?</li> <li>*Você tem alguma rotina de trabalho?</li> <li>*Existe um passo a passo comum a todas as histórias a serem contadas ou cada história exige um processo diferente?</li> <li>*Existem técnicas que você gosta mais de usar? Quais?</li> </ul>
<b>Bloco 2</b>	<p><i>Contextualização da relação do entrevistado com o tema</i></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>*Qual a importância da contação de história na formação das crianças?</li> <li>*O que você entende por mediação de leitura literária?</li> <li>*Como você vê a contação de história contemporânea no Brasil?</li> </ul>
<b>Bloco 3</b>	<p><i>Enfoque das partes centrais do tema em estudo</i></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>*Você conta e também escreve histórias. Fale um pouco sobre esse processo criativo.</li> <li>*Você sente que teve dificuldades em alguns percursos de sua carreira?</li> <li>*Você acredita que a contação de história feita por mulheres é diferente das que são feitas pelos homens. Por quê?</li> </ul>
<b>Bloco 4</b>	<p><i>Questionamentos gerais</i></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>*Quais suas influências artísticas? Você tem algum(a) contador(a) que lhe inspira?</li> <li>*Como é sua relação com outros profissionais envolvidos na contação de história?</li> <li>*Como suas raízes e memórias influenciam no processo criativo?</li> <li>*A preparação de histórias veiculadas no Youtube são pensadas apenas por você?</li> <li>*Como é formada a equipe para a organização da contação de histórias?</li> </ul>
<b>Bloco 5</b>	<p><i>Conversa informal</i></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>*Em que contexto surgiu a ideia de contar histórias em canal de Youtube?</li> <li>*Como é sua rotina de contadora de histórias?</li> <li>*Como você se prepara para contar histórias no Youtube?</li> <li>*Você faz ensaio? Como? Com quem?</li> <li>*Como você constrói o cenário?</li> <li>*Você altera o cenário com que frequência ao trocar de história?</li> <li>*Acerca da duração da história, esse é um aspecto levado em conta?</li> <li>*Você organiza séries de histórias? Por qual(is) critério(s)? (temático, estrutural, outros)</li> <li>*Qual é o público que almeja no Youtube?</li> <li>*Que autores serviram de apoio para você se tornar uma contadora de histórias?</li> <li>*O que você acha que uma boa história para crianças precisa ter?</li> </ul>



	<ul style="list-style-type: none"> <li>*Você possui algum livro de sua autoria considerado preferido?</li> <li>*Se você não fosse contadora de histórias, o que seria?</li> <li>*Como você trabalha/articula com os comentários dos vídeos no Youtube?</li> <li>*Como você percebe/quantifica/mensura os vídeos produzidos?</li> <li>*Como ocorre a interação com os inscritos no seu canal?</li> <li>*Como é o pós-contação de histórias com o público?</li> <li>*Qual professora teve papel importante na sua vida?</li> </ul>
<b>Bloco 6</b>	<i>Fechamento</i>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>*Quais são seus futuros projetos envolvendo a contação de histórias?</li> <li>*Você tem mais alguma informação que gostaria de relatar?</li> </ul>

Fonte: elaboração própria (2023).

O roteiro para as entrevistas, como exposto, é composto por seis blocos, contendo um respectivo tópico central e demais questionamentos. A partir da entrevista com as contadoras, tornou-se possível observar que diversos tópicos foram dissolvidos ao longo do diálogo. De acordo com o exposto, o primeiro bloco abordou questões direcionadas à formação acadêmica, ao interesse pela contação de histórias, e à experiência, focando momentos marcantes da carreira, da rotina e as técnicas usadas.

No segundo bloco, questionou-se acerca da importância da contação de histórias, sobre o entendimento de mediação de leitura literária e a opinião sobre contação no contexto contemporâneo. No terceiro bloco, o enfoque foi o processo criativo de cada contadora, versando sobre as dificuldades encontradas na carreira e também sobre a existência ou não de diferenças entre homens e mulheres para contar histórias.

No quarto bloco, foram tratadas as influências artísticas, relações com outros profissionais, raízes e memórias vivenciadas no passado, preparação das histórias e formação de equipe. O quinto bloco serviu para revelar o contexto em que surgiu a ideia para contar história no Youtube, a rotina de contadora nessa atividade, a preparação, o ensaio, a construção do cenário, a duração da história, os critérios de escolha, o público almejado, os autores de apoio, os elementos necessários para uma boa história, o livro preferido de autoria da contadora, a escolha de outra profissão, os comentários dos vídeos na plataforma do Youtube, a interação com os inscritos no canal e a forma do pós-contação com o público. No sexto bloco, realizou-se o fechamento da entrevista com ênfase nos projetos futuros de cada contadora.

Para validar o instrumento, foi realizada, no dia 25 de janeiro de 2023, uma entrevista piloto com um contador de histórias, que também é escritor literário e roteirista em prol do teatro, da literatura e do cinema. Esse contador de histórias também é gaúcho e reside em Caxias do Sul/RS, tendo Licenciatura em Artes Visuais e experiências com contação de histórias em feiras, exposições e eventos.

As entrevistas com as contadoras escolhidas foram realizadas da seguinte forma: a primeira entrevistada foi Rosane Castro, em 15 de fevereiro de 2023, pelo Google Meet, com duração de 1h51min. A segunda entrevista aconteceu com Milene Barazzetti, no dia 27 de fevereiro de 2023, também pelo Google Meet, com duração de 1h50min. As duas entrevistas foram gravadas e transcritas pela pesquisadora. Na sequência, a transcrição foi encaminhada para cada entrevistada, para que elas pudessem fazer a leitura e efetuar ajustes que entendessem pertinentes. O envio da transcrição ocorreu por respeito às entrevistadas e à confiança depositada nesta pesquisa. Após as devoluções, a pesquisadora desencadeou o processo reflexivo.

A última etapa do processo compreendeu a realização da sumarização temática dos dados qualitativos. De acordo com Flick (2004), é conveniente o uso da codificação temática para realizar a observação dos dados coletados na entrevista episódica. Diante disso, o autor elenca pontos fundamentais da análise: 1) descrição do tema da entrevista; 2) descrição do entrevistado; 3) tópicos centrais citados pelo entrevistado.

Quanto ao tema da conversa, primeiro elemento indicado por Flick (2004), as perguntas abordaram a contação de história e a relação das contadoras com esse objeto por intermédio da plataforma do Youtube. Foram realizados também questionamentos acerca da experiência de cada uma, rotina de trabalho, mediação literária, dificuldades na carreira, influências artísticas, preparação das histórias a serem contadas entre outros assuntos que partiram do tema central.

Em relação às entrevistadas, segundo elemento apontado por Flick (2004), Rosane Castro atua como escritora, contadora de histórias e produtora cultural. Ela possui treze livros publicados, realiza oficinas de narração de histórias para incentivar mais leitores a ler, contar e ouvir histórias. Em 2023, Rosane foi patronesse da 24ª Feira do Livro em Esteio/RS.

Milene Barazzetti, além de professora da rede pública, é contadora de histórias em diversos eventos literários, ministrante de oficinas e mediadora de leitura em escolas, instituições e livrarias. Ela é escritora e possui nove livros publicados. Salienta-se que, nas entrevistas, tanto Milene como Rosane deixaram transparecer o encantamento que sentem pelo universo literário da contação de histórias não só com palavras, mas também pelas feições do rosto. Ambas contaram fatos vivenciados que enriqueceram ainda mais o diálogo, além de trazerem histórias de vida até chegarem ao momento que vivem atualmente.

Na sequência, o terceiro elemento elencado por Flick (2004), diz respeito a criar categorias como forma de salientar as falas de cada uma das entrevistadas. As categorias criadas pela pesquisadora surgiram a partir da leitura da transcrição das entrevistas, com base na gravação do vídeo e no documento escrito. A partir disso, foi possível analisar os principais

tópicos das conversas (esclarecimento do sentido que o assunto tem para a vida cotidiana do entrevistado; contextualização da relação do entrevistado com o tema; enfoque das partes centrais do tema em estudo; questionamentos gerais; conversa informal; fechamento) e realizar uma associação entre as considerações de cada contadora acerca dos assuntos tratados. As onze categorias de análise construídas estão apresentadas no Quadro 3, Categorias de análise das entrevistas, que traz a progressão das categorias que embasaram as entrevistas.

Quadro 3: Categorias de análise das entrevistas



Fonte: elaboração própria (2023).

A categoria “1”, **formação da contadora**, teve o propósito de discutir a formação da contadora. Averiguar, por exemplo, se a contadora possui curso complementar, de extensão ou de especialização, após a formação da graduação inicial, voltado à contação de histórias. Essa informação visa apresentar de que modo adquiriu o conhecimento para a arte de contar histórias. A tal respeito, Milene Barazzetti relatou que buscou aperfeiçoamento em diversas fontes formadoras, como em “[...] muitos cursos feitos, de muitos seminários assistidos”. Além disso, ela afirmou “[...] que o grande aprendizado vem dos seminários de contadores de histórias, porque, em seminários de contadores de história, tu tem o contato com diversos contadores de histórias, diversas formas de se contar e de se mediar leitura”.

A contadora enfatizou que seu conhecimento sobre contação de histórias se constitui a partir de cursos e de seminários feitos no decorrer do tempo e isso mostra que essas fontes se

tornaram essenciais para o aperfeiçoamento de sua aprendizagem e atuação. Similarmente, ela disse que seu interesse por contação de história surgiu na infância por intermédio de exemplos de integrantes de sua família e, ao tornar-se professora regente de turmas, sentiu que a contação era algo que precisava estar presente em sua rotina docente. Desde então, são mais de vinte anos de experiência de contação de história e, progressivamente, a contadora se sente melhor preparada para atuar no campo literário com públicos de diferentes idades, contando histórias de forma leve, agradável e feliz.

De modo semelhante, Rosane Castro, por sua vez, fez cursos e oficinas e explicou sua formação: “[...] fui atuando em grupos de teatro, em grupos amadores e profissionais e como autodidata”. A contadora relatou a importância de ter feito leituras de vários autores, como Molière, Nietzsche, Augusto Boal, Antony Ator, Constantin Stanislavski, Bertoni Best, além de Michèle Petit. Ainda, com a relação à sua formação, Rosane afirmou:

[...] eu sou uma pessoa da prática, sou uma pessoa da vivência, sou uma pessoa da observação, eu não fiz nenhum curso universitário sobre contação de história, ao mesmo tempo, eu fiz trocas muito importantes com colegas, eu fui uma pessoa e sou uma pessoa que aquilo que eu aprendo e apreendo eu já dou continuidade.

De acordo com a contadora, seu conhecimento apoia-se em cursos, oficinas, leituras e práticas rotineiras que lhe proporcionaram aprendizados importantes para a área profissional. Em suma, existem muitas formas para se tornar um contador de histórias. Milene começou no ambiente escolar, aprimorando a contação na sala de aula, enquanto Rosane foi atuando em outro segmento, ao explorar o contexto do teatro.

Cada contadora tem seu próprio público e um fazer artístico que se sobressai, transformando “[...] o conto e a narração em uma apresentação artística, o que pressupõe uma situação de apropriação e criação pessoal, fruto de aprendizagens geralmente adquiridas em oficinas e cursos de formação de contadores” (Rocha, 2010, p. 109). Além do que, para tornar-se um contador de história, é necessária a vontade de ir em busca do conhecimento e da experiência para contribuir no processo de aperfeiçoamento no decorrer do tempo. Essa ligação do ler diferentes textos em conjunto com a prática da contação de histórias é fundamental para alcançar a atenção do espectador por meio de mediações literárias eficientes.

Acerca da **rotina de trabalho**, o propósito da categoria “2” foi observar a forma como cada contadora costuma trabalhar em seu dia a dia com o universo da contação de história. Nesse sentido, buscou-se saber se há um ritual programado, um encadeamento de ações

preparatórias, e como são articuladas as contações ou se vivem a rotina sem planejamento diário. Referindo-se a isso, Milene relatou:

[...] eu tenho uma rotina assim que é a leitura de algumas histórias, então eu faço durante um tempo a escolha, depois [...] eu digito essas histórias pra eu poder memorizar elas melhor, depois eu leio ela várias vezes, depois eu leio em voz alta, depois eu marco no texto as partes que eu acho mais importante e se o conto é autoral, se o conto não é popular e tal, eu decoro mesmo aquela história tal e tal como tá ali [...].

Nota-se que a contadora tem em seu cotidiano tarefas programadas e organizadas para o ofício de contadora, iniciando com as leituras e as escolhas das histórias, após dá-se o processo de digitação, memorização e treinamento do ler por diversas vezes. Durante a entrevista, a contadora de histórias também destacou dados primordiais da contação, como a autoria, o ilustrador e a editora. Tais dados, como relata Yunes (2012), devem ser referenciados, pois, dessa feita, o contador de histórias torna-se um divulgador de obras literárias em suas mediações de leitura. De modo complementar, Rosane enfatizou:

[...] eu não tenho rotina, porque cada dia eu tô numa cidade. Se for pensar por este lado, não tem uma rotina: acordei, vou estudar, vou preparar uma história. Não! Porque a demanda, ela cada ano é diferente. Tem anos que sou muito mais contratada para contar histórias, então eu tenho que me dedicar muito mais à pesquisa de histórias. Tem anos que eu sou muito mais convidada para ser a escritora em eventos, aí são as histórias dos meus livros. Então, tem anos que é muito mais formação de professores [...]. Então, não tem muita rotina nesse sentido [...].

Constata-se que a contadora não segue uma prática padronizada e específica, por conta das diferentes e inúmeras demandas que aparecem anualmente, tais como os eventos destinados à contação de história, ao papel de escritora ou a formações para docentes. Em contrapartida, observa-se o envolvimento em diferentes frentes que centralizam o texto literário em contato com seu público, indicando uma representatividade no propósito da mediação de leitura.

Ademais, as respostas das duas contadoras possuem distanciamentos e especificidades, pois, por um lado, observa-se Milene afirmando que segue práticas habituais de preparação das histórias a serem contadas, de outro, Rosane identifica-se em uma trajetória dinâmica e adaptada a cada situação, em conformidade aos convites que vão surgindo para participação em diferentes demandas voltadas ao campo literário. Apesar das rotinas diferentes, ambas se propõem a realizar uma ação comprometida, que pode ser vista por meio do envolvimento, da motivação e da dedicação apresentados nos respectivos canais, buscando alcançar novos leitores.

Em relação à **contação de história na infância**, o objetivo da categoria “3” foi analisar a opinião das contadoras acerca da importância da contação de história na formação das crianças. Nessa categoria, buscou-se discutir possíveis benefícios do contato com o universo literário desde os primeiros anos, entendendo que o texto literário prima pela imaginação e pelo envolvimento das crianças com as histórias contadas. A posição das duas interlocutoras apresenta aproximações e aspectos que se complementam.

Para Milene, por exemplo, a contação de história na infância é um “[...] elemento de despertar para crianças, um despertar não só para alfabetização em si, uma alfabetização que eu tô falando aqui não só aprender a ler e escrever, mas uma alfabetização literária, um despertar de sentimentos e significados”. A contadora sublinhou o ouvir uma história, seja qual for o enredo, pois, em sua visão, a criança vai poder exteriorizar sentimentos como alegria, tristeza, medo, angústia entre outras emoções e fazer relações com algo de sua vivência. Esse processo contribui para a alfabetização literária, ou seja, uma apresentação da literatura infantil que interliga o contador ao leitor.

Diante disso, propagar a contação de história na infância, seja com narrativas curtas, simples, cantaroladas, com rimas, repetitivas, com acontecimentos imaginários promove o despertar para o literário. A postura da contadora pode ser associada aos estudos de Bruno Bettelheim (2009), pois o psicanalista enfatiza que a contação auxilia no tratamento das emoções bem como no reconhecimento de significados referentes a dificuldades e problemas que porventura surjam.

A opinião de Rosane acerca da importância da contação de história na infância salienta que a contação “[...] ajuda no desenvolvimento pleno do ser humano, na sua integralidade, é uma necessidade humana que nós temos, tanto quanto respirar, enquanto comer. A contação de histórias é também um instrumento curador”. É perceptível que Rosane remete a contação de história ao desenvolvimento pleno, por proporcionar diversas potencialidades fundamentais para a ampla formação da criança, como o contato com a linguagem e o estímulo à expressão oral, à atenção, ao pensamento e à imaginação, à vivência com emoções, à transmissão de saberes entre outros.

A criança que possui acesso a histórias desde cedo teria mais elementos para construir seu universo de aprendizado e valores de forma mais ágil, ao contrário daquela que não tem. Além disso, Rosane reforçou a posição de Candido (2011), ao considerar a literatura como uma necessidade humana indispensável, se igualando-se às demandas básicas como o transporte e a assistência médica. E ainda corroborou o entendimento de Busatto (2012) acerca da contação

de história ser comparada a um instrumento curador ou a um remédio terapêutico, não possuindo contraindicações, nem efeitos colaterais, mas estabelecendo a cura da alma.

Com base no posicionamento das contadoras, ressalta-se a aproximação das respostas quanto à concordância de que a contação de história proporciona benefícios para a formação das crianças. Também se evidenciam aspectos que se complementam, tendo em vista que cada uma relatou, conforme sua experiência, diferentes vantagens do contato com narrativas. Nesse caso, Milene destacou que o acesso à literatura na infância desenvolve a alfabetização literária, enquanto Rosane entende que, além de auxiliar no desenvolvimento integral da criança, a contação serve também como remédio de cura.

Na categoria “4”, que trata da **mediação de leitura literária**, identificou-se que as respostas obtidas por meio das entrevistas foram particulares. O objetivo dessa categoria foi explorar o entendimento das contadoras sobre o assunto, em outras palavras, o que cada uma interpreta sobre o conceito de mediação literária. Salienta-se que a presença do mediador de leitura faz com que as histórias sejam contadas e a obra literária amplie seus significados e, assim, cria-se uma experiência única e transformadora.

Para Milene, por exemplo, a mediação de leitura literária implica ler “[...] para novos leitores, colocando um pouco da tua interpretação naquilo e auxiliando caminhos para que o leitor que ainda não sabe ler aquela história [...]”. A contadora, ao realizar uma mediação, enfatiza que “[...] a mediação de leitura, ela é muito além da leitura, porque ali tu vai fazer uma análise sobre a forma que o escritor utilizou, a forma que o ilustrador utilizou [...]”.

Milene sinalizou, durante a entrevista, o uso da interpretação para mediar uma história, para que assim se criem oportunidades para alcançar o espectador, além de ter o cuidado de não afastar a escrita do autor e as imagens do ilustrador, prestigiando esses dois elementos que são essenciais para a construção do livro infantil. Milene destacou que usa sua interpretação ao mediar, dando um toque a mais no percurso da leitura, e ainda tem a preocupação de observar o modo que o escritor e o ilustrador estão utilizando para expressar determinado fato. A mediação de leitura não é um simples ato de ler, vai muito além disso, é um encontro que provoca várias reações e que se destina a chegar até o público. No tocante à mediação de leitura, Rosane entende que essa ocorre

[...] quando você vai estar com um objeto literário, você vai estar com livro e você vai proporcionar esse encontro entre livro e leitor. E a mediação pode se dar de várias formas, não necessariamente só pela contação de história ou só pela leitura do livro, mas por toda a intenção que você tem [...]”.



Rosane ressaltou que a “[...] mediação é quando você consegue alcançar esse objetivo de, a partir da leitura do texto, poder ir para além do texto, poder ouvir outras interpretações [...]”. Na visão da contadora, a mediação de leitura acontece quando o contador cria condições de aproximação entre o livro e o leitor. Além disso, ela destacou que, por intermédio da intenção que se tem, voltada para o contexto literário, pode-se também promover momentos de mediação. E, por fim, quando se criam possibilidades de escutar opiniões sobre determinado texto, adentrando-se em suas minúcias, atingem-se oportunidades literárias.

A antropóloga Michèle Petit (2019) aborda que a mediação de leitura proporciona ao leitor encontrar um lugar no mundo e, assim, poder locomover-se, sentir o desejo de celebrar a vida, de alimentar o pensamento e de formar um “coração inteligente”. As reflexões realizadas pelas contadoras bem como as discussões teóricas de Petit (2019) enaltecem a questão de interpretação que a mediação de leitura provoca e, dessa forma, torna possível várias reações no leitor, como: a sensação do viver, do pensar e das emoções oportunizadas pelo envolvimento com o texto literário. Devido ao exposto, destaca-se que ter aproximação com os livros torna-se não somente gratificante, mas também benéfico para o bem-estar de qualquer um que esteja disposto a mergulhar em narrativas que transbordem seu imaginário.

Na categoria “5”, definida como **processo criativo da contação de história**, analisou-se o que cada contadora oralizou ou escreveu em suas histórias, ou seja, se existe uma preferência por tema para contar uma narrativa e como se origina o processo de escrita. Milene relatou:

[...] conto histórias folclóricas, eu já reescrevo essas histórias e coloco algumas coisas minhas e, a partir dali, também que acabam vindo ideias para histórias novas que eu vou escrever também ou a partir de coisas que vão acontecendo, que aconteceram comigo, em algum momento que eu vi alguém fazer, que observei que alguma pessoa fez. Eu anotei aquilo e aquilo vai virar uma história [...].

A partir do exposto, identifica-se que a mediadora faz contação, reescreve e escreve histórias. No ato do contar, tem preferência por narrativas folclóricas, gosta da prática da reescrita de narrativas e ainda escreve histórias oriundas de seu pensamento ou de fatos rotineiros, contribuindo com o fazer literário. Todo esse processo demanda tempo de preparação até ficar do modo que Milene almeja. Segundo informações obtidas com a entrevista, a contadora preocupa-se com cada palavra dita durante a contação de história e também na escrita das obras. Seu público já reconhece seu modo de trabalhar e comenta sobre isso com a própria contadora.



A contadora de histórias Rosane Castro também contribuiu para o entendimento de seu processo criativo associado ao ato de contar histórias. Quanto ao processo criativo, Rosane declarou que

[...] ele se dá nesse lugar de querer ter um conteúdo material sobre algum tema que eu não encontrava nos livros e também hoje eu vejo que acredito que possa ser assim com todos os autores, mas eu coloco nos livros um pouco de quem eu sou ou grande parte de quem eu sou. Então eu falo de coisas que me interessam, eu falo de temas que me interessam, eu falo de personagens que determinado momento eles se encontram, eles se ajudam, eles trocam, que são pessoas diversas pra viver numa sociedade plural, numa sociedade mais justa.

Além de contar, ela escreve histórias com temas que atendem às demandas do momento e que não foram explorados por outros escritores, buscando deixar nas obras sua identidade com assuntos de seu interesse. A criação de um estilo pessoal tem sido um desejo da contadora, que almeja filtrar cada palavra, para poder assim transmitir qual a sua verdadeira intenção tanto no momento de contar uma história, quanto em escrever um livro literário.

Milene e Rosane articulam seus processos criativos de forma projetada para o público infantil, visando a propiciar a curiosidade, a exploração, o encantamento, o questionamento, entre outras possibilidades que envolvam a participação e a imaginação das crianças. Com base na experiência que cada uma possui, identifica-se a presença de um domínio para contar ou escrever uma história, o que contribui para motivar a formação de futuros leitores.

Com o tópico, **dificuldades encontradas na carreira**, categoria “6”, teve-se como objetivo averiguar a existência ou não de obstáculos no percurso das tarefas e das obrigações voltadas ao ato de contar histórias. Salienta-se que os percalços, quando surgem, apesar das dificuldades impostas, provocam aprendizados necessários para a condução da prática que envolve a contação. Nessa perspectiva, Milene expôs que

[...] dificuldades a gente sempre tem um pouquinho, mas eu não posso reclamar. Assim, eu sempre tive muita abertura de muitas pessoas assim no mundo literário, principalmente contadores de histórias, outros contadores de histórias sempre me ajudaram, me deram dicas e disseram, eu acho que tu tinha que fazer assim ou assado, isso não tá legal. Quanto à escrita também, os livros, a dificuldade maior. Enquanto escritora, é uma publicação na editora maior por conta de que tem algumas indicações pra tu chegar lá, no primeiro momento, é difícil conseguir entrar [...].

A contadora relatou sobre as complexidades enfrentadas no campo literário com ênfase em suas próprias fragilidades enquanto contadora de histórias e escritora, que, com o tempo, foram sendo supridas com o auxílio e as orientações de seus colegas. Além disso, ela entende

que as vivências contribuem para o aprendizado e o aperfeiçoamento das atividades, tendo em vista as demandas e o fluxo exigido pelas editoras.

Ao tratar de possíveis dificuldades da contação de histórias, a contadora Rosane Castro referiu

[...] que toda carreira tem seus percalços. Primeira é começar uma carreira sem ter certeza que você está fazendo sempre de uma forma muito instintivo, sempre muito instintivo, muito pela observação, pela prática, pelo conhecimento do corpo, pelo conhecimento da voz, mas sempre muito com a emoção, sempre buscando entregar para o outro o melhor [...] e alguns obstáculos, sei lá, eu acho um pouco também dessa questão assim de comparação de um artista pra um outro, sabe, eu trabalho muito com isso.

Rosane expôs, ao referir-se aos obstáculos, essa preocupação que ocorre no início da carreira, questionando-se se o que está sendo feito é suficiente para atingir o público e satisfazer o momento de contação. Além disso, durante a entrevista, enfatizou a existência do mercado comparativo, que cria analogias e dita comportamentos e valores entre os artistas.

As contadoras parecem reagir de forma semelhante aos obstáculos presentes na formação e nas atribuições do contador de histórias. Ambas refletiram sobre as incertezas enfrentadas pela falta de experiência no início da carreira e sobre a preocupação de oferecer um trabalho de qualidade aos leitores e aos ouvintes. Rosane acrescentou a comparação entre artistas feita pelo próprio mercado literário, o que é um hábito que se torna desgastante, pelo fato de que cada contador tem características próprias para exercer suas atividades, sem ter a necessidade de absorver atos alheios, ou seja, cada profissional possui singularidades para executar seu trabalho, diferenciando-se dos outros, sem precisar de imitações.

Acerca das **influências artísticas**, categoria “7”, propôs-se saber quais são os contadores, escritores, artistas em geral que serviram como referência para a construção da carreira das duas entrevistadas. Entende-se que essa aproximação entre os pares é necessária para o desenvolvimento do contador de histórias. Nesse sentido, estar cercado por pessoas que estão inseridas no meio literário auxilia como exemplo e inspiração para inovar a forma de contar histórias, logo, há a construção de novas aprendizagens que se configuram em prol de uma profissão sólida e edificante.

No que diz respeito a essa rede de influências, Milene enfatizou “[...]o primeiro, assim, contador de histórias que eu olhei, falei: nossa, que lindo! Me emocionei vendo ele contar história ao vivo, assim que não foi no Youtube, foi o Celso Sisto [...] no Seminário de contadores de história, em Porto Alegre. [...]” No decorrer da entrevista, em outras ocasiões permeadas pelas perguntas, Milene acrescentou:

[...] vi outras pessoas: eu vi Luciano Pontes, vi Rosane Monteavelli, vi Giba Pedrosa, vi Aline Cantia, vi Beatriz Myrrha, eu vi Roger Castro, eu vi Bárbara Catarina, eu vi Rosane Castro, Eleonora Castro [...], os Cirandeiros da palavra, Andréa Cose, Sônia. Então, cada um tem um pouquinho e acaba te mostrando um pouquinho de si e tu acaba aprendendo um pouco com cada um [...].

Milene mencionou diferentes contadores que serviram de exemplo para a construção e o aperfeiçoamento de sua carreira. Na entrevista, ela lembrou um fato curioso, salientando que o primeiro contador a que teve acesso de forma presencial e que a deixou maravilhada com o universo da contação de história foi Celso Sisto. Em sequência, vários outros artistas passaram em sua vida e engrandeceram seu conhecimento acerca da contação de histórias, permitindo novos aprendizados por meio das atuações observadas.

De modo semelhante, Rosane citou alguns contadores que foram inspiração para o ato de contar histórias:

[...] Alessandra Vicentim, que é de Minas Gerais, Sandra Alane, que é de Minas, Beatriz Myrrha, que é de Minas, Lucrecia Borges, que é de Minas [...] São Paulo [...] a Ivani Magalhães, Andréa Souza, Vanessa Meirichi. Paraná tem o Danilo Furlan [...], Cléo Cavalcante. Santa Catarina [...] a Gerold [...]. Tem pessoas que eu admiro na contação de histórias, como a Regina Machado [...].

Durante a entrevista, Rosane Castro salientou que, além de conhecer todos os contadores que nomeou, tornou-se amiga deles, e que eles lhes serviram de referência para a construção de sua aprendizagem e atuação perante o público. Desse modo, contempla-se que o contador de histórias possui uma rede de relacionamento, em que um auxilia o outro.

Milene e Rosane citaram inúmeros contadores conhecidos e renomados do país, do universo da literatura, que provocaram influências artísticas positivas para sua carreira. Cada contador referenciado possui características próprias no ato de contar histórias, deixando registrados ensinamentos, valores e experiências, além de elevar a fruição da imaginação dos espectadores. Observa-se, com isso, o quanto é imprescindível ter bons exemplos a serem seguidos, o que agrega não somente à formação pessoal, mas também ao campo profissional.

Salienta-se que o contato entre os contadores mencionados ocorre também por meio das redes sociais, em encontros literários e, até mesmo, em eventos afins que promovem o texto literário. Nesses momentos, prestigia-se a troca de experiências permeada pelas conversas e pelos encontros em seminários, congressos e feiras do livro, permitindo o compartilhamento de vivências, de dicas e de ensinamentos de forma coletiva. Forma-se, então, uma rede de apoio e de solidariedade que propõe aos contadores fortalecerem seus laços, com vistas a projetar ações

conjuntas, enquanto fomentadores da mediação da leitura literária, da oralidade e da democratização do acesso ao universo da contação de história.

Com relação às **histórias veiculadas no Youtube**, categoria “8”, as contadoras trouxeram respostas semelhantes sobre suas experiências com o canal de vídeos. O propósito da oitava categoria foi saber se toda a preparação das histórias contadas é realizada apenas pela contadora ou se existe uma equipe que auxilia nesse trabalho. Essa categoria abrangeu elementos como gravação, edição e escolha das narrativas que representadas. Destaca-se que a combinação desses elementos contribui para atender ao tema desta pesquisa.

Sobre as histórias, Milene respondeu: “[...] eu fazia tudo, gravava, editava, fazia tudo, mas eu gosto muito assim do resultado que deu no Youtube e o quanto isso alcançou e o quanto isso ajudou muita gente [...]”. A contadora complementou indicando que a utilização do canal ocorreu de forma mais ativa no período de pandemia, em que postava contações de histórias de sua autoria e também de outros autores, com a devida autorização. Milene realizava sozinha o desenvolvimento de todo o trabalho de gravação e de edição dos vídeos para a plataforma do Youtube. E, com isso, se sentiu satisfeita por ter alcançado boas visualizações dos vídeos postados, assim, contribuindo, de certa forma, com a missão de transmitir, mesmo sendo por tela, uma parcela do universo literário para os mais variados públicos.

A contadora Rosane relatou que as histórias veiculadas no Youtube “[...] são pensadas por mim e, assim, num primeiro momento, durante a pandemia, eu criei histórias curtas, histórias que eu pudesse contar com mais agilidade [...]”. A maioria das publicações no canal da contadora ocorreram no período da pandemia, tendo essa sido uma forma encontrada para propiciar momentos literários, já que ela estava abalada psicologicamente por todo o contexto em que o mundo vivia por causa da gravidade da situação da Covid-19.

A entrevistada realizou sozinha todo o trabalho até o vídeo estar pronto para ser veiculado no canal. Durante a entrevista, a contadora relatou que sentiu dificuldades no momento da gravação, pois não tinha espaço físico para esse propósito e nem iluminação adequada para produzir conteúdo com qualidade. Além de contações de histórias de diferentes textos literários, Rosane, em seu canal, postava entrevistas com vários outros contadores de histórias de diferentes municípios, mostrando a importância dos colegas que fazem a mesma atividade e pertencem ao mesmo grupo.

A plataforma do Youtube tornou-se, pois, ferramenta essencial tanto para Milene quanto para Rosane realizarem suas contações no período pandêmico, já que havia impedimento para que tal atividade fosse feita por qualquer ação presencial. Logo, as narrativas adaptadas pelas contadoras em seus respectivos canais configuram o propósito de alcançar a mediação literária

e cultural, criando um elo de envolvimento do encontro da ficção, seja oral, escrita ou, até mesmo, por intermédio da utilização de recursos digitais, como foi o caso nesse momento de distanciamento social.

Observa-se, por fim, que Milene relatou ser a responsável por toda a preparação das histórias apresentadas em seu canal, salientando, em sua fala, em especial, a parte de gravação e edição dos vídeos que são postados para seu público. De modo equivalente, Rosane Castro é encarregada por todo o trabalho realizado para manter o canal ativo, destacando, na entrevista, a informação de que a escolha das narrativas e a preparação para a contação é pensada e projetada por ela. Atendeu-se, dessa forma, o objetivo central dessa categoria.

Referente ao **contexto da contação de história no Youtube**, categoria “9”, é possível perceber aproximações nas respostas das duas contadoras. A proposta dessa categoria visou a analisar quando surgiu a ideia de utilizar a plataforma do Youtube para veicular suas produções culturais. Além disso, questionou-se se há ainda interesse, no momento atual, pós-pandemia, por parte das contadoras, em postar mais conteúdos no canal ou se a ideia é continuar com a contação de histórias apenas no formato presencial. As ponderações de Milene sobre essa condição retratam:

[...] o canal surgiu porque eu fui fazer uma atividade do Sesc, aí o pessoal do Sesc falou assim: - Aí, Milena, tu conta tão bem história [...], mas o pessoal do Sesc comentou que tu tinha que ter um alguma coisa no teu canal pra quando a gente vai mostrar a cidade [...], mostrar um pouquinho do teu trabalho e tal. Aí, no primeiro momento, eu coloquei assim gravações de participações que eu tive em feiras e coisas que as pessoas gravavam e me mandavam, eu coloquei ali. Aí, depois, eu comecei [...] a gravar algumas histórias, daí, logo depois, veio a pandemia, daí isso acabou ficando mais forte [...].

A partir desse relato, observa-se que a contadora iniciou sua trajetória no Youtube a pedido do SESC e, em seguida, veio a pandemia, quando ela alavancou o número significativo de postagens, pois tinha tempo para se dedicar a esse tipo de trabalho, que demanda uma preparação diferenciada. A contadora reforçou que, no ano de 2023, sua dedicação tornou-se exclusiva para a contação de história de forma presencial, mas que ainda assume o compromisso de fazer novas postagens, porque o meio digital alcança aquele ouvinte que, às vezes, não é possível ser encontrado presencialmente e, assim, consegue lhe apresentar um produto simbólico, favorecendo a mediação.

Para Rosane, a contação de história no Youtube “[...] surge nesse contexto da pandemia [...]”. A contadora revelou que foi no período pandêmico que dedicou mais tempo para realizar um trabalho com maior enfoque nesse tipo de plataforma. A partir de então, foram postados

vídeos com diferentes contações de histórias, gravados e editados por ela mesma. Além disso, ela se preocupa em ser uma contadora ativa, que acompanha as tecnologias digitais e a inovação do setor tecnológico, estando em constante aprendizagem para utilizar cada ferramenta e, dessa forma, a contadora pretende continuar com novas postagens, com o intuito de levar seu trabalho a locais que sua presença física não alcança.

A partir do exposto, nota-se que as duas contadoras privilegiaram seus canais do Youtube no período da pandemia, vislumbrando a contação de história como uma opção de encurtar distâncias e de construir uma nova forma de vida para o momento de distanciamento social. Dessa perspectiva problemática que o mundo enfrentou, destaca-se o entendimento de Candido (2011), ao dizer que a literatura enquanto arte é social, tanto pelo contexto em que é produzida como pelo resultado prático que causa naqueles que entram em contato com ela, seja alterando suas visões de mundo ou fortalecendo o sentimento de determinados valores sociais. Com base nisso, pode-se afirmar que a literatura tem a capacidade de ser integrada a diferentes realidades vivenciadas, desempenhando uma função de auxiliar na compreensão da realidade e na interação com as emoções, tornando a vida mais rica e plural.

Ademais, no momento atual, em decorrência da demanda de trabalho, Milene e Rosane priorizam a contação de histórias no formato presencial, contudo, os canais continuam a existir e estão à disposição para qualquer espectador que tenha interesse em acessá-los. Além disso, quando tiverem tempo, as contadoras postarão novos vídeos de contação em seus canais. Devido à importância de fomentar a mediação literária e de cativar novos leitores, torna-se relevante manter o fomento de conteúdo na plataforma do Youtube, pois, mediante esse mecanismo, pode-se chegar a lugares de outra forma inacessíveis.

No tocante aos **elementos para uma boa história**, categoria “10”, o objetivo foi analisar o que precisa ter para que exista uma história de qualidade. Nessa categoria, primou-se pelos elementos essenciais para a contação de histórias, de acordo com a experiência de cada uma das contadoras entrevistadas. Desse modo, buscou-se descobrir se há algum ingrediente especial ou uma “receita pronta” que se possa aplicar para chegar próximo à perfeição a tal respeito e, assim, conquistar a atenção do espectador.

Para esse questionamento, Milene respondeu que uma boa história precisa “[...] ser inteligente, criativa, deve fazer talvez a criança ter medo, chorar, rir, brincar, acho que é isso, criar, ter vontade de ler”. Observa-se que a resposta de Milene, ao referir que a narrativa precisa ser inteligente, pretende abordar que o enredo tenha uma lição de vida ou algum elemento que faça o ouvinte concatenar ideias, permitindo a assimilação e discussão de valores.

Além disso, entende-se que a narrativa precisa ser também criativa, reiterando a importância e a necessidade de apresentar o universo da fantasia, permeado pela magia e pelo encantamento oportunizado pelo texto literário. A entrevistada relatou, ainda, que a história selecionada para a contação deve provocar distintos sentimentos na criança, estimulando diferentes reações no decorrer da história. E, dessa forma, com a junção, segundo a contadora, dos elementos inteligência, criatividade e sentimentos tem-se os melhores ingredientes para uma boa história a ser contada.

Quanto às estratégias para uma boa contação de histórias, Rosane, por sua vez, relatou que uma história cativante para crianças precisa ter

[...] um contador que cativa, que dê a essa história vida [...]. A história pode ser ruim e um contador de histórias bom vai transmitir de uma forma que vai dar vida pra aquela história, eu acho que a gente precisa de bons seres humanos, seres humanos que têm um bom sentimento, com empatia, com verdade, com essência [...].

A entrevistada sublinhou a importância que o contador exerce perante o espectador, sendo ele o responsável pela transmissão e demarcação do início, do meio e do fim da narrativa. Segundo a contadora, por intermédio da performance do contador, torna-se possível que se adentre no teor do enredo e, assim, se possa mergulhar no universo do encantamento. Zumthor (2007, p. 45), acerca do conceito de performance, entende que “[...] a maior parte das definições de performance põe ênfase na natureza do meio oral e gestual”. Nesse contexto, nota-se que a performance do contador se materializa por meio da voz, dos movimentos corporais (gestos), do cenário, da participação do público, do figurino entre outros elementos que contribuem para a contextualização da narrativa.

Em vista das respostas das duas contadoras para esta categoria, acerca do que é preciso ter para existir uma boa história, Milene alicerçou seu pensamento nas reações emotivas provocadas pela história selecionada, enquanto Rosane se embasou na qualidade da desenvoltura do contador. Ambas as respostas são pertinentes para o propósito de contar histórias, são complementares e adequadas ao contexto literário, haja vista que a contação de história transmitida de forma inteligente, criativa e emotiva favorece a desenvoltura do contador.

A categoria “11”, por fim, teve foco em **projetos futuros**. O propósito era saber quais são os próximos trabalhos a serem desenvolvidos ou projetos previstos para os meses subsequentes. Nesse sentido, buscou-se entender como as atividades que envolvem a contação



de histórias são projetadas ou preparadas para novas situações ou eventos. Nesse ponto, Milene expôs:

[...] com relação à feira de livros, tô mais voltada para contação de história das minhas histórias, dos meus livros [...] tô preparando agora uma série de histórias da Gláucia Souza [...] e, além disso, muitas histórias também, eu tô lendo agora, escolhendo que são histórias indígenas que eu sempre coloco no meu repertório do ano, algumas histórias indígenas e africanas [...].

A partir dessa fala, observa-se que a contadora direciona sua atenção para os trabalhos seguintes, que estão voltados à preparação para contar as histórias dos livros de sua autoria, como *O cheiro de Sagu*, das histórias de Gláucia Souza, que serão contadas em forma de poema, e da leitura de narrativas com teor indígena e africano. Diante disso, entende-se que a contadora se organiza previamente para as atividades, atendendo diversas demandas culturais e explorando a contação de histórias de diferentes maneiras.

Sobre as ações futuras, Rosane Castro informou que suas perspectivas são

[...] projetos não só de contação de histórias, mas de artes integradas, onde os artistas vão nas escolas receber os professores na volta do ano letivo [...] um projeto de executar a 17ª edição do *Ao pé do ouvido* [...] tem um projeto de uma caixa literária, que é uma caixa que contém poesias [...] e tem outro livro que eu quero publicar [...].

A entrevistada explicou que o projeto de contação de histórias realizado nas escolas, além de ser literário, torna-se também artístico, pois os professores criam, por exemplo, marcadores de páginas, que são trocados entre diferentes escolas. Ademais, a contadora é incentivadora e participante do Projeto *Ao pé do ouvido*, que oportuniza o encontro de contadores de histórias em prol de mediações literárias, troca de experiências e de novos aprendizados. Rosane apresentou ainda o desejo de implantar o projeto “Caixa literária”, voltada ao fomento de poesias e também para a publicação de um novo livro de sua autoria. Com base nisso, ressalta-se que a contadora articula diferentes ações que colocam em centralidade o fomento do texto literário.

A partir dos apontamentos das contadoras, destaca-se que Milene tem sua perspectiva de trabalhos futuros voltada à contação de histórias, enquanto Rosane vislumbra não somente literatura, mas também as artes. Ambas as contadoras estão em constante aprendizado e em busca de novos desafios que as motivem para o crescimento pessoal e profissional. Além disso, observa-se que as ações e os projetos voltados para o meio literário são estudados e organizados de forma prévia, tendo uma atenção especial e um preparo antecipado.



Em suma, a realização das entrevistas expôs o percurso das contadoras, estabelecendo aproximações e distanciamentos entre suas posições e suas experiências, mas salientando os propósitos e a demonstração de encantamento pelo universo literário que elas têm. As duas contadoras possuem memórias afetivas, fatos de vida e inspirações voltadas ao contexto da contação de histórias, entrelaçando a arte de contar histórias por meio de suas vozes. As entrevistas possibilitaram conhecer melhor o trabalho de cada uma, a carreira e a preparação das contações de história postadas na plataforma do Youtube.

Além da realização das entrevistas, buscou-se efetivar, por intermédio de categorias de análise, aspectos essenciais ditos pelas próprias contadoras em suas funções na contação de histórias e na mediação literária. A sensibilidade de Milene e de Rosane em buscar estratégias para continuar contando histórias está presente na rotina de seus trabalhos. Por isso, assim como Petit (2019) lembra que a palavra não existe desvinculada do humano, da presença física e da corporeidade, as vozes das contadoras não se calam, pois encontram frestas para chegar ao outro e, dessa forma, promover a mediação literária.

Por fim, destaca-se que este capítulo indagou sobre a diferenciação entre o dizer e o contar, percorrendo acerca da contação de histórias no estado do Rio Grande do Sul e também em canais no Youtube, com a apresentação das entrevistas realizadas com Milene Barazzetti e Rosane Castro, ambas comprometidas com a oralização de livros.

#### 4 MEDIAÇÃO DE LEITURA LITERÁRIA NO YOUTUBE

Este capítulo analisa, após discorrer acerca das entrevistas, dez vídeos de contação de histórias produzidos pelas contadoras Milene Barazzetti e Rosane Castro e divulgados na plataforma do Youtube. Além de apreciar cinco vídeos de cada uma, o estudo contempla a posição dos interlocutores frente a cada contação e, por fim, analisa como ocorre a mediação do texto apresentado pelas contadoras.

Este tópico também caracteriza as obras literárias usadas na contação pelas entrevistadas. Milene apoiou-se em *Para que serve um livro?* (Legeay, 2012); *O monstro das cores* (Llenas, 2012); *A princesa e a ervilha* (Andersen, 2010); *A cesta de dona Maricota* (Belinky, 1998); e *Caixinha de guardar o tempo* (Roscoe, 2012). Rosane elegeu: *A menina que colecionava estrelas* (Caetano apud Castro, 2021c); *A mulher árvore* (Hérmendez apud Castro; Moura, 2021b); *A aranha e o buraco da fechadura* (Vinci apud Castro; Moura, 2021a); *A ilha dos sentimentos* (Câmara apud Castro, 2021b); e *A caixa de Pandora* (Autor desconhecido apud Castro, 2021a). Essas histórias foram veiculadas nos canais das duas contadoras entre fevereiro e julho de 2021. Elas tiveram o maior número de visualizações registradas até 14 de fevereiro de 2022.

Os elementos analisados nos vídeos selecionados estão postos no Quadro 4.

Quadro 4: Elementos analisados

1	Informações da história (autor, editora, enredo e imagem)
2	Conexão da contadora com o espectador
3	Atuação da contadora (uso de movimentos corporais, expressões faciais, entonação da voz)
4	Figurino
5	Características do cenário
6	Qualidade de gravação, som, luz, e edição

Fonte: elaboração própria (2023).

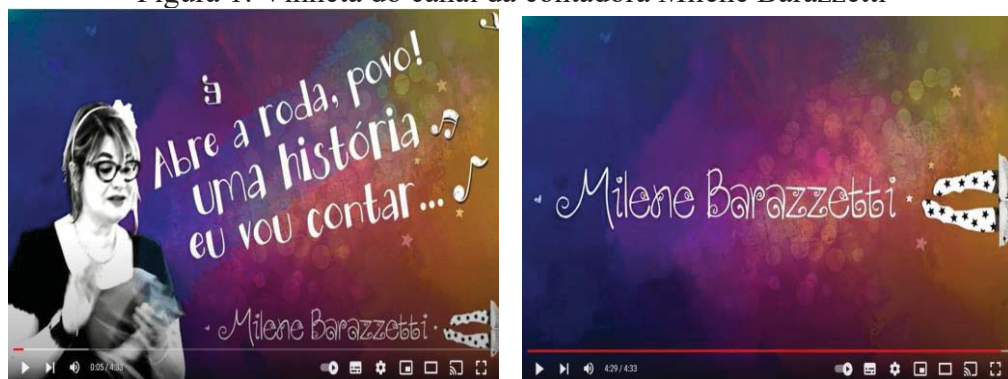
Os elementos citados no Quadro 4 são basilares para a descrição e análise dos vídeos. A escolha deu-se por considerar que tais elementos são relevantes no contexto da contação gravada. Dessa forma, objetiva-se esmiuçar a apresentação de cada vídeo.

#### 4.1 CANAL DA ESCRITORA E CONTADORA DE HISTÓRIAS MILENE BARAZZETTI

Desde 2011, Milene Barazzetti possui canal próprio na plataforma do Youtube<sup>2</sup> contendo vídeos com contação de história. O canal é voltado para histórias infantis, contos de fadas e lendas populares de diferentes culturas. Milene utiliza recursos como música, ilustrações, animações entre outros para enriquecer as narrativas e torná-las ainda mais atraentes para o espectador.

Os cinco vídeos apresentam a mesma vinheta inicial com trilha sonora, a imagem da contadora e das pernas de uma criança (em posição horizontal), letras vazadas com a frase “Abre a roda, povo! Uma história eu vou contar...”, letras desenhadas com o nome da contadora e indicação de musicalidade por meio das notas musicais. A vinheta de finalização repete o nome da contadora com letras desenhadas e a imagem das pernas de uma criança com um livro aberto sustentado pelos joelhos (Figura 1).

Figura 1: Vinheta do canal da contadora Milene Barazzetti



Vinheta inicial

Vinheta final

Fonte: Canal do Youtube de Milene Barazzetti Machado.

Com relação à apresentação visual do canal de Milene, encontrada na Figura 2, chama-se a atenção para a imagem superior (da abertura) que traz capa de livros e partes de bonecas, que podem mobilizar a curiosidade e serem atualizadas em diferentes contações. Encontra-se a foto da contadora sorrindo e segurando dois livros diante de uma parede colorida. No canal, o nome da contadora está com o sobrenome Machado, porém, nas vinhetas, aparece apenas

<sup>2</sup> Disponível em: <http://www.youtube.com/c/MileneBarazzettiMachado>.

Milene Barazzetti, seu nome artístico, sinalizando como tende a ser identificada. Até a data de 29 de julho de 2023, o canal possuía 1,05 mil inscritos com 228 vídeos postados (Figura 2).

Figura 2: Abertura do canal da contadora Milene Barazzetti



Fonte: Canal do Youtube de Milene Barazzetti Machado.

A escolha dos vídeos selecionados deu-se por meio dos critérios: temporal (publicados entre fevereiro e julho de 2021) e pelo maior número de visualizações até a data de 14 de fevereiro de 2022. A análise de cada um dos vídeos de Milene segue a ordem do maior para o menor número de visualização, conforme apresentado no Quadro 5.

Quadro 5: Vídeos selecionados da contadora Milene Barazzetti

Nº de visualizações	Duração	Título	Autor(a)
934	4min34s	<i>Para que serve um livro?</i>	Chloe Legeay
214	5min39s	<i>O monstro das cores</i>	Anna Llenas
209	4min17s	<i>A princesa e a ervilha</i>	Hans Christian Andersen
176	3min06s	<i>A cesta de dona Maricota</i>	Tatiana Belinky
170	4min32s	<i>Caixinha de guardar o tempo</i>	Alessandra Roscoe

Fonte: elaboração própria (2022).

O **primeiro vídeo** analisado, com duração de quatro minutos e trinta e quatro segundos, traz a contação de história da obra literária *Para que serve um livro?* (Legeay, 2012). Com relação ao primeiro elemento em análise, o texto é escrito por Chloé Legeay, com tradução de Márcia Leite, e foi publicado pela editora Pulo do Gato. Não há indicação de ilustrador.

O enredo é composto por reflexões e provocações humoradas e criativas sobre a utilidade de um livro. Não há respostas para as questões postas, mas existem várias construções imaginárias a serem pensadas. No percurso da história, a partir dos 32s, é revelado que um livro pode se tornar “esconderijo de tranquilidade”, “um carinho”, “a voz de alguém” e, ao se aproximar do final, nos 4min02s, surge uma sugestão para o ouvinte: “Que tal fazer um livro você também?” (Barazzetti, 2021e).

A contadora inicia sua narrativa apresentando aos espectadores o nome da obra por meio da exposição da capa do livro, conforme está ilustrado aos 15s (Figura 3). Em seguida, a partir dos 41s, expõe que esse objeto literário “[...] é um amigo, é uma aventura, é a solução de problemas, é o entendimento melhor da vida, é um caminho para crescer, é uma viagem maravilhosa” (Barazzetti, 2021e). Com essa exposição, sugere resultados benéficos de adentrar o universo da literatura para a infância, contribuindo no desenvolvimento de diferentes potencialidades desde a infância.

Figura 3: Apresentação da capa da obra *Para que serve um livro?*



Tempo 00:00:15

Fonte: Barazzetti (2021e).

Como pode ser observado na Figura 3, a contadora mostra a capa do exemplar, que traz as imagens em formato grandes e coloridas, mantendo uma relação de proximidade no sentido de instigar a imaginação do espectador, e abre o livro para si mesma, uma única vez, aos 45s, de acordo com a imagem apresentada na Figura 4. Na sequência da contação, Milene não usa mais o livro e assume a narração do texto verbal.



Figura 4: Abertura da obra *Para que serve um livro?*



Tempo 00:00:45

Fonte: Barazzetti (2021e).

A contadora, aos 1min58s, incentiva seus espectadores a criarem um livro por meio de uma folha de ofício e explica o modo de construí-lo. Por meio da confecção do livro e da contação, tenta mobilizar o espectador para aproximar-se do contexto literário. Na sequência, Milene relata a importância do livro, mencionando que ele é um mundo maravilhoso de fantasia, de alegria e de emoção, aos 4min11s (Barazzetti, 2021e). Essas duas ações relacionadas ao livro estão retratadas na Figura 5.

Figura 5: Criação de um livro



Tempo 00:01:58



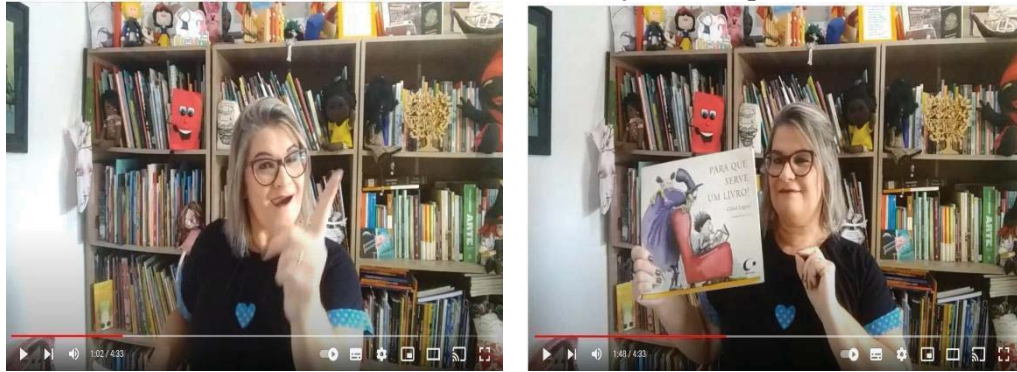
Tempo 00:04:11

Fonte: Barazzetti (2021e).

O segundo elemento elencado para análise dos vídeos diz respeito à conexão da contadora com o espectador, que ocorre de forma alegre e entusiasmada, pois Milene exalta o valor da leitura, criando possibilidades de aproximação com o universo literário. A contadora dirige-se ao espectador diversas vezes durante a narrativa, conforme demonstra, por exemplo, o 1min02s, em que aponta o dedo indicador para a tela da câmera (Figura 6). Outro momento de aproximação está no 1min48s, em que a contadora diz: “[...] o livro foi feito para uma pessoa como você” (Barazzetti, 2021e) e, aos 3min27s, enfatiza: “[...] está pronto a base para o livro que vocês querem escrever” (Barazzetti, 2021e), objetivando, com tudo isso, interações com

quem está do outro lado da tela. Esses dois momentos estão registrados na Figura 6. Nessa perspectiva, constata-se uma relevância direcionada ao espectador, sendo que a contadora tenta manter uma relação participativa com quem está prestigiando a contação.

Figura 6: Conexão com o espectador na contação *Para que serve um livro?*



Tempo 00:01:02

Tempo 00:01:48



Tempo 00:03:27

Fonte: Barazzetti (2021e).

Com relação à atuação, terceiro elemento analisado, a contadora permanece em pé durante toda a narrativa, o que lhe confere mobilidade. Milene utiliza estratégias de movimentos de aproximação da câmera (Figura 7), na tela capturada em 1min15s. Outro momento singular de sua atuação na contação da história é observando quando aproxima o livro aberto como forma de mostrá-lo ao seu espectador. Outras vezes se distancia da câmera, conforme mostrado aos 2min (Figura 7).

Figura 7: Movimentos corporais na contação *Para que serve um livro?*



Tempo 00:01:15



Tempo 00:02:00

Fonte: Barazzetti (2021e).

A contadora utiliza diferentes movimentos corporais para desenvolver a narrativa, como simular estar correndo com o livro debaixo do braço nos 58s, ao levantar as mãos com as palmas abertas no 1min19s, ao abraçar a si mesma no 1min27s. Essas três imagens podem ser conferidas na Figura 8. E também gesticula com as mãos, faz expressões no rosto e olha para intensificar e marcar o ritmo das palavras de sua fala de forma pausada, sussurrada e com variações no tom da voz, como pode ser identificado no 1min36s com a palavra “maravilhosa” e, aos 4min11s, com a palavra “maravilhoso”, demonstrando boa comunicação para expressar-se.

Figura 8: Gesticulações na contação *Para que serve um livro?*



Tempo 00:00:58



Tempo 00:01:19





Tempo 00:01:27

Fonte: Barazzetti (2021e).

A forma como Milene apresenta a contação favorece a integração com o texto literário, indicando que cada ação presente no enredo é representada por meio de gestos e da alteração de sua voz. Desse modo, a história recebe um novo formato para o momento em que é contada, tendo a contribuição corporal da contadora.

O quarto elemento de análise é o figurino da contadora - blusa preta com o desenho de coração contendo detalhes em azul poá. A armação dos óculos na cor marrom combina com a tonalidade do batom, do esmalte da unha e do anel, que transmite harmonia. A contadora investe em um visual sem extravagância, tendo o cuidado de focar no enredo da narrativa, para que assim possa transmiti-lo com êxito ao espectador. De outro ponto de vista, observa-se que a contadora não traz adereços que façam referência de forma direta ao texto contado, direcionando a atenção somente para a arte de contar e envolver quem está assistindo. O cenário é composto por uma estante, ao fundo, repleta de livros, com bonecos e adereços decorativos, que chamam a atenção.

No que condiz à gravação, sexto elemento de análise, observa-se que a câmera está posicionada bem próxima da contadora, com foco na performance do rosto e das mãos. A resolução do som funciona de forma adequada, está entendível e sem nenhuma espécie de ruídos. Quanto à luz da filmagem, há oscilações. Da parte inicial até o meio da gravação, apresenta clareza, em contrapartida, na parte final, a imagem fica mais ofuscada. Referente à edição, o resultado final do processo de montagem e design do vídeo favorecem a apresentação da história contada.

A apresentação da obra *Para que serve um livro?* (Legeay, 2012) permite refletir que, ao abrir um livro literário, tem-se a oportunidade de adentrar em um universo de infinitas possibilidades, sem precisar sair do lugar, apenas utilizando a imaginação. E isso faz com que a literatura se torne prazerosa, especial e aconchegante, não importando o gênero textual, mas

a funcionalidade que vai causar ao leitor. Observa-se que os comentários desse vídeo estão desativados no canal, não permitindo a visualização.

O **segundo vídeo** analisado do canal de Milene, com duração de cinco minutos e trinta e nove segundos, é a contação de história da obra literária *O monstro das cores* (Llenas, 2012). O primeiro elemento destacado refere-se a informações básicas, como a autoria de Anna Llenas, a tradução de Rosana Mont'Alverne e a publicação pela editora Aletria. O enredo contempla os conflitos vividos pelo personagem Monstro das Cores, que se encontra confuso e não sabe o que está acontecendo com suas emoções. Dessa forma, é preciso separá-las e colocá-las em potinhos, conforme exposto pela contadora:

[...] a alegria é contagiante, brilha como o sol, pisca como as estrelas. Quando está alegre você ri, pula, dança, brinca e tem vontade de compartilhar a sua alegria com todo mundo. Já a tristeza está sempre sentindo a falta de algo, é suave como o mar, doce como os dias de chuva, quando se está triste, você se esconde, quer ficar só, não tem vontade de fazer nada. Já a raiva arde como o vermelho vivo e é feroz como o fogo que queima forte e é difícil de apagar. Quando a gente tá com raiva, sente que cometer uma injustiça, a gente quer descarregar a nossa fúria nos outros. Já o medo, o medo é covarde, se esconde e foge como um ladrão na escuridão, quando a gente tem medo, a gente se sente assim bem pequenininho, insignificante. E pensa que não conseguirá fazer o que pedem. Mas também, tem a calma, a calma já é tranquila como as árvores, é leve como a folha ao vento. Quando a gente tá calmo, a gente respira pouco a pouco, profundamente e sente em paz [...] (Barazzetti, 2021d, 1min42s-3min55s).

Na narrativa dessa história, as emoções são representadas por cores diferentes, indicando que cada indivíduo está suscetível a sentir tais emoções distintas. No final do enredo, o Monstro das Cores é atingido pelo sentimento do amor, indicado pela cor rosa.

Milene não utiliza as ilustrações presentes na obra literária para fazer a contação dessa história, mas as representações do personagem por meio de minialmofadas confeccionadas por ela, indicando os diferentes estados emocionais pelos quais o personagem principal está passando. Nota-se que a ausência do livro físico não interfere no percurso da contação, tendo em vista que a contadora tem conhecimento e domínio do encadeamento da narrativa, trazendo as situações para o próprio sentimento ao fazer a contação.

A contadora está conectada com o espectador, segundo elemento de análise, criando várias possibilidades para chamar a atenção. Ao iniciar, ela canta uma cantiga com o auxílio de um pandeiro “Oh abre a roda tindolelê, oh abre a roda tindolálá; oh a abre tindolelê, tindolalá, uma história eu vou contar” (Barazzetti, 2021d). Essa interação pode ser observada aos 14s (Figura 9) e, em sequência, a contadora inicia a narração valendo-se do personagem principal, retratado em almofadas de formato pequeno durante o decorrer de toda a narrativa.

Figura 9: Momento interativo na contação *O monstro das cores*



Tempo 00:00:14

Fonte: Barazzetti (2021d).

A contação também ocorre com o uso de fios de lã de diferentes cores para representar as emoções, conforme exposto em 1min21s, e com a utilização de potes para guardar cada cor do fio de lã, apontado em 1min32s. Essas duas ações da contadora estão registradas na Figura 10. Ao contar a história no canal, a contadora oportuniza um encontro do espectador com as inquietações suscitadas pelos textos literários, evidenciando, nessa narrativa, os conflitos entre os sentimentos e a necessidade de compreender como isso pode ser ajustado e organizado na vida. Além disso, a contação não está condicionada ao objeto livro, fazendo uso de diferentes recursos que são envolvidos pelo desenrolar da narrativa com a intenção de propor a mediação literária.

Figura 10: Utilização de fios de lã na contação *O monstro das cores*



Tempo 00:01:21



Tempo 00:01:32

Fonte: Barazzetti (2021d).

Quanto à atuação perante a câmera, terceiro elemento, a contadora permanece em pé, o que facilita sua movimentação e interação com a câmera. Durante a contação, observam-se movimentos de aproximação e de distanciamento da câmera, como aos 56s, em que Milene

aproxima sua cabeça mais para frente da câmera, e, aos 57s, quando a contadora se move para trás, afastando sua cabeça da câmera (Figura 11).

Figura 11: Movimentação perante a câmera na contação *O monstro das cores*



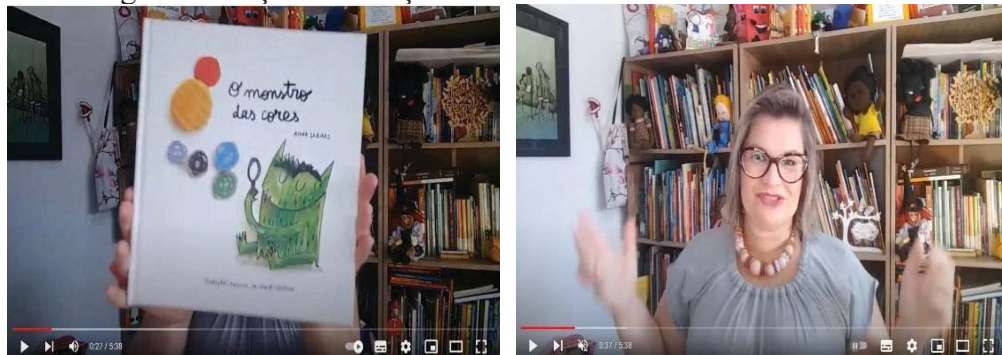
Tempo 00:00:56

Tempo 00:00:57

Fonte: Barazzetti (2021d).

Outros destaques relacionados à atuação da contadora estão evidenciados nos movimentos das mãos para tocar o pandeiro, já mencionado aos 14s, a forma de apresentar a capa da narrativa aos 27s, deixando-a em primeiro plano no vídeo, a gesticulação para reforçar as falas do que está sendo tratado, aos 37s, e a valorização, ao mostrar as diferentes almofadas do personagem, aos 2min49s, quando dirige o olhar para o recurso utilizado. Os três últimos aspectos de atuação estão ilustrados na Figura 12.

Figura 12: Ação de atuação da contadora em *O monstro das cores*



Tempo 00:00:27

Tempo 00:00:37





Tempo 00:02:49

Fonte: Barazzetti (2021d).

Além disso, várias gesticulações faciais ocorrem durante a encenação (Figura 13), como mostra, por exemplo, quando retrata a emoção da alegria, a contadora sorri no 1min55s e o oposto também acontece quando o sentimento da tristeza é retratado, Milene, aos 2min24s, altera sua expressão facial, ficando com a feição mais séria. Durante a contação, a fala é tranquila e serena, com um tom de voz que sofre variações, como se observa na pronúncia da palavra “raiva”, aos 2min34s.

Figura 13: Expressões faciais na contação *O monstro das cores*



Tempo 00:01:55



Tempo 00:02:24

Fonte: Barazzetti (2021d).

O figurino, quarto elemento, compõe-se de uma blusa de cor cinza, que remete à neutralidade, sua maquiagem, em especial, a cor do batom marrom claro combina com a armação dos óculos e com o colar de bolas grandes. Nas mãos, a contadora tem anéis nas cores dourada e vermelha. Observa-se que o figurino é discreto, mantendo o foco na história que discorre sobre sentimentos.

As características do cenário, quinto elemento, destacam-se por meio de uma estante ao fundo composta por livros, bonecos e adereços decorativos, que chamam a atenção do espectador não só pela quantidade, mas pela diversidade e pelo fundo colorido. As tonalidades

na estante de livros podem remeter às diferentes cores que são abordadas na contação e que indicam as emoções vividas pelo personagem; além de ser um espaço intencional para incentivar a leitura, uma vez que retrata um nicho valorizado pela maioria dos leitores.

Referente à gravação, sexto elemento de análise, observa-se que a câmera está posicionada próxima da contadora, focando nos movimentos das mãos, do corpo e da expressão facial. O volume do som está apropriado e sem ruídos. Quanto à luz, o ambiente possui luminosidade no percurso de toda a história, não constatando oscilações. A edição do vídeo apresenta resultado satisfatório, com sincronia de áudio e de vídeo, sem a presença de contrastes. As transições e os cortes de cenas são suaves e coerentes, não prejudicando o percurso da narrativa.

A história retratada neste vídeo fomenta a criança a trabalhar com as próprias emoções, buscando o equilíbrio e usando o afeto para se comunicar, com isso, enfrentando medos e raivas, que são sentimentos de inquietação. Além disso, a criança também consegue contemplar os sentimentos mais otimistas, como a alegria e o amor. Nesse vídeo, identificam-se trinta comentários com escrita e/ou emojis (caractere gráfico que expressa emoção) referentes a elogios ao enredo da obra, por retratar a identificação dos sentimentos por meio das cores, enaltecimento à performance (a forma de atuação) da contadora e exaltações ao material usado, referindo-se às almofadas produzidas.

O **terceiro vídeo** do canal de Milene Barazzetti, com duração de quatro minutos e dezessete segundos, refere-se à obra *A princesa e a ervilha* (Andersen, 2010); texto de Hans Christian Andersen, edição publicada pela Expresso Zahar. O enredo traz a história de um príncipe que estava em busca de uma “princesa autêntica” e viajou por vários reinos, a fim de encontrá-la. Porém, sem êxito, retornou para o reino em que vivia com sua mãe e seu pai. Certo dia, houve uma chuva torrencial e apareceu batendo à porta uma mulher toda molhada e com os cabelos desgrelhados, dizendo ser uma princesa. Para ter certeza da palavra de tal princesa, a velha rainha foi preparar o quarto de hóspedes, colocando, acima do estrado da cama, uma ervilha, em cima do estrado, 20 colchões, e, sobre os colchões, 20 edredons. Feito isso, a princesa agradeceu e foi para o quarto repousar. Na manhã seguinte, foi constatado ser uma verdadeira princesa.

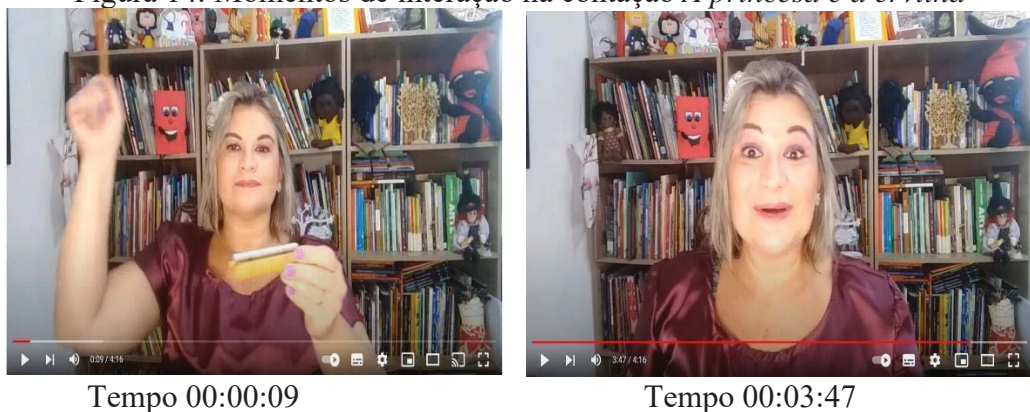
A contação dessa história no canal do Youtube ocorre sem a utilização de imagens do exemplar. Essa ausência não prejudica o percurso da narrativa, pelo contrário, demonstra segurança por parte da contadora perante o teor do enredo, conseguindo transmiti-lo oralmente.

Milene estabelece conexão com o espectador no sentido de auxiliá-lo a embarcar no universo narrativo do que está sendo contado por meio da delicadeza da comunicação, do

domínio do enredo, da postura e da fisionomia atenta em direção à câmera. A contadora cria situações para despertar o interesse, como tocar um xilofone antes de iniciar a contação, visto aos 9s (Figura 14).

Além disso, no final da narrativa, aos 3min47s (Figura 14), a contadora faz um pedido “quem gostou bata palma” (Barazzetti, 2021b), como forma de reconhecimento e interação. Essa tentativa de mobilização demonstrada durante a contação contribui para oportunizar a mediação literária entre a narrativa e o espectador, levando-o para o mundo ficcional.

Figura 14: Momentos de interação na contação *A princesa e a ervilha*



Fonte: Barazzetti (2021b).

Quanto à sua atuação, terceiro elemento de análise, a contadora permanece em pé durante a narração da história, apesar de seu corpo não aparecer por inteiro na tela, como pode ser visto no 1min09s, o que demonstra proximidade com o espectador que está do outro lado assistindo. Milene realiza expressões faciais, levantando as sobrancelhas, por exemplo, em 1min23s, representando a braveza, e também utiliza movimentos corporais, em especial com as mãos, como observado aos 2min05s (Figura 15).

Figura 15: Atuação na contação *A princesa e a ervilha*





Tempo 00:02:05

Fonte: Barazzetti (2021b).

Essa movimentação da contadora pode ativar a memória do espectador, permitindo a possibilidade de adentrar com mais intensidade naquilo que está sendo contado. Ademais, com relação à entonação da voz, enfatiza a expressão “chuva torrencial”, como mostra aos 45s, ainda pronuncia, a 1min02s, a onomatopeia “toc-toc-toc”, para retratar as batidas da princesa na porta, dando vida ao texto contado e gerando expectativa e curiosidade no ouvinte. Ocorre variação da voz a contar dos 2min32s, quando a princesa responde à rainha como foi sua noite de sono e, a partir dos 2min58s, sua voz volta ao normal.

O figurino compõe-se com um adereço no cabelo e uso de brincos, ambos na cor prata. Os tons da maquiagem da sombra e do batom combinam com a blusa rosa chá cintilante. As mesmas tonalidades também estão no esmalte e no anel, configurando harmonia. A partir da combinação observada, constata-se que a contadora não usa nenhum tipo de vestimenta ou acessório que remeta ao enredo ou aos personagens da história.

O cenário é composto ao fundo por uma estante com livros, bonecos e adereços decorativos, criando um mix de cores e com aspecto de ambiente inteiramente literário. O clima gerado pelo ambiente onde a contação é realizada não contém nenhum elemento relacionado diretamente ao contexto da história escolhida. Com isso, entende-se que a contadora deixa a criação dessas imagens de forma livre para seu público, permitindo que cada um configure o cenário composto pelo castelo, cama, ervilha, rainha, princesa e príncipe.

Referente à gravação, observa-se que a câmera está posicionada muito próxima à contadora, como mostra aos 16s, o que faz com que sua performance não apareça de corpo inteiro, destacando apenas as mãos e o rosto. O volume do vídeo está adequado e não apresenta ruídos. A posição ocupada pela contadora está próxima à luz, conforme visto aos 4min07s, permitindo clareza para a visualização do espectador (Figura 16). Salienta-se que a edição do vídeo preza pela qualidade, não indicando falhas de áudio ou de imagem, e a transição da



vinheta inicial com trilha sonora apresenta fluidez com o início da contação, criando uma experiência agradável ao espectador.

Figura 16: Posicionamento da contadora perante a câmera em *A princesa e a ervilha*



Tempo 00:00:16

Tempo 00:04:07

Fonte: Barazzetti (2021b).

A contação de *A princesa e a ervilha* pode mobilizar o espectador acerca de não se deixar enganar pelas aparências, prevalecendo a verdade. No vídeo, há dois comentários com escrita e emojis, registrados pelos interlocutores, ressaltando o quanto é prazeroso ouvir as contações, que se tornam presentes para o espectador pela utilização de expressões corporais, faciais e orais da contadora.

O **quarto vídeo** de Milene Barazzetti, com duração de três minutos e seis segundos, é referente à contação de *A cesta de dona Maricota* (Belinky, 1998), escrito por Tatiana Belinky e ilustrado por Martinez, publicado pela editora Paulinas. O enredo retrata a história de dona Maricota, personagem principal, considerada boa cozinheira. Ela foi à feira e retornou para casa com a cesta repleta de frutas, de verduras e de legumes, tais como cenoura, laranja, pepino, limão, banana, milho, ervilha, mamão, moranga, espinafre, tomate, cebola, alface, palmito, maçã e escarola. Dona Maricota guardou todas as compras na despensa e na geladeira e, em seguida, foi descansar. Enquanto isso, essas verduras, legumes e frutas começaram a contar vantagem. O milho, o tomate e o abacate disputaram o título de mais belo de todos. O palmito, por sua vez, se achava o mais bonito. A laranja, o espinafre e a cebola competiram o rótulo do mais saudável. A ervilha dizia ter proteína, o limão vitamina C, enfim, todos indicaram os pontos que os tornavam mais importantes. Por fim, Dona Maricota, após o descanso, apareceu na cozinha e fez uma compota com as frutas e um sopão com os legumes.

Essa obra valoriza a musicalidade, por meio de rimas e de versos, por exemplo, “Dona Maricota, Boa cozinheira, Voltou com a cesta, Cheinha da feira” (Belinky, 1998, *apud* Barazzetti, 2021a), em que as palavras “cozinheira” e “feira” rimam. Privilegiar jogos de

palavras que constroem rimas facilita a memorização, despertando o interesse das crianças, assim, tornando a narrativa apropriada para o contexto da literatura no período da infância. Compreende-se que a criança pode se divertir com a forma cantada dos versos da história, pois chama a atenção para a existência de palavras semelhantes na fala e com significados diferentes.

Milene utiliza o livro para realizar a contação. Em cada página, são mostradas as ilustrações em formato grande e bem coloridas, como pode ser visto no 1min53s (Figura 17). Ao usar o livro, a contadora oportuniza a mediação literária com o espectador, sendo fiel à escrita original, sem improvisação ou adequação de vocabulário. Por meio da leitura, há aproximação com a literatura de maneira lúdica, leve e sem exigências, deixando o momento da contação divertido.

Figura 17: Apresentação da obra *A cesta de dona Maricota*



Tempo 00:01:53

Fonte: Barazzetti (2021a).

A contadora mostra-se conectada com o espectador, envolvendo-se com entusiasmo, alegria, emoção, simpatia, sorriso e olhar atento para a câmera, atraindo a atenção para a magia da história. No início da contação, conforme exposto aos 08s, convida o espectador a adentrar na narrativa a ser contada no canal do Youtube com o seguinte pronunciamento: “Abre a roda, povo! Uma história eu vou contar...” (Barazzetti, 2021a). Essa frase de abertura é a forma padrão encontrada na vinheta inicial dos vídeos da contadora, conforme apresentada na Figura 1, para posteriormente ser efetuada de fato a prática do contar.

Quanto à atuação, Milene, assim como se afasta da câmera, conforme visto aos 10s, também se aproxima, aos 11s. Esse deslocamento, isto é, movimento de distanciamento e de aproximação da câmera, traz uma sensação de mobilidade para o espectador. Essa atuação, permeada pelo movimento da contadora, está registrada na Figura 18.

Figura 18: Mobilidade na contação *A cesta de dona Maricota*



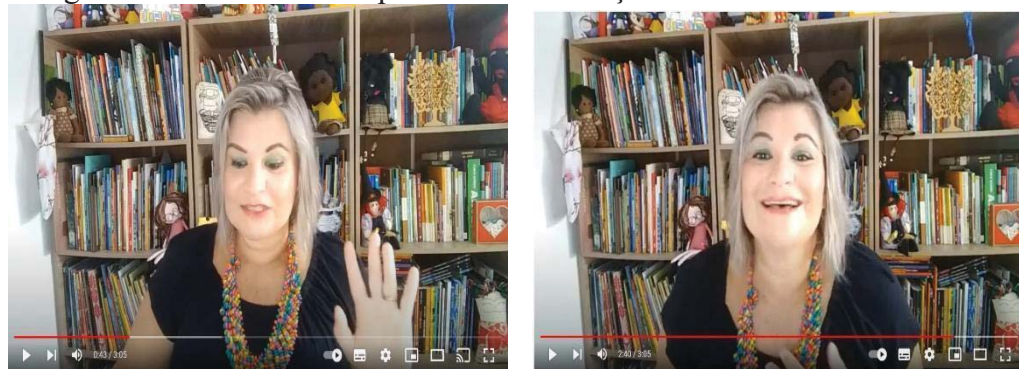
Tempo 00:00:10

Tempo 00:00:11

Fonte: Barazzetti (2021a).

Acerca da atuação, observa-se que Milene utiliza movimentos das mãos no decorrer da contação, não apenas para segurar o livro e apresentar as imagens, mas também para reforçar a sua fala, como mostra nos 43s (Figura 19). Destaca-se que as expressões faciais variam de acordo com o enredo, quando, por exemplo, ao contar que as frutas viraram compota, no tempo de 2min40s, seu semblante demonstra risos (Figura 19).

Figura 19: Movimentos expressivos na contação *A cesta de dona Maricota*



Tempo 00:00:43

Tempo 00:02:40

Fonte: Barazzetti (2021a).

A atenção com a atuação também está identificada no tom de voz, que sofre alterações ao oralizar a fala dos personagens. Aos 2min, a entonação se manifesta de maneira mais grave, ao contrário do que acontece aos 2min18s, ao tratar da ervilha, sua voz fica em tom fino e aveludado. Durante a narrativa, a contadora apresenta dicção adequada e naturalidade para expor o enredo.

O figurino da contadora compõe-se de uma blusa em tom preto em conjunto com um colar colorido e volumoso. A análise do vídeo mostra que não há nenhum elemento ou adereço

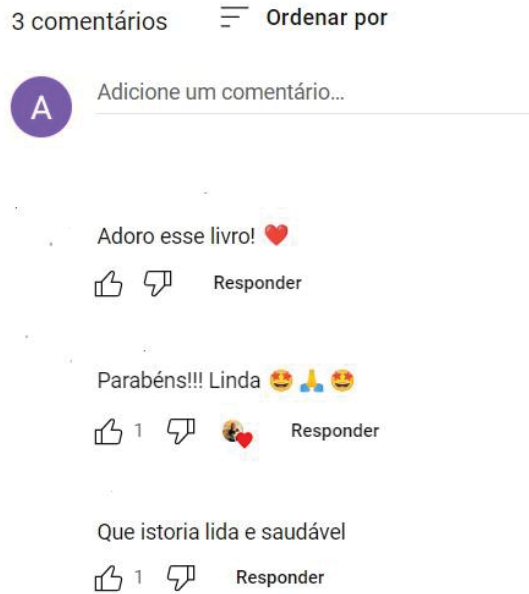
no vestuário que exprima ou se refira ao teor da narrativa, trazendo neutralidade para o aspecto da vestimenta.

As características do cenário mantêm-se idênticas às dos vídeos anteriores, com uma estante ao fundo com livros e adereços decorativos, a cor de madeira e a diversidade de tons tornam o local agradável. Essa composição visual é parte do cenário escolhido para gravar os vídeos do canal, fazendo um arranjo harmonioso com as paredes brancas. Entretanto, não há recursos apresentados no ambiente que se dirijam diretamente aos personagens ou ao enredo da narrativa.

Referente à gravação, observa-se que a câmera acompanha toda a performance da contadora, conferindo visibilidade à movimentação. O volume está adequado, a luminosidade oscila, iniciando o vídeo com a imagem ofuscada e, nos 20s depois, tem-se brilho, o que oferece conforto para a visualização. Além disso, a edição é satisfatória, com sincronia entre áudio e vídeo. Há presença de cortes de gravação entre a vinheta inicial e o início da contação, assim como ocorre também na finalização da narrativa com a vinheta que traz o nome da contadora, porém, essas transições de imagem não prejudicam a narração.

A contação de *A cesta de dona Maricota* (Belinky, 1998) possibilita conversar sobre os alimentos citados na narrativa, sobre alimentação saudável, desviando do viés lúdico esperado da abordagem da mediação literária. Observam-se, nesse vídeo, três comentários com escrita e emojis (Figura 20). O primeiro e o terceiro estão relacionados ao interesse do espectador pelo livro, pelo enredo da história que aborda a fala de diferentes alimentos (verduras, legumes e frutas), e o segundo comentário parabeniza e elogia a contadora.

Figura 20: Comentários do vídeo *A cesta de dona Maricota*



Fonte: Barazzetti (2021a).

O **quinto vídeo** analisado, com duração de quatro minutos e trinta e dois segundos, é acerca da contação da obra *Caixinha de guardar o tempo* (Roscoe, 2012), que tem a autoria de Alessandra Roscoe, a ilustração elaborada por Alexandre Rampazo, e foi publicado pela Editora Biruta. O enredo dessa obra retrata uma criança, chamada Sofia, que possui uma caixinha para guardar o tempo.

A pequena menina Sofia não sabia muito sobre o tempo e ainda mais sobre a falta que o tempo fazia. Tinha todo o tempo do mundo como qualquer criança pra correr, brincar e ver tudo o que via, fazer o que queria, bordando na infância sua colcha de alegria. Entendi assim e bastante sobre uma tal saudade que é do tempo também da fantasia. Sabia que saudade, saudade às vezes doía, era assim uma vontade que no peito não cabia de ver alguém que não podia, de fazer algo, que já não fazia. Para dar conta dessa saudade que sentia, das coisas que nem sabia, a menina inventou então uma caixinha de guardar o tempo. O tempo que melhor vivia, sem querer descobriu uma memória que poderia pescar a qualquer tempo, implantar na lembrança tudo que ela queria. Na caixinha iam parar a folha da árvore que caía, a gota da chuva que chovia, o medo que ela escondia, os bilhetes que ela escrevia, os desenhos que ela fazia. O tempo que ela sabia, que não perdia. A imensidão dos sentimentos que ela vivia e a história da vida que ela tecia. Sofia guardou o tempo que passou também pra ela. Agora, depois dos filhos, netos e bisnetos, muitas coisas ela já sabia e outras ainda aprendia. Na caixinha de guardar o tempo, Sofia juntou poesia e fotografia com as flores que sempre colhia, com os sonhos que ela nunca adormecia e tudo que sentia era imensa alegria de ter guardado com carinho o melhor de cada dia (Barazzetti, 2021c, 1min29s-4min13s).

A obra literária contempla uma narrativa voltada para a infância, em que se sugere ler e reler quantas vezes forem necessárias, pois a criança, a cada oportunidade de contato com a



história, cria novos elementos imaginários ou até mesmo reais, que ela gostaria de colocar na própria caixinha, enriquecendo ainda mais o enredo e a aproximação do leitor com a obra literária.

A contadora não utiliza as ilustrações do livro e o oraliza pela memória. Traz consigo, durante a contação, a caixinha de guardar o tempo, representada por um minibaú, como um recurso auxiliar. Essa substituição do livro por um objeto que representa a história, como o minibaú, traz mais concretude ao enredo.

A conexão da contadora com o espectador do canal é visível já no início do vídeo, em que ela cria uma mobilização para que seu público fantasie uma caixinha para guardar lembranças ou coisas importantes da vida, conforme previsto no início dos 8s (Figura 21).

Figura 21: Momento reflexivo na contação *Caixinha de guardar o tempo*



Tempo: 00:00:08

Fonte: Barazzetti (2021c).

Segundo a contadora, em sua caixinha, tem fotografias, presentes especiais, bilhetes e pequenos livros. O tamanho da caixinha varia para cada indivíduo e pode ir além do imaginário. Com essa fala, a contadora adentra nos pensamentos de quem está do outro lado da tela e, assim, promove interação. No final da contação, como se observa aos 4min13s, Milene questiona o espectador sobre o que cada um guardaria na caixinha de guardar o tempo, oportunizando essa provocação para ser pensada e demonstrando a existência de alguém do outro lado da tela.

Com relação à atuação, ao apresentar a caixinha de guardar o tempo representada por um minibaú, Milene retira dela, a partir dos 26s, vários objetos, como fotografias, bilhetes e pequenos livros, de forma a demonstrar ao espectador que cada um pode ter sua caixinha e guardar o que quiser, significando e registrando cada momento vivido (Figura 22).

Figura 22: Atuação de Milene na contação *Caixinha de guardar o tempo*



Tempo 00:00:26

Fonte: Barazzetti (2021c).

Durante a gravação, a contadora aproxima o rosto da câmera em 1min44s e logo após se afasta, observado em 1min49s (Figura 23). Essa ação de movimento foi percebida em outros vídeos, identificando-se como uma forma escolhida pela contadora para interagir com o público, chegando mais perto da tela.

Figura 23: Movimentação da contadora perante a câmera na contação *Caixinha de guardar o tempo*



Tempo 00:01:44

Tempo 00:01:49

Fonte: Barazzetti (2021c).

Milene utiliza movimentos das mãos no percurso de quase toda a contação (Figura 24), como, por exemplo, pode ser verificado aos 2min16s, ao tratar da saudade, Milene cruza as mãos e aponta para o peito. Essa gesticulação aumenta a chance de o espectador reter melhor e por mais tempo a história narrada. Sua expressão facial transmite leveza, suavidade e sorrisos no percurso da contação, demonstrando estar alegre, conforme visto aos 4min16s (Figura 24). Além disso, com as mãos, realiza gestos de acordo com o que está sendo tratado na história, como mostra nos 4min21s (Figura 24), em que uma mão está segurando o baú e a outra mão está aberta com a palma para cima, como se estivesse oferecendo o baú ao espectador. Sua fala é serena, utiliza o mesmo tom durante toda a contação e pronuncia as palavras com clareza.

Figura 24: Expressões corporais na contação *Caixinha de guardar o tempo*



Tempo 00:02:16



Tempo 00:04:16



Tempo 00:04:21

Fonte: Barazzetti (2021c).

A vestimenta da contadora é formada por uma blusa de cor cinza, realçando neutralidade, e de um lenço preto entrelaçado no pescoço com detalhes em vermelho, que combinam com o par de brincos e o anel. Sua maquiagem é discreta, com destaque para o batom de cor marrom que se ajusta com a armação dos óculos. Não é identificado nenhum elemento em sua vestimenta que contribua para sublinhar do que trata a narrativa.

O cenário é composto por uma parede branca que apresenta a reprodução de duas imagens contidas no interior do livro, como visto aos 11s (Figura 25). Com base no vídeo, constata-se que esse ambiente foi pensado e projetado especialmente para a contação desta história. Observa-se que ocorre uma adaptação do local de gravação, adequando ao enredo da história, o que contribui de forma significativa, pois as imagens fixadas na parede ao fundo podem chamar a atenção do espectador.



Figura 25: Detalhes do cenário na contação *Caixinha de guardar o tempo*



Tempo 00:00:11

Fonte: Barazzetti (2021c).

No conjunto da gravação, observa-se a sombra da contadora, aparecendo ao lado da parede branca. A câmera está posicionada de forma próxima à parte superior do corpo, enfatizando o rosto e as mãos de Milene. O volume do áudio encontra-se adequado. Quanto à luz, é necessário certo ajuste, a fim de evitar o sombreamento na parede. Além disso, a edição apresenta sincronia de áudio e de vídeo durante toda a narrativa. Destaca-se que há presença notável de corte aos 7s e também aos 4min25s finais em razão do aparecimento da vinheta.

A partir da análise realizada, salienta-se que a obra trazida neste vídeo contém texto poético e repleto de beleza singela, o que oportuniza refletir que os dias são formados por distintos momentos e tais momentos podem ficar marcados, juntando-se com o tempo. Com o uso da caixinha, tem-se a possibilidade de adentrar no universo da imaginação do leitor e prestigiar as lembranças de vida ao revisitar outros tempos, recordar fatos, guardar o que se deseja e, assim, vivenciar novas reflexões.

Verificam-se, nesse vídeo, dez comentários com escrita e emojis. O primeiro e o quarto são direcionados ao simbolismo do enredo que pode proporcionar inspiração e delicadeza ao espectador. O segundo, terceiro, sexto, oitavo, nono e décimo comentários elogiam a história contada. O quinto expõe o desejo do interlocutor a respeito do que gostaria de guardar em sua caixinha e o sétimo comentário enaltece a atuação da contadora.

Com base nos cinco vídeos de Milene Barazzetti analisados, observa-se que, em todas suas narrativas, foi apresentada a mesma vinheta de início como forma de introdução e também a mesma vinheta de finalização, ambas funcionando como uma espécie de identificação do canal da contadora. Essa preocupação com a abertura e o encerramento da contação estabelece uma imagem profissional ao conteúdo disponível no canal, podendo trazer mais audiência para as narrativas. Percebe-se que Milene teve o cuidado na construção das vinhetas, personalizando a arte ao relacionar com o contexto literário. Nessa construção, a parte da visualidade traz a

divulgação de seu nome artístico e transmite ao espectador um encadeamento para o ato de contar histórias, sendo prestigiado no decorrer do vídeo.

A partir dos cinco vídeos analisados, verifica-se que apenas na história *A cesta de dona Maricota* a contadora fez a leitura do livro, mostrando as imagens para o público. Nos demais vídeos, a oralização ocorre de forma memorizada, ressaltando a interação e a personalização do contar. Salienta-se que, na história *Para que serve um livro?* (Legeay, 2012), Milene optou, logo no início da narração, por mostrar a imagem da capa da obra, mas, na sequência, usou apenas sua oralização. Góes e Smolka (1997, p. 18) afirmam que “[...] privilegiar atividades com histórias e materiais literários tem, por certo, repercussões positivas para a criança”. Com base no exposto, observa-se que utilizar recursos como o livro literário e as ilustrações da narrativa contada contribui na compreensão da história e torna mais cativante o momento literário.

Em todas as narrativas, Milene deixou visivelmente nítido o interesse em manter-se conectada com o espectador, mesmo estando do outro lado da tela. Identificam-se esses momentos de interação quando a contadora, por exemplo, aponta o dedo indicador, na contação de *Para que serve um livro?* (Legeay, 2012), como forma de obter a empatia ao usar o recurso das cantigas. Em *O monstro das cores* (Llenas, 2012), ao tocar o pandeiro. Na contação de *A princesa e a ervilha* (Andersen, 2010), a contadora realiza um pedido “quem gostou bata palma”. Na narrativa *A cesta da dona Maricota* (Belinky, 1998), usa a expressão habitual “Abre a roda povo! Uma história eu vou contar”. E a *Caixinha de guardar o tempo* (Roscoe, 2012) promove uma compreensão mais profunda do que está sendo apresentado. Essa conexão, por vezes, parece mais direcionada ao público adulto do que para a criança, em virtude do tom pedagógico destacado a partir dos enredos. Ao eleger, por exemplo, *Para que serve um livro?* (Legeay, 2012), além de o texto ter viés educativo, a contadora tende a referenciá-lo. Se a mediação é de um objeto artístico, sua natureza é uma característica a ser ressaltada pela estética e pela fruição, possibilitada pelo mediador. A escolha das obras pela contadora e o fato de terem sido as mais acessadas em seu canal do Youtube evidenciam uma questão intrínseca aos estudos de literatura infantil: o gênero pode trair o leitor, como destaca Zilberman (2003), em obra cuja primeira edição ocorreu em 1981.

A atuação da contadora, de modo geral, foi expressiva, permanecendo constantemente na posição de pé, com a utilização de movimentos corporais e faciais, como forma de reafirmar tudo aquilo que estava sendo oralizado, além de manter variações no tom da voz para enaltecer a narração. Tudo isso colabora para que a experiência de ouvir uma história seja memorável e significativa, contribuindo para a formação humana. No entendimento de Zumthor (2007, p.

34), “[...] a performance é o único modo vivo de comunicação poética”. É por intermédio do corpo que se transmitem o ritmo, a melodia, a linguagem e os gestos que o contador deseja alcançar, existindo então uma comunicação literária.

Sisto (2012) afirma que o corpo do contador de história é a folha em que o ouvinte lê a narrativa. Ou seja, o corpo é suporte para a expressão oral e corporal, tornando-se vital na comunicação e na experiência com o espectador.

Quanto ao figurino, em nenhuma das narrativas analisadas o vestuário de Milene teve direcionamento ao enredo da contação. Embora o figurino seja considerado um recurso interessante para enriquecer a narração e criar um ambiente mais imersivo para o espectador, não se torna obrigatório na contação de histórias. O principal objetivo de Milene foi transmitir a mensagem da narrativa de forma clara e envolvente, para atrair a atenção de quem está assistindo.

Boal (1991) explora as possibilidades do figurino na construção dos diferentes personagens no percurso da narrativa. O autor destaca a vestimenta como um recurso estético que pode ser usada para representar variadas identidades e simbologias emocionais com o público, desempenhando um papel crucial na transmissão da mensagem. Ademais, Boal (1991) entende que o figurino não é uma mera questão de aparência ou adorno, mas está integrado à proposta da narrativa, servindo como uma ferramenta de expressão.

No tocante ao cenário, identificou-se que, na narrativa *Caixinha de guardar o tempo* (Roscoe, 2012), há, na parede, duas imagens retiradas do livro, remetendo ao objeto central do enredo, simbolizando o modo de guardar as lembranças. Nos demais vídeos analisados, a contadora manteve o mesmo local, com uma estante com livros para realizar as contações. Destaca-se que o cenário é considerado um recurso enriquecedor na experiência literária.

Referente à gravação, em todos os vídeos analisados, o som estava adequado. Quanto à luminosidade, nas narrativas das obras *Para que serve um livro?* (Legeay, 2012) e *Cesta da dona Maricota* (Belinky, 1998) ocorreram oscilações, mas elas não atrapalharam o foco do espectador. Sobre a edição, verifica-se a presença de cortes de cenas nos cinco vídeos, como forma de transição para outro momento da narrativa, porém, não prejudicaram a forma da transmissão da contação.

A edição de vídeo no Youtube é importante para criar conteúdo de qualidade e atrativo para quem está assistindo, o que permite uma narrativa coesa, conteúdo organizado e com efeitos sonoros e visuais. Tudo isso torna o vídeo mais atrativo, contribuindo para que a contadora tenha mais acessos, mais seguidores e crie um estilo visual próprio para seu canal, registrando uma identidade na propagação do conteúdo.

No que tange a Milene Barazzetti, a apresentação das obras pôde ser identificada por meio de uma conversa com os ouvintes em todas as narrativas oralizadas. Por exemplo, em *Para que serve um livro?* (Legeay, 2012), no 1min48s, a contadora diz: “o livro foi feito para uma pessoa como você”. Em *O monstro das cores* (Llenas, 2012), a contadora utiliza minialmofadas para apresentar o tipo de estado emocional vivido pelo personagem principal do enredo. Na contação de *A princesa e a ervilha* (Andersen, 2010), aos 3min47s, Milene faz um pedido: “quem gostou bata palma”. No vídeo de *A cesta da dona Maricota* (Belinky, 1998), aos 08s, a contadora convida o espectador a adentrar na história com a frase “Abre a roda povo! Uma história eu vou contar”. No último vídeo analisado, *Caixinha de guardar o tempo* (Roscoe, 2012), aos 08s, Milene solicita uma reflexão para o espectador fantasiar sua caixinha para guardar lembranças. Todas essas possibilidades oportunizadas pela contadora aproximam o espectador dos enredos que foram oralizados, pois constrói uma conexão interativa que mantém a atenção, a participação e o interesse até a finalização do vídeo.

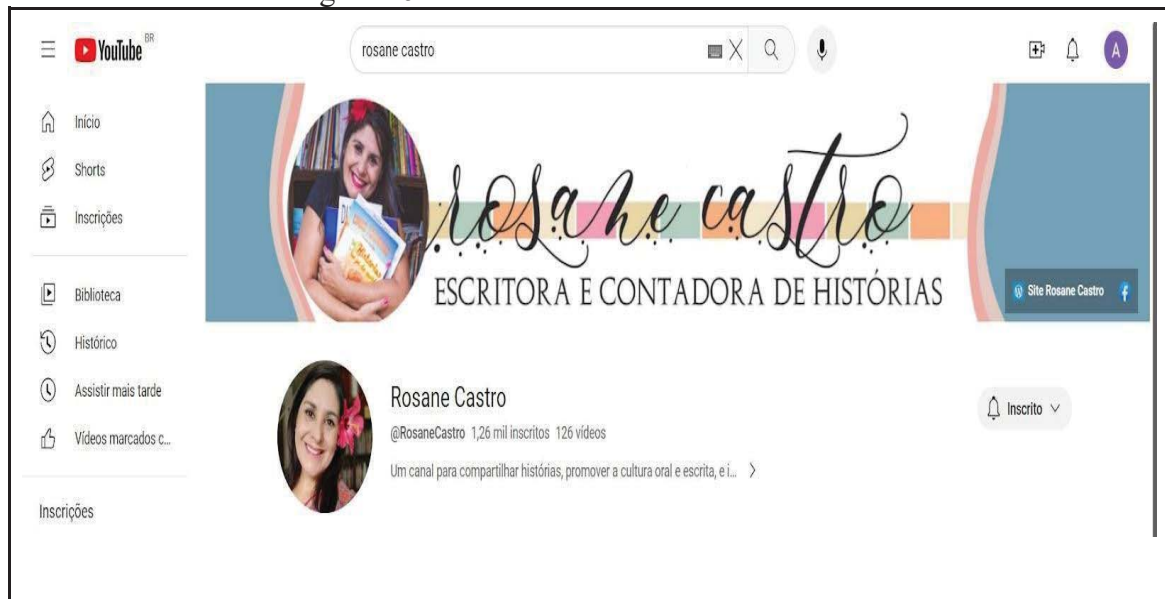
#### 4.2 CANAL DA ESCRITORA E CONTADORA DE HISTÓRIAS ROSANE CASTRO

Rosane Castro, desde 2018, possui canal próprio no Youtube<sup>3</sup>, no qual veicula vídeos de contação de histórias. Na abertura do canal (Figura 26), identifica-se como “escritora e contadora de histórias” e apresenta, por meio da foto inicial, o encantamento pelo universo literário ao estar abraçada com diversas obras. Também expressa sua característica conhecida como contadora ao estar com uma flor presa ao cabelo. Até a data de 29 de julho de 2023, o canal contava com 1,26 mil inscritos com 126 vídeos postados. Esses dados estão ilustrados na Figura 26.

---

<sup>3</sup> Disponível em: <http://www.youtube.com/c/RosaneCastro>

Figura 26: Abertura do canal da contadora Rosane Castro



Fonte: Canal do Youtube de Rosane Castro.

A escolha dos cinco vídeos deu-se por meio dos mesmos critérios estabelecidos para a primeira contadora, o critério temporal, considerando a publicação entre os meses de fevereiro e julho de 2021 e o maior número de visualizações até a data de 14 de fevereiro de 2022. A análise de cada um dos vídeos está na ordem decrescente posta no Quadro 6.

Quadro 6: Vídeos selecionados da contadora Rosane Castro

Nº de visualizações	Duração	Título	Autor(a)
897	3min42s	<i>A menina que colecionava estrelas</i> (Escola Francisco José Rodrigues 2)	Letícia Caetano
135	7min09s	<i>A mulher árvore</i>	Ximena Noemí Ávila Hernández
117	2min31s	<i>A aranha e o buraco da fechadura</i>	Leonardo da Vinci
70	5min42s	<i>A ilha dos sentimentos</i>	Reinilson Câmara
59	4min19s	<i>A caixa de Pandora</i>	Desconhecido

Fonte: elaboração própria (2022).

O **primeiro vídeo** analisado, com duração de três minutos e quarenta e dois segundos, é a contação da história *A menina que colecionava estrelas*<sup>4</sup>, escrito por Leticia Caetano (*apud* Castro, 2021c). O enredo traz a história de uma menina que tinha o hábito de colecionar estrelas.

[...] ela acreditava colecionar e falava pra todo mundo que cada estrela no céu representava um sonho. Tinha estrela que brilhava mais, porque era um sonho bem bonito, muito bonito daqueles que não temos vontade de acordar. Já as estrelas mais fraquinhas eram os sonhos de quando ela era bem pequena, criança, alguns dos quais, ela já nem lembrava muito bem, mas que continuavam lá no céu para quando ela precisasse revisitá-los. Certo dia, ela sonhou que suas estrelas tinham sumido do céu e que a noite ficou numa total escuridão. Acordou desesperada, pois não teria mais como colecionar os seus sonhos e para ela a vida só teria sentido quando sonhada. A menina passou o dia inteiro ansiosa pela chegada da noite para ver se as estrelas continuavam no céu e naquela noite as nuvens estavam bem grandes e a menina não conseguiu ver nenhuma estrela. Ela dormiu triste, mas acreditava que nunca mais iria sonhar, mas eis que a menina sonhou e foi um sonho tão bonito, tão bonito. Ela estava subindo uma escada, uma escada gigante que chegava até o céu e quando alcançou as nuvens, a menina descobriu que havia uma imensidão do qual damos o nome de universo. Ela viu o universo diante dela e lá ficavam todas as estrelas, de todos os sonhos e de todas as pessoas do mundo, do mundo inteiro. A menina, a menina acordou tão feliz, mas tão feliz pois entendeu que mesmo quando a noite está escura, que não podemos ver nenhuma estrela lá no céu, isso não significa que elas não estejam lá [...] (Castro, 2021c, 28s-2min53s).

E, assim, a menina continuou sonhando e colecionando estrelas. Por intermédio do conhecimento desse texto, a contadora traz a mensagem de que, às vezes, acontece de o espectador esquecer dos sonhos ou de eles parecerem não existir, porém, mesmo assim, eles se mantêm presentes na vida. Nessa perspectiva, têm-se o entendimento de que o sonho vai ao encontro dos benefícios que a literatura traz para a infância, propondo o envolvimento das crianças. A contação dessa história, no canal do Youtube, ocorre sem a utilização de imagens, contribuindo para fomentar a imaginação do espectador e, assim, permitir que visualize a narrativa de acordo com o próprio repertório.

Referente à conexão com o espectador, a contadora consegue cativá-lo a partir dos 02s do início do vídeo, ao desejar, na apresentação da vinheta, “um ótimo ano letivo aos alunos, pais, professores e funcionários” (Castro, 2021c). Em outro momento, aproximando-se para o final, aos 2min55s, Rosane dirige-se ao espectador refletindo acerca da presença dos sonhos durante a vida. E, na apresentação da vinheta de finalização, aos 3min22s, a contadora escreve: “sonhem! realizem” (Castro, 2021c).

Observa-se, nesse vídeo, que a atuação (Figura 27) ocorre de forma espontânea, emotiva e repleta de sensibilidade. Para tanto, Rosane utiliza recursos do próprio corpo para realizar a

---

<sup>4</sup> Salienta-se que o vídeo analisado, contendo a história *A menina que colecionava estrelas*, tem por título no canal da contadora *Escola Francisco José Rodrigues 2*. Existe outro vídeo no canal contendo a mesma narrativa.



contação, como o movimento das mãos, como visto, por exemplo, aos 30s e 39s, em que as palmas das mãos estão abertas e ampliam o espaço de contação. Sua expressão facial transmite serenidade. Ela se comunica com nitidez, pronunciando as palavras com tranquilidade e afinação.

Figura 27: Movimentos corporais na contação *A menina que colecionava estrelas*



Fonte: Castro (2021c).

O figurino é formado por um vestido branco de cetim com detalhes em azul e bolas coloridas, combinando com a tiara do cabelo, com o tom da sombra dos olhos e com o par de brincos. Esse figurino usado por Rosane remete à imagem de uma contadora de histórias que almeja receber o olhar e, de certa forma, a atenção do espectador, tendo em vista oportunizar uma experiência mais envolvente e imersiva à narrativa.

Figura 28: Detalhes do figurino na contação *A menina que colecionava estrelas*



Fonte: Castro (2021c).

O cenário é composto por estante repleta de livros ao fundo e por cortina estampada na lateral. Esse ambiente torna-se convidativo e, ao mesmo tempo, incentiva os espectadores a entrarem no universo da literatura de forma que se crie o costume da prática da leitura e, assim, consigam se tornar leitores.

No tocante à gravação, a resolução das imagens apresenta-se com qualidade. A câmera encontra-se muito próxima da contadora, permitindo que apareça somente a parte superior de seu corpo. Quanto ao som, não possui falhas ou qualquer tipo de interferência ou ruídos, favorecendo a contação da história. A iluminação da câmera em contato com a luz do ambiente está apropriada, mantendo a claridade no decorrer da contação. Com relação à edição do vídeo, notam-se, na gravação, cortes de imagens, devido à ocorrência de novos acontecimentos na história, como identificado aos 26s e 3min20s, mas sem prejuízo para o andamento da narrativa.

O enredo pode ser observado por meio de perspectiva lúdica, mostrando a questão do sonhar e da imaginação. Assim, retratando uma ação que possui o poder de encorajar a ter esperança, dar sentido a decisões e explicar a realização de atitudes. Os sonhos, por fim, são parte integral e fundamental da vida das pessoas. Observa-se, nesse vídeo, que se têm a presença de 98 comentários, os quais se direcionam a elogios acerca da qualidade de gravação do vídeo, à performance da contadora, ao figurino, ao cenário e, em especial, ao enredo, que remete a uma reflexão para não desistir dos sonhos e sim realizá-los.

O **segundo vídeo**, com duração de sete minutos e nove segundos, contempla *A mulher árvore* (Hérmendez *apud* Castro; Moura, 2021b). A voz de Rosane, intercalada com a performance de Roberta Moura<sup>5</sup>, traz informações básicas sobre a autoria do texto escrito por Ximena Noemí Ávila Hérmendez.

O enredo conta que, numa época terrível de guerras, mortes e destruições, muitas mulheres árvores foram convertidas em madeira e queimadas como forma de gerar calor. Devido à gravidade da situação, a Avó Árvore permitiu que as filhas se desenraizassem da terra e ganhassem pés para correr e esconder-se longe do perigo. Após séculos, as tragédias cessaram e algumas árvores sobreviveram e “[...] comprometeram-se a encontrar-se e reencontrar-se em todas as vidas posteriores, mantendo muito bem guardado o segredo das suas origens e poderes” (Castro; Moura, 2021b, 4min06s).

A publicação dessa contação é uma homenagem ao Dia internacional da mulher, comemorado em 8 de março. Como se verifica pelo contexto, a narrativa enquadra-se no campo literário voltado ao público adulto, entretanto, nada impede que a faixa etária infantil também tenha acesso a ele.

Não houve a presença de ilustrações ou outros elementos visuais durante a contação. O conto foi lido por Rosane e Roberta durante o momento da gravação do vídeo, pois se constata movimentação dos olhos das contadoras perante a câmera.

---

<sup>5</sup> Roberta Moura: artista, cantora e contadora de história.



Referente à conexão com o espectador, Rosane e Roberta procuram criar um ambiente atrativo para vivenciar a história, mantendo uma trilha sonora instrumental que chama a atenção. Além disso, Rosane, aos 6min04s, provoca uma reflexão para o espectador “Essa mulher, este ser poderoso que, neste momento, nos olha e nos convida a nos ressignificar com a natureza [...]” (Castro; Moura, 2021b), com o intuito de fomentar a mediação literária em torno da temática. Ainda, ao se aproximar do final da gravação, Roberta, aos 6min27s, identifica-se como mãe, mulher negra e artista, e Rosane, aos 6min45s, apresenta-se como mãe de Vitória, escritora e contadora de histórias. Ambas homenageiam as mulheres pelo seu dia.

Quanto à atuação, cada contadora oraliza um trecho do conto, demonstrando espontaneidade (Figura 29). Rosane utiliza os movimentos das mãos por diversas vezes, como pode ser visto, por exemplo, aos 44s, assim como Roberta, que também utiliza essa estratégia aos 4min32s.

Figura 29: Movimentos das mãos na contação *A mulher árvore*



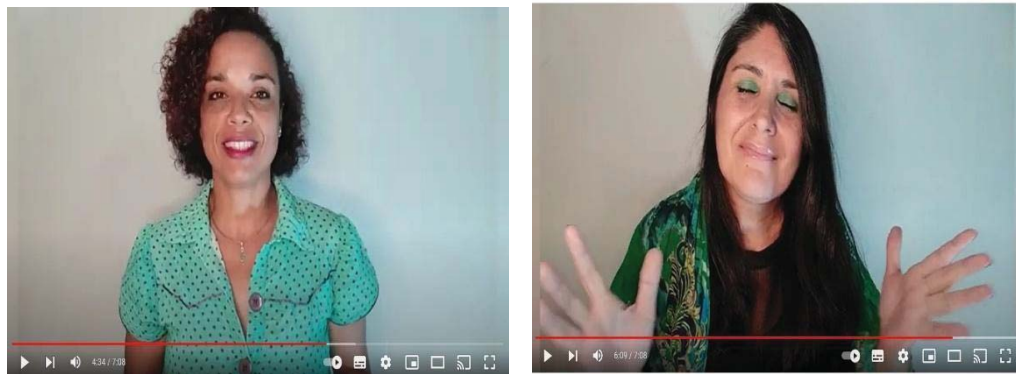
Tempo 00:00:44

Tempo 00:04:32

Fonte: Castro e Moura (2021b).

Por meio de expressões faciais, as duas contadoras transmitem seu envolvimento com o enredo. Aos 4min34s, Roberta apresenta um leve sorriso, enaltecendo o desenrolar do que é contado. E, de modo similar, aos 6min09, Rosane fecha os olhos como um momento de reflexão e também mantém o movimento das mãos como forma de mobilidade ao que é narrado. As duas ações estão contempladas na Figura 30. As vozes das contadoras fazem pausas necessárias, deixando o ritmo da contação de modo lento, para que o ouvinte possa acompanhar e compreender os fatos.

Figura 30: Expressões faciais na contação *A mulher árvore*



Tempo 00:04:34

Tempo 00:06:09

Fonte: Castro e Moura (2021b).

A contadora Rosane utiliza como figurino uma blusa preta e um lenço verde em torno da cabeça e sobre os ombros, que serve como um adereço indicativo da história contada, combinando com a sombra dos olhos. Roberta está vestida com uma camisa verde com bolinhas de tom preto. Observa-se que ambas usam a cor verde, indo ao encontro da temática da obra contada, que aborda a natureza, mais especificamente, as árvores.

O cenário da contação é apenas uma parede ao fundo de tom branco. Nesse ambiente, destaca-se a presença das contadoras, que tomam conta do espaço da narração.

No tocante à gravação, as imagens mostram os movimentos produzidos pelas contadoras durante a narração. No momento inicial do vídeo, aos 02s (Figura 31), mostra-se a foto das contadoras uma ao lado da outra, com expressões faciais felizes, além da escrita do nome delas e a autoria do conto. Na sequência, segue a narração, não havendo prejuízos à visualidade quando se corta a imagem para a troca das contadoras.

Figura 31: Imagem inicial do vídeo *A mulher árvore*



Tempo 00:00:02

Fonte: Castro e Moura (2021b).

Há momentos de aproximação da câmera, como pode ser visto, por exemplo, com Rosane, aos 3min59s (Figura 32). A narração mobiliza o interesse do espectador em querer ficar até a finalização do vídeo e saber como se dá o fechamento da história. O som está favorável e não possui ruídos que atrapalhem o encaminhamento da contação. A iluminação gera incidência de reflexo em relação à superfície da parede. A edição do vídeo possui fluidez, apresentando trilha sonora no decorrer de toda a narrativa.

Figura 32: Aproximação da contadora perante a câmera em *A mulher árvore*



Tempo 00:03:59

Fonte: Castro e Moura (2021b).

A análise da história contada por Rosane e Roberta mostra que se direciona ao público adulto feminino e que todas as mulheres podem se nutrir de amor. Apesar da tragédia posta pelo enredo, foi possível vencer as barreiras e perceber que os laços afetivos são primordiais para manter a união e, assim, voltar a viver de modo feliz. Nesse vídeo, têm-se cinco comentários (Figura 33) voltados a congratulações pelo Dia internacional da mulher e pela magia que tal conto consegue proporcionar ao espectador, o reconhecimento da atuação da contadora e da convidada especial Roberta Moura, o agradecimento pela postagem na plataforma do Youtube e as respostas da própria Rosane Castro com emojis em formato de coração.

Figura 33: Comentários do vídeo *A mulher árvore*

Fonte: Castro e Moura (2021b).

O **terceiro vídeo** analisado do canal, com duração de dois minutos e trinta e um segundos, é acerca da narrativa *A aranha e o buraco da fechadura* (Vinci *apud* Castro; Moura, 2021a), fábula de Leonardo da Vinci. Rosane conta com a participação especial de uma criança que aparece no início da gravação, fazendo a contação dos números 1, 2, 3, e entoando uma cantiga mais à frente. Ela reaparece no final, solicitando repetição da narrativa de forma interativa e representando as demais crianças que possam ser espectadoras do vídeo. De forma conjunta, Roberta Moura contribui com a contação no vídeo, assim como ocorreu no analisado anteriormente.

De início, elas cantarolam: “A dona aranha entrou na fechadura, veio a dona chave e a expulsou” (Castro; Moura, 2021a). Em prosseguimento, Rosane e Roberta narram a fábula. Essa história tem como enredo uma aranha que explora uma casa por dentro e por fora, mas resolve se esconder no buraco da fechadura, podendo espiar tudo o que acontecia. A aranha pensava em fazer uma teia para moscas, besourinhos e mosquitos. Além disso, sentia-se exultante, pois o buraco da fechadura lhe proporcionava uma maravilhosa sensação de segurança. Era tão estreito, escuro e revestido de ferro, tornando-se mais invencível que uma fortaleza ou qualquer armadura.

Imersa nesses deliciosos pensamentos, a aranha ouviu o som de passos que se aproximavam. Correu de volta para o fundo de seu refúgio, porém, a aranha esquecera que o buraco da fechadura não havia sido feito para ela. Sua legítima proprietária, a chave, foi colocada na fechadura e expulsou a dona aranha. Para finalizar a contação desta história, cantou-se: “Ela é teimosa e desobediente, noutra fechadura se instalou novamente” (Castro; Moura, 2021a).

Essa fábula apresenta elementos que estão voltados para a literatura infantil, em que a imaginação está presente e os animais figuram comportamentos humanos, além de haver musicalidade, que estimula as crianças a cantarem junto. O enredo é apropriado para o público infantil, podendo provocar risadas por causa das atitudes atrapalhadas da personagem principal. Além disso, a presença de uma criança na gravação contribui de forma significativa, pois ajuda na construção de uma estratégia atrativa para chamar mais crianças a assistir o vídeo.

Na contação da fábula, não se utilizam imagens. As contadoras verbalizam de forma memorizada a narrativa com o auxílio do violão para conduzir a cantiga da dona aranha e deixar a contação musicada. A partir disso, Rosane e Roberta tiveram a preocupação de ambientar a história com a presença da musicalidade que traz um novo formato e uma nova estratégia para a arte de contar. A utilização do violão é um atrativo, sendo eficiente e encantador para o espectador, que pode se sentir envolvido pela magia da história e pelo som produzido. Com isso, registra-se que a música é uma alternativa que propicia de maneira significativa o enredo, despertando sensações, emoções e bem-estar.

Com relação à conexão com o espectador como forma de apresentar a gravação, a primeira imagem que aparece no 01s (Figura 34) é a foto de Rosane com expressão facial de alegria e Roberta apresentando a fisionomia de espanto com a mão atrás da orelha, como se quisesse ouvir algo. A imagem contempla a escrita da seguinte frase direcionada ao espectador: “Quer ter um ataque de fofura?” (Castro; Moura, 2021a), isso mostra o quanto ambas almejam agradar quem vai assistir à contação da fábula.

Figura 34: Imagem inicial do vídeo *A aranha e o buraco da fechadura*



Tempo 00:00:01

Fonte: Castro e Moura (2021a).

Tanto Rosane quanto Roberta demonstram simpatia e alegria, além do entusiasmo da criança com os braços levantados, que pode ser notado desde o início da gravação, aos 07s, até o final, aos 2min26s, quando riem e cantam a cantiga da dona aranha, conforme apresentado na Figura 35. A presença da menina cria um momento de interação e de descontração com as duas contadoras, contribuindo para que outras crianças tenham interesse pela história, possam se identificar com a proposta de contação e também acessar os demais materiais disponíveis no canal do Youtube.

Figura 35: Momentos de descontração na contação *A aranha e o buraco da fechadura*



Tempo 00:00:07

Tempo 00:02:26

Fonte: Castro e Moura (2021a).

Rosane e Roberta estão sentadas, não destoando da altura da criança, e demonstram alegria, deixando transparecer isso por meio de risos e espontaneidade, como pode ser visto aos 20s, ilustrado pela Figura 36.



Figura 36: Momentos de risos na contação *A aranha e o buraco da fechadura*



Tempo 00:00:20

Fonte: Castro e Moura (2021a).

Em vários momentos, as contadoras movimentam as mãos (Figura 37), como pode ser observado, por exemplo, aos 49s, quando Rosane aparece com as palmas abertas, como se estivesse conversando e, aos 57s, em que a mão de Roberta está com o dedo indicador levantado, apontando para cima, seguindo seu olhar para a mesma direção. Tais gestos reforçam as palavras oralizadas.

Figura 37: Movimentos corporais na contação *A aranha e o buraco da fechadura*



Tempo 00:00:49



Tempo 00:00:57

Fonte: Castro e Moura (2021a).

A feição de Roberta (Figura 38), como mostra no 1min06s, expõe um olhar atento à câmera, apontando o dedo para cima. No 1min41s, relacionado a Rosane, sua expressão faz beicinho com as sobrancelhas arqueadas, além disso, a suas mãos estão com as palmas abertas e voltadas para a câmera, ampliando o espaço de contação da história. Com vozes afinadas, ambas entoam a cantiga com facilidade e pronunciam as palavras com naturalidade, alterando o tom quando necessário de forma planejada.

Figura 38: Expressões faciais na contação *A aranha e o buraco da fechadura*



Tempo 00:01:06

Tempo 00:01:41

Fonte: Castro e Moura (2021a).

O figurino de Rosane compõe-se de uma blusa preta em conjunto com uma camisa branca com detalhes em cinza, que combinam com o brinco prata. Além disso, possui preso ao cabelo um enfeite vermelho em formato de flor, característico de suas atuações literárias, configurando-se como uma forma de personalizar a imagem da contadora de histórias. Acerca do figurino de Roberta, observa-se que ela está vestida com uma regata preta em conjunto com uma camisa branca com detalhes em vermelho. Em seu cabelo, está preso um enfeite também em formato de flor para acompanhar o estilo da contadora Rosane. Ressalta-se que as duas contadoras tiveram a preocupação de manter a flor no cabelo, demonstrando harmonia e preocupação com a imagem a ser passada para o público.

As características do cenário evidenciam apenas uma parede de cor branca ao fundo. Mediante isso, tem-se a possibilidade de estimular ainda mais a imaginação dos espectadores, permitindo que eles criem imagens mentais da fábula que está sendo contada. Desse modo, o leitor pode imaginar a fechadura, o buraco, a chave e a aranha, usando as próprias referências para cada situação contada.

No que se refere à gravação (Figura 39), as contadoras têm movimentação de aproximação e de distanciamento com a câmera em vários momentos como pode ser notado, aos 16s e, em seguida, aos 20s. O áudio tem volume apropriado, não apresentando interferências ou ruídos que prejudiquem a contação da história. Quanto à luz, a luminosidade da câmera, interligada ao ambiente, ocasiona certo sombreamento na parede branca. Com relação à edição, nota-se a presença de vários cortes, por exemplo, aos 24s, contudo, isso não prejudica a qualidade e nem a visualidade da gravação, mantendo a atenção do espectador no decorrer da contação da história.

Figura 39: Detalhes da gravação na contação *A aranha e o buraco da fechadura*



Tempo 00:00:16

Tempo 00:00:20

Fonte: Castro e Moura (2021a).

A fábula traz uma história divertida ao espectador, caracterizando as ações da dona aranha curiosa ao estar no buraco da fechadura. Esse contexto de imaginação pode ser remetido ao universo infantil, em que os espaços ganham novos significados. Observa-se, nesse vídeo, que os comentários estão desativados, não permitindo que o público apresente a opinião acerca do material veiculado na plataforma do Youtube.

O **quarto vídeo** analisado no canal de Rosane, com duração de cinco minutos e quarenta e dois segundos, é sobre a contação *A ilha dos sentimentos*, escrito por Reinilson Câmara (*apud* Castro, 2021b). O enredo traz a história de uma ilha, em que moravam diversos sentimentos, como: a alegria, a sabedoria, o amor entre outros. Num certo dia, espalhou-se a notícia de que essa ilha iria afundar e todos os sentimentos foram embora, exceto o amor. Desesperado com a situação, pediu ajuda à riqueza, à vaidade, à tristeza e à alegria, mas todos se recusaram a ajudá-lo. Após várias tentativas, finalmente ouviu uma voz de um velhinho que o salvou daquela situação. O amor agradeceu ao velhinho e descobriu pela sabedoria que o nome de quem lhe salvara era o tempo. O amor ficou curioso, por que o tempo tinha ajudado, e a sabedoria respondeu, “que só o tempo era capaz de entendê-lo” (Castro, 2021b, 3min46s). A história demonstra o envolvimento com a infância, cumprindo um papel de reflexão. Além de reconhecer os diferentes sentimentos por meio dos personagens imaginários, a narrativa permite identificar variadas atitudes humanas, compreendendo o egoísmo e também a solidariedade.

Para a construção desse vídeo, não foram utilizadas imagens. A contadora narra a história de forma memorizada. Ao se aproximar do final da gravação, aos 5min26s, Rosane mostra ao espectador uma caixinha de joias, criando uma metáfora de que o tempo pode ser guardado nessa caixinha chamada, segundo ela, de “memória” (Figura 40). Além disso, simboliza o tempo como algo precioso, por isso a necessidade de preservá-lo com todos os cuidados necessários, associando-o às joias.

Figura 40: Apresentação da contação *A ilha dos sentimentos*



Tempo 00:05:26

Fonte: Castro (2021b).

Referente à conexão com o espectador, a contadora cria meios de interação para serem transmitidos pelo canal do Youtube com suavidade, ternura e delicadeza, como a apresentação feita a partir dos 08s: “Eu me chamo Rosane Castro, sou escritora e contadora de histórias. Moro no Rio Grande do Sul. E a história que eu trouxe para compartilhar com todos é a *Ilha dos Sentimentos*” (Castro, 2021b).

Ao final da contação, a partir dos 4min40s, oportuniza uma reflexão, enfatizando “Que o tempo, o tempo, ele é precioso e nós podemos guardá-lo nessa caixinha de joias chamada memória [...]” (Castro, 2021b). Ainda, o espectador pode fazer a própria caixinha com qualquer material que possuir em casa, valorizando a representação que foi dada, tendo como base a narrativa da história contada.

Quanto à atuação (Figura 41), Rosane apresenta-se sentada no decorrer de toda a história. Em 2min35s, ela está com as mãos abertas, como pode ser notado, remetendo a uma sensação de calma e tranquilidade. A contadora utiliza simultaneamente a articulação dos movimentos das mãos com as gesticulações de seu rosto, conforme visto aos 2min38s, em que o rosto demonstra mobilidade de boca e de olhos e, ao mesmo tempo, as mãos também estão em movimento com dedos em diferentes posições.



Figura 41: Atuação na contação *A ilha dos sentimentos*



Tempo 00:02:35



Tempo 00:02:38

Fonte: Castro (2021b).

Nessa contação, Rosane apresenta diferentes expressões faciais em distintos momentos, como: olhos arregalados, aos 51s, para poder expressar que os sentimentos se apressaram para sair da ilha; sobrancelhas arqueadas, no 1min43s, para criar tensão no momento em que o amor pede ajuda à vaidade; presença de sorrisos para transmitir o quanto é preciso ter esperança, aos 5min20s, e uma reflexão acerca do tempo, mantendo o sorriso largo, aos 5min33s (Figura 42). Além disso, comunica-se com naturalidade, boa dicção e com variações na voz em tons mais altos e mais baixos, de acordo com os acontecimentos encadeados pelo enredo.

Figura 42: Expressões corporais na contação *A ilha dos sentimentos*



Tempo 00:00:51



Tempo 00:01:43



Tempo 00:05:20



Tempo 00:05:33

Fonte: Castro (2021b).

O figurino (Figura 43) está composto por um vestido marrom com detalhes em branco e preto na região frontal do corpo, combinando com o par de brincos de pérolas e a presilha do cabelo, remetendo à neutralidade. O figurino não tem nenhum elo com o teor da narrativa. O brinco de pérolas usado por Rosane pode ser remetido ao uso da caixinha de joias que, além de ser útil para guardar este objeto, de modo figurado, serve também para guardar memórias.

Figura 43: Detalhes do figurino na contação *A ilha dos sentimentos*



Tempo 00:01:31

Fonte: Castro (2021b).

Neste âmbito do cenário, destaca-se a presença de uma estante em tom escuro ao fundo, repleta por livros, um sofá com almofadas de diferentes cores e um pedaço de pano estampado caramelo com detalhes em vermelho. Essa composição visual lembra a sala de estar de uma casa, espaço onde se reúne a família, parentes e amigos para conversas ou afins. Torna-se um ambiente aconchegante e convidativo para a troca de experiências literárias.

Sobre a gravação, observa-se que houve cortes de imagens em diversos momentos, como aos 23s, contudo, não interferindo na qualidade da apresentação. Além disso, a câmera está posicionada próxima à contadora, permitindo a visualização dos membros superiores do corpo. Quanto ao áudio, funciona de forma adequada, sem qualquer existência de ruídos. A luz da câmera, em conjunto com a do ambiente, oscila (Figura 44), como pode ser notado entre 2min38s, com mais claridade, e a 2min39s, mais ofuscada.



Figura 44: Detalhes da gravação da contação *A ilha dos sentimentos*



Fonte: Castro (2021b).

No vídeo, percebe-se sincronia entre som e imagem, com destaque ao momento da abertura, em que aparece uma vinheta com fundo musical como forma de divulgação do canal, conforme visto aos 2s. Essa vinheta de introdução do vídeo (Figura 45) contém manchas coloridas, o nome em letras cursivas, o pedido para inscrever-se no canal e a imagem da contadora com a flor no cabelo, sendo a mesma fotografia utilizada na abertura do canal em formato redondo, como já exposta na Figura 26.

Figura 45: Vinheta do canal da contadora Rosane Castro com manchas coloridas



Tempo 00:00:02  
Fonte: Castro (2021b).

A história retrata uma metáfora de como o indivíduo está preocupado com questões sem importância, deixando de lado hábitos simples ou até mesmo a ajuda ao próximo. Todos os personagens foram egoístas ao negar ajuda ao amor, que se afogava, inventando diferentes desculpas, e, nesse aspecto, a história propõe uma reflexão para que se dê valor ao que verdadeiramente importa, especialmente em prejuízo de objetos materiais.

Nesse vídeo, verificam-se quatro comentários. No primeiro deles, a interlocutora traz uma escrita do quanto faz bem ouvir Rosane, pois a contadora oportuniza que o espectador

adentre no universo da ludicidade, como se fizesse parte do enredo, e reflita, em seus pensamentos, o entendimento sobre tais fatos, que, nesse caso, são sobre o tempo, além de agradecê-la pela postagem na plataforma. O segundo comentário expressa o sentimento de estima à contadora. O terceiro e quarto são direcionados a um emoji em formato de coração, como forma de representar a própria emoção.

O **quinto vídeo**, com duração de quatro minutos e dezenove segundos, refere-se à contação de *A caixa de Pandora* (Autor desconhecido *apud* Castro, 2021a). O enredo aborda que, em tempos antigos, vivia-se sem envelhecer, sofrer e cansar. Porém, o personagem Prometeu roubou o fogo, ao qual somente os deuses tinham acesso, e o rei jurou vingança, criando a primeira mulher, chamada de Pandora. Todos os deuses entregaram a ela uma característica, como beleza, sedução e labores femininos. Pandora casou-se e trazia consigo um presente dado pelo pai dos deuses: uma caixa que era proibido abrir. Mas Pandora não resistiu e levantou a tampa da caixa, deixando escapar os males que assolam o mundo, como: doenças, guerra, velhice entre outros. Assustada com tal situação, tentou fechar a tampa o mais rápido possível, ficando na caixa apenas um sentimento, “[...] era a esperança e é por isso que se diz que a esperança é a última que morre” (Castro, 2021a, 3min57s).

A narrativa pode ser associada com a infância, sendo um dos mitos mais conhecidos da mitologia grega. A história tem sido interpretada de várias maneiras ao longo dos anos. Ocorre de forma frequente ser usado como uma alegoria para a condição humana, mostrando como a curiosidade e a busca por conhecimento podem ter resultados imprevisíveis. Assim como o mito tem esse efeito de influenciar e moldar comportamentos, o ato de contar uma história, um conto, uma fábula também fomentam a imaginação.

A análise deste vídeo mostra que a contação da história ocorre sem a utilização de imagens. Nesse caso, a contadora baseia-se exclusivamente na oralidade e na habilidade de transmitir a história de forma clara. Torna-se uma experiência desafiadora, mas também consegue ser envolvente, emocionante, criando uma atmosfera imersiva para o espectador, que pode ser encorajado a usar a imaginação para visualizar a história.

Rosane conecta-se com o espectador por meio do olhar, da empatia, do sorriso que o atrai para a magia e o encantamento da história. De início, a contadora faz questão de se apresentar, aos 16s, dizendo: “Olá, bem-vindos ao canal. Eu me chamo Rosane Castro, sou escritora, também sou contadora de histórias e estou muito contente em estar aqui para compartilhar com vocês um mito de origem grega [...]” (Castro, 2021a).

De acordo com a Figura 46, aos 19s, aparece o nome da contadora na tela e, aos 31s, o nome da narrativa a ser contada. Na sequência, aos 39s, Rosane conta 1, 2, 3 com apoio de

efeito sonoro e começa a narrar a história. No final da gravação, a contadora faz um pedido especial ao espectador para inscrever-se em seu canal do Youtube, como visto aos 4min07s, em prol de aumentar o número de inscritos na plataforma. Enfatiza-se que esse tipo de convite, que ocorre no final do vídeo publicado no canal, é usual de outras personalidades de destaque no Youtube.

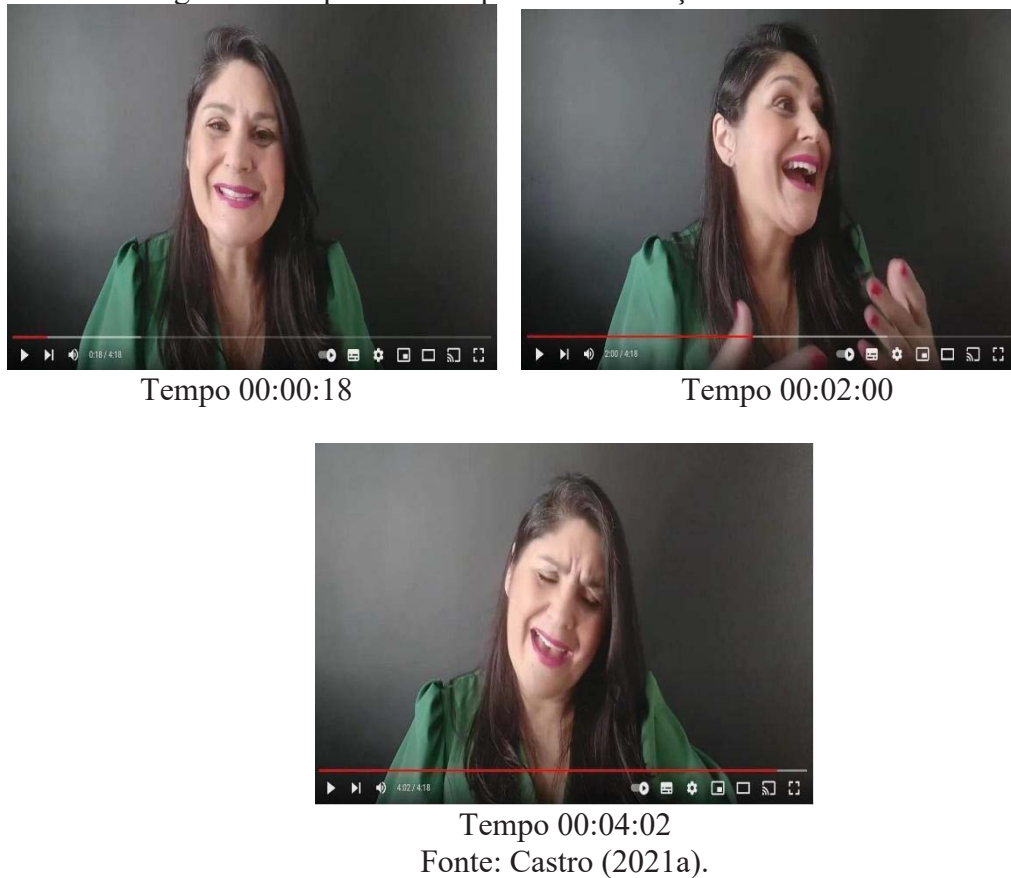
Figura 46: Escritas na tela da contação *A caixa de Pandora*



Fonte: Castro (2021a).

Quanto à atuação (Figura 47), Rosane permanece em pé durante toda a contação, destacando sua presença no vídeo. Essa posição traz uma sensação de maior proximidade com quem está do outro lado da tela. A contadora sorri aos 18s, utiliza com frequência os movimentos das mãos como forma complementar de o que está sendo narrado verbalmente, em conjunto com suas expressões faciais, conforme notado em diferentes momentos da narrativa, como, por exemplo, aos 2min. Inclusive, apresenta as sobrancelhas franzidas aos 4min02s ao referir que a esperança é a última que morre. Comunica-se com naturalidade, alterando o tom da voz, quando a situação do enredo exige.

Figura 47: Expressões corporais na contação *A caixa de Pandora*



Quanto ao figurino, compõe-se de um vestido verde. Tradicionalmente, essa cor representa calma e segurança. Além disso, observa-se que não há nenhuma outra associação do que Rosane usa com o enredo da história apresentada. Com relação ao cenário, há apenas uma parede preta no fundo. Observa-se, com a ausência de objetos, que a proposta da contadora não é entregar um cenário pronto, mas que o espectador use a ludicidade para inventar o próprio cenário mental na medida que a história está sendo contada. O espectador pode imaginar, por exemplo, no cenário, a caixa de Pandora, elemento fundamental da narrativa.

Referente à gravação, sexto elemento elencado para a análise dos vídeos, percebe-se que o posicionamento da câmera permite apenas visualizar a parte superior dos membros do corpo da contadora. Com relação ao áudio, não apresenta nenhum problema ou ruído, tendo clareza para o espectador. A luminosidade da gravação encontra-se apropriada, oferecendo conforto para a visualização de quem assiste. Ademais, a edição do vídeo apresenta-se com cortes no percurso da contação, conforme visto, por exemplo, aos 46s.

Identifica-se que, dos cinco vídeos analisados, este é o único que apresenta esse tipo de arte (Figura 48), posta a partir do 1s, que corresponde à vinheta inicial. Verifica-se que desperta a atenção e a curiosidade do espectador, por conter uma contagem regressiva a começar do

número 5, trilha sonora e imagens, como a foto da contadora, de uma televisão e de uma garrafa com flor, com o intuito de criar uma atmosfera mais envolvente.

Figura 48: Vinheta inicial da contação *A caixa de Pandora*



Tempo 00:00:01

Fonte: Castro (2021a).

Diante da análise desse vídeo, ressalta-se que o mito é considerado uma metáfora que traz um ensinamento acerca dos resultados imprevisíveis das ações e das escolhas feitas por cada indivíduo. Além de tratar acerca da esperança diante dos obstáculos, adverte também sobre a curiosidade excessiva e a necessidade de respeitar as repreensões e os limites impostos no decorrer da vida.

Apesar de todos os males que existiam dentro da caixa de Pandora, havia algo de positivo dentro dela, a esperança, e é isso que move as pessoas a seguirem em frente. Nesse vídeo, verifica-se apenas um comentário, em que a interlocutora elogia a contadora pela leveza, alegria e sorriso contagiante que incentiva o espectador a sorrir também e ainda lhe agradece pela atuação no decorrer da narrativa. Observa-se, no comentário, o quanto a interlocutora gostou do vídeo postado, servindo como forma de incentivo para Rosane continuar realizando seu papel de contadora de história.

Com relação aos cinco vídeos de Rosane analisados, verifica-se que a contadora privilegia narrativas literárias para partilhar e ainda, ao apresentá-las, tenta manter o foco nos elementos intrínsecos ao enredo, abstendo-se de fazer comentários ou encaminhamentos que levem a sobrepor às obras um viés pedagogizante. A contação mostra-se como um momento divertido e aberto para acolher as vivências do espectador. Tal postura vai ao encontro do que estudiosos da literatura e da mediação cultural apontam.

Sobre o modo de apresentar os vídeos, apenas três narrativas contêm vinheta: *A menina que colecionava estrelas* (Caetano *apud* Castro, 2021c), *A ilha dos sentimentos* (Hérmendez *apud* Castro; Moura, 2021b), e *A caixa de Pandora* (Autor desconhecido *apud* Castro, 2021a).

As vinhetas são diferentes, contendo trilha sonora e ajudando a criar uma identidade visual da contadora e também introduzem o conteúdo literário no canal. Rosane inova com o uso desse recurso, tendo um diferencial no resultado final do canal, que contribui para envolver a atenção do espectador.

Nos cinco vídeos de Rosane, percebe-se que em nenhuma das histórias foram utilizadas imagens da obra, nem foi mostrada capa ou outro elemento que remeta ao objeto livro. A contadora optou pelo enfoque da narrativa oral e memorizada, utilizando a voz e a habilidade em contar.

Em todas as contações, Rosane deixou claro seu interesse em manter-se conectada com o espectador, através do olhar e do sorriso, além de oportunizar momentos cheios de ludicidade. Nas histórias, por exemplo: *A menina que colecionava estrelas* (Caetano *apud* Castro, 2021c), *A mulher árvore* (Hérmendez *apud* Castro; Moura, 2021b) e *A ilha dos sentimentos* (Câmara *apud* Castro, 2021b), a contadora provoca reflexão, com o propósito de envolver e deixar uma mensagem para o espectador dentro do contexto do que está sendo tratado.

Na narrativa *A aranha e o buraco da fechadura* (Vinci *apud* Castro; Moura, 2021a), a contadora utiliza uma cantiga como forma de atrair a atenção do espectador. Nas histórias *A mulher árvore* (Hérmendez *apud* Castro; Moura, 2021b), *A ilha dos sentimentos* (Câmara *apud* Castro, 2021b) e *A caixa de Pandora* (Autor desconhecido *apud* Castro, 2021a) faz uso da própria apresentação pessoal. Em todos esses momentos, percebe-se o quanto a contadora incentiva o espectador a querer participar, tornando a contação uma experiência ativa e envolvente.

A atuação de Rosane, em todas as narrativas, acontece a partir da utilização de diferentes expressões faciais e de gestos corporais com o intuito de transmitir emoções, destacar pontos relevantes, reforçar a oralidade e atrair a atenção do público, propiciando momentos mais vívidos e cativantes. Conforme Girardello (2014, p. 38), a atuação se constrói através de “[...] quem conta faz um pacto com quem ouve, dando-lhe a mão, instalando-o em um tapete voador e levando-o junto em uma viagem de alegria dramática”.

Rosane Castro executa variações na entonação da voz, alterando o ritmo, o tom e o altura de acordo com a história, contribuindo para criar diferentes atmosferas, que dão enriquecimento à narrativa. Sobre esse ponto, lembra-se de Zumthor (2007, p. 32), por entender que “[...] a performance, de qualquer jeito, modifica o conhecimento”. Sendo assim, além de ser uma forma de comunicação para interagir com o espectador, a performance torna-se uma marca da contadora.



Ainda sobre a performance, Sisto (2012), argumenta que o contador deve ter o domínio do tripé da história, composto pelo texto, pelo corpo e pela voz. Com a aquisição desses três elementos, a atuação do contador torna-se prazerosa, criando uma atmosfera de interação e conexão com quem está assistindo.

Referente ao figurino, a contadora utilizou esse recurso na contação de *A menina que colecionava estrelas* (Caetano *apud* Castro, 2021c), com a vestimenta colorida; no conto *A mulher árvore* (Hérmendez *apud* Castro; Moura, 2021b), Rosane usou como adereço um lenço em torno da cabeça e nos ombros e, por fim, na narrativa *A aranha e o buraco da fechadura* (Vinci *apud* Castro; Moura, 2021a), a contadora colocou uma flor no cabelo, o que é uma característica pessoal. A utilização do figurino auxilia para complementar a contação, dando um efeito enriquecedor de ludicidade, que pode aproximar ainda mais o espectador com o enredo contado.

Com relação ao cenário, observa-se apenas a presença de uma parede para as seguintes narrativas: *A mulher árvore* (Hérmendez *apud* Castro; Moura, 2021b), *A aranha e o buraco da fechadura* (Vinci *apud* Castro; Moura, 2021a) e *a Caixa de Pandora* (Autor desconhecido *apud* Castro, 2021a). No vídeo *A menina que colecionava estrelas* (Caetano *apud* Castro, 2021c), tem-se uma estante com livros, e em *A ilha dos sentimentos* (Câmara *apud* Castro, 2021b), há uma sala composta por um sofá e também por uma estante com livros. A presença de cenário contribui para despertar sensações, sentimentos e curiosidade, criando um ambiente que pode transportar o espectador para o universo da história de forma mais imersa.

No tocante à gravação, em todos os vídeos de Rosane analisados, o som estava apropriado. Quanto à luminosidade, nas narrativas *A mulher árvore* (Hérmendez *apud* Castro; Moura, 2021b) e *A aranha e o buraco da fechadura* (Vinci *apud* Castro; Moura, 2021a), há reflexo da imagem da contadora na parede ao fundo, e, na contação de *A ilha dos sentimentos* (Câmara *apud* Castro, 2021b), houve oscilação da luz, mas isso não prejudicou a continuidade do vídeo. Acerca da edição, identificou-se a presença de cortes de imagens nos cinco vídeos, como forma de passagem para outro momento da contação, porém, essa estratégia também não alterou de nenhuma forma o contexto literário. Salienta-se que o vídeo editado contribui para melhorar a qualidade, a duração e o conteúdo, ajudando a manter o espectador mais engajado e interessado pelo teor da contação de história.

Quanto a Rosane Castro, a **mediação** também se fez presente em todos os vídeos selecionados, por exemplo, em *A menina que coleciona estrelas* (Caetano *apud* Castro, 2021c), a partir dos 02s, a vinheta apresenta uma vontade da contadora: “Desejo um ótimo ano letivo aos alunos, pais, professores e funcionários”; na contação de *A mulher árvore* (Hérmendez *apud*

Castro; Moura, 2021b), aos 6min04s, Rosane provoca uma reflexão acerca da figura feminina, associada com a natureza; em *A aranha e o buraco da fechadura* (Vinci *apud* Castro; Moura, 2021a), a contadora apresenta uma frase direcionada ao espectador: “Quer ter um ataque de fofura”?; para a contação da história de *A ilha dos sentimentos* (Câmara *apud* Castro, 2021b), aos 4min40s, Rosane oportuniza uma reflexão sobre a preciosidade do tempo; e, por fim, em *A caixa de Pandora* (Autor desconhecido *apud* Castro, 2021a), aos 4min07s, a contadora dirige-se ao espectador convidando-o para inscrever-se no canal. Diante desses exemplos, verifica-se que Rosane também se propõe a interagir com o espectador, criando esse encontro com a obra literária, que proporciona uma experiência enriquecedora.

Diante do exposto, ressalta-se que este capítulo expôs a análise de dez vídeos de contação de histórias das contadoras Milene Barazzetti e Rosane Castro na plataforma do Youtube, identificando os comentários postados pelos interlocutores e, por fim, observando a forma como é feita a mediação de leitura literária. Sabe-se que a análise de vídeos de contação de história no Youtube pode ter variados propósitos, porém, nesta pesquisa, buscaram-se descrever elementos selecionados, para chegar, ao final, à abordagem dos comentários e à temática da mediação.

Ademais, foi possível verificar que os comentários postados teceram elogios às contadoras, no que diz respeito a suas atuações e ao enredo das narrativas, servindo como modo de incentivo e também de agradecimento por compartilharem contação de história, principalmente em um período pandêmico, em que tanto se necessitava ter acesso a diferentes formas de entretenimento. E, por fim, o enlace feito pelas contadoras entre o espectador e a narrativa oportuniza momentos de mediação, promovendo, então, o interesse pelo universo literário.

## 5 CONCLUSÃO

A finalização de uma pesquisa propõe uma proposta de fechamento do caminho percorrido. Dessa forma, considerando o marco principal da investigação em torno da contação de histórias no que tange à formação de contadoras e do estudo de vídeos de contação gerados por duas contadoras, nesta etapa, buscou-se retomar pontos destacados e sistematizá-los. Os resultados sobressaíram-se a partir de entrevista episódica e de vídeos publicados nos canais de Youtube das contadoras: Milene Barazzetti e Rosane Castro.

Na introdução, foram expostos os motivos pelos quais se chegou ao objeto de estudo - contação de história - e a justificativa para a escolha desse tema. No capítulo 2, *Mediação de leitura literária*, abordou-se a questão conceitual sobre mediação e as diferentes formas de ocorrência, considerando indicações teóricas que tratam do ato de mediar associado à literatura, da promoção da arte literária em tempos de pandemia e da conceituação de literatura, narrativa e literatura infantil.

Em *Mediação de literatura: contação de histórias*, capítulo 3, o foco recaiu sobre os atos de dizer e contar bem como no destaque acerca da contação de história no Rio Grande do Sul e na plataforma do Youtube, além de trazer para discussão as entrevistas realizadas com as duas contadoras. A entrevista episódica foi organizada por tópicos para otimizar a construção dos dados. O quarto capítulo, *Mediação de leitura literária no Youtube*, registrou a descrição de dez vídeos com abordagem voltada à contação de histórias. Esse material de investigação está veiculado na plataforma do Youtube, nos canais de Milene Barazzetti e de Rosane Castro, sendo objeto de estudo nesta dissertação.

Referente ao percurso investigativo, com a atribuição de responder ao problema de pesquisa: “como ocorre a mediação de leitura literária no Youtube?”, verificou-se, com base na descrição e na análise dos vídeos, que a contação de histórias feita pelas duas contadoras em seus canais acontece de forma semelhante, oportunizando enlances entre o material literário escolhido para contar e alguns pontos de interação com o espectador.

A partir das entrevistas, apontou-se a formação, a vida profissional e a rotina de trabalho das entrevistadas, registrando a programação para cada demanda cultural. Acerca da contação de história em sua infância, as contadoras entendem-na como um alicerce em torno de reconhecimento de sentimentos e de significados que auxiliam no desenvolvimento pleno do ser humano. Quanto ao processo criativo de contação de história, as contadoras revelaram que também tem o interesse de contar e escrever histórias voltadas ao público infantil. Nesse sentido, as contadoras relataram que encontram dificuldades não só na carreira de contação,

mas, principalmente, no que diz respeito à produção de materiais autorais, como a publicação de obras.

As contadoras estão envolvidas com a produção do material disponibilizado em seus canais. Em cada um dos vídeos, observa-se o emprego de estratégias para deixar o momento de contação mais atrativo para o espectador. Nesse sentido, destacam-se movimentos corporais, expressões faciais e entonação, como recursos para chamar a atenção e deixar a apresentação da história mais interessante.

Salienta-se que a mediação de leitura, em alguns vídeos, está mais evidente, trazendo uma possível vivência literária para os espectadores. Contudo, se a mediação literária é entendida como uma ação que apoia o leitor ou espectador (neste caso) no entendimento do objeto artístico em questão, aponta-se que, por vezes, na apresentação das narrativas, prevalece um viés diretivo, em especial, nos vídeos construídos com *A cesta de dona Maricota* (Belinky, 1998) e *Para que serve um livro?* (Legeay, 2012). As sessões de contação que trazem essas duas obras privilegiam questões temáticas, sublinhando o cunho pedagógico. As contações, no geral, ocupam-se de apresentar as narrativas, restringindo-se aos seus enredos. A apresentação, ainda, em alguns momentos, parece direcionar-se mais ao público adulto do que a crianças, os quais se preocupam com a formação de bons hábitos alimentares e tendem a enfatizar a importância da alimentação saudável.

Destaca-se o posicionamento dos interlocutores ao escreverem comentários a partir da visualização dos vídeos. Esses registros privilegiam elogios sobre os enredos, a performance das contadoras e o material utilizado na história contada, sendo uma forma de reconhecimento pelo trabalho realizado, além de ser um incentivo para as contadoras darem continuidade a novas postagens. Nesse ponto, observou-se que as contadoras acompanham, curtem e respondem o que os interlocutores escrevem sobre os vídeos postados. Entretanto, atesta-se que não são todos os vídeos que possuem esse campo liberado para a interação dos espectadores, alguns estavam com a ferramenta de comentários desabilitada, impedindo que ocorresse interação entre contadora e público.

Os vídeos foram produzidos durante período pandêmico, quando o distanciamento social e o acesso a narrativas acentuaram-se como atividade de interação, que buscava maneiras de preencher o tempo e de se engajar mentalmente, já que houve mudanças significativas nos padrões de comportamento das pessoas. Nesse contexto e com base nos dez vídeos investigados, entende-se que a plataforma do Youtube, no período da pandemia, desempenhou função significativa no contexto cultural, pois contribuiu para a divulgação da produção de artistas, como ocorre com os vídeos das duas contadoras. De acordo com o material examinado,

identifica-se o uso de animação, de trilha sonora, de vinheta e de outros recursos visuais, para caracterizar o ato de contar, visando a enriquecer a experiência literária e cativar o espectador.

A partir do estudo dos vídeos publicados nos canais das contadoras, retoma-se o objetivo geral da dissertação, elaborada para *investigar a contação de história em canais no Youtube de duas contadoras, a fim de contribuir para os estudos sobre a mediação cultural por meio da tecnologia*. Para atender esse objetivo, buscou-se detalhar como ocorre a contação pelas contadoras em seus canais e também discutir o processo formativo de cada uma delas.

Em relação ao objetivo específico *descrever, a partir de entrevista episódica, informações sobre o percurso pessoal e profissional das contadoras*, constatou-se que Milene Barazzetti e Rosane Castro tiveram formação por meio de cursos, seminários, workshops, oficinas, leituras e práticas rotineiras acerca da contação de história. O conhecimento e a qualificação para a contação de histórias possibilitaram que as contadoras se relacionassem com outros contadores, produzissem materiais de divulgação, como ocorre com os vídeos analisados, e tenham uma carreira consolidada no cenário cultural gaúcho.

A formação complementar das contadoras transparece na utilização das ferramentas auxiliares para contar as histórias, como o uso de minialmofadas e minibaú. Essas estratégias são relevantes para tornar a prática de contação um momento planejado especialmente para o enredo de cada narrativa. Ademais, nota-se que as duas contadoras tentam envolver o espectador com carisma e empatia, somados a habilidades na expressão oral e corporal, à capacidade de interação com o espectador e ao conhecimento da narrativa. Nessa perspectiva, registra-se a apresentação de técnicas variadas, considerando a adaptabilidade ao contexto da história narrada. De modo singular, cada uma das contadoras tem performance singular na atuação.

O objetivo específico, *discutir o conceito de mediação de leitura literária*, foi tratado de modo conceitual e sustentou a discussão acerca de como os vídeos de contação apresentam os livros selecionados pelas contadoras. Assim, com base na análise sobre o *modo como as contadoras apresentam as narrativas escolhidas ao espectador*, pôde-se observar que alguns elementos, como a escolha de objetos/imagens, a posição e a postura perante a câmera, o figurino, o cenário, o planejamento e a presença de participantes são singulares em cada vídeo. Em contraponto, acerca das semelhanças entre os dez vídeos examinados, ressalta-se que as contadoras utilizaram recursos corporais, como a expressão facial, diferentes tons de voz, movimentação do corpo e gesticulação para oralizar as narrativas. No que tange aos recursos audiovisuais, ambas optam pelo uso da musicalidade, da animação e de vinhetas, deixando o material adequado para a plataforma escolhida para divulgação de sua produção cultural.

Buscou-se, nesta investigação, pensar a contação de histórias como uma estratégia de mediação da literatura. Para Hauser (1997), como foi citado nesta dissertação, a mediação contempla também a pessoa que se interpõe entre o objeto artístico e o destinatário, no caso, o espectador que assiste aos vídeos das contadoras. Cabe, no entanto, avançar nessa discussão. O mediar, no campo da literatura para crianças, contempla a formação do leitor literário e a formação pressupõe ações que ajudam o aprendiz, o leitor iniciante, o público a entender singularidades do objeto artístico em questão de modo a agir sobre esse objeto. No caso desta pesquisa, o objeto artístico seria a literatura. As contadoras selecionam livros literários, mas também não literários e os apresentam. O modo de apresentá-los, por vezes, atém-se a elementos paratextuais, como capa, ou textuais, como o enredo, os fatos do enredo. Sutilezas da linguagem literária e da simbologia intrínseca às narrativas literárias não são destacadas. Isso posto, entende-se que, ao optar por transmitir, oralizar o enredo, imprimindo uma roupagem associada ao seu estilo de contar, ocorre mediação. A mediação da literatura, aquela que se espera contribuir para a formação de leitores autônomos, com base nos vídeos analisados, não acontece.

Durante o distanciamento, no período de pandemia (2020-2021), a apresentação de livros pelo Youtube apresentou a literatura para crianças e adultos como uma possibilidade de entretenimento. Diferentemente do contar histórias em uma sala de aula, salão de festas, feira do livro, que permeia o improviso e a espontaneidade, a veiculação da narrativa na plataforma do Youtube exige tratamento do ato de contar, que ocorre a partir da gravação, para ser editado e postado. Nesse caso, a contação gravada pode ser repetida, possibilitando a edição.

Referente ao espaço para a contação de história, em respeito ao período pandêmico, as contadoras não poderiam encontrar as pessoas em eventos, então, surgiu a possibilidade de alcançá-las por intermédio da tecnologia. Assim, a atribuição de contar uma história para ser veiculado no Youtube, ferramenta de longo alcance, traz escolhas a serem feitas pelas contadoras, como que história contar e como realizar essa contação em vídeo. Sobre os elementos para uma boa história, as entrevistadas apontam que a narrativa precisa ser inteligente, criativa e provocar reações, de modo a cativar o outro. Um contador vai se fazendo a cada dia e a cada nova experiência, olhando para o passado e se sustentando em suas referências, por vezes teóricas, por vezes nos outros narradores que o antecedem. Dessa forma, as entrevistadas indicam vínculos com o antes da carreira de contadoras e dos projetos futuros, alicerçados por novas contações e ações culturais que envolvam a presença de outras artes no narrar, como a produção de livros.



Com base na análise dos vídeos, observa-se que cada contadora apresenta um modo particular de narrar histórias. Ademais, foi possível verificar a presença de originalidade e de criatividade nas contações por intermédio de estilo pessoal, do engajamento com o espectador e da qualidade dos conteúdos. Com o acesso à tecnologia, as histórias chegam a muitos espectadores em diferentes lugares, contribuindo para a propagação das narrativas contadas.

Em futuras pesquisas, é possível aprofundar o tema, incluindo, por exemplo, o olhar das crianças acerca das histórias veiculadas pelo Youtube. Ainda que as narrativas escritas sejam fundamentais, a literatura só cumpre seu papel quando chega ao destino final. Nesse caso, a literatura é transmitida pelas contadoras e, assim, aspectos do enredo chegam ao espectador situado em outro espaço, mas ligado à ficção pela tecnologia. A contação é uma estratégia de apresentar a literatura, mas a leitura do livro físico, como uma experiência estética, é o que se deseja no processo de formação do leitor literário.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 5. ed. São Paulo: Scipione, 2006.
- ANDERSEN, Hans Christian. **A princesa e a ervilha**. Rio de Janeiro: Expresso Zahar, 2010.
- ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução: Ana Maria Valente. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.
- BAJARD, Elie. **Ler e dizer: compreensão e comunicação do texto escrito**. São Paulo: Cortez, 1994.
- BARAZZETTI, Milene. **A Cesta da Dona Maricota**. Youtube, 05 mar. 2021a. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FHhgB3QvXcI>. Acesso em: 20 out. 2022.
- BARAZZETTI, Milene. **A Princesa e a Ervilha (Dia Internacional do Livro Infantil)**. Youtube, 2 abr. 2021b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ErH1-BkvPwQ>. Acesso em: 20 out. 2022.
- BARAZZETTI, Milene. **Caixinha de guardar o tempo**. Youtube, 11 jul. 2021c. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Jp24RKPwceE>. Acesso em: 22 out. 2022.
- BARAZZETTI, Milene. **O Monstro das Cores**. Youtube, 18 mai. 2021d. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6vC-UkXPABY>. Acesso em: 15 out. 2022.
- BARAZZETTI, Milene. **Para que serve um livro?** Youtube, 12 abr. 2021e. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Lo0q6JGQ0EQ>. Acesso em: 10 out. 2022.
- BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com o texto, imagem e som**. Tradução: Pedrinho Arcides Guareschi. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- BELINKY, Tatiana. **A cesta de dona Maricota**. 14. ed. São Paulo: Paulinas, 1998.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BERTUSSI, Lisana. **As estórias do seu Arquimino**. Caxias do Sul: Educs, 1991.
- BERTUSSI, Lisana. **Causos do boi voador**. 1. ed. Caxias do Sul: Educs, 1995.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. São Paulo: Paz e Terra, 2009.
- BOAL, Augusto. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- BUSATTO, Cléo. **A arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar:** pequenos segredos da narrativa. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos.** 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.

CASTRILLÓN, Silvia. **O direito de ler e de escrever.** Tradução: Marcos Bagno. 1. ed. São Paulo: Pulo do Gato, 2011.

CASTRO, Rosane. **A caixa de Pandora.** Youtube, 29 jul. 2021a. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=V8VTAmNHQ8E>. Acesso em: 10 out. 2022.

CASTRO, Rosane. **A ilha dos sentimentos.** Youtube, 22 jan. 2021b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1YbKG6O0Sm0>. Acesso em: 6 out. 2022.

CASTRO, Rosane. **A menina que colecionava estrelas.** Youtube, 15 mar. 2021c. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9ZWdEV1ZKeo>. Acesso em: 5 out. 2022.

CASTRO, Rosane; MOURA, Roberta. **A aranha e o buraco da fechadura.** Youtube, 13 mar. 2021a. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=Ji\\_T6Bgez3U](https://www.youtube.com/watch?v=Ji_T6Bgez3U). Acesso em: 1 out. 2022.

CASTRO, Rosane; MOURA, Roberta. **A mulher árvore.** Youtube, 08 mar. 2021b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1nq-O5u1Has>. Acesso em: 2 out. 2022.

CAVALCANTI, Joana. **Caminhos da literatura infantil e juvenil:** dinâmicas e vivências na ação pedagógica. São Paulo: Paulus, 2002.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil:** teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.

FAILLA, Zoara (Org.). **Retratos da Leitura no Brasil 5.** 1. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2021. 328p. Disponível em: <https://www.prolivro.org.br/5a-edicao-de-retratos-da-leitura-no-brasil-2/a-pesquisa-5a-edicao/>. Acesso em: 25 dez. 2023.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa.** Tradução: Sandra Netz. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa.** In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Orgs.). Tradução: Pedrinho Guareschi. 13. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

GIRARDELLO, Gilka. **Uma clareira no bosque:** contar histórias na escola. Campinas: Papirus, 2014.

GÓES, Maria Cecília Rafael; SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. (Orgs.) **A significação nos espaços educacionais:** interação social e subjetivação. Campinas: Papirus, 1997.

GOULART, Ilsa do Carmo Vieira; FERREIRA, Sarah Cristina Costa. Leitura em ambiente digital: contribuições do aplicativo “Bamboleio” em contexto remoto. **Ensino em Re-**

Vista, [S. l.], v. 29, n. Contínua, p. e040, 2022. DOI: 10.14393/ER-v29a2022-40. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/emrevista/article/view/66805>. Acesso em: 9 jan. 2024.

HAUSER, Arnold. **Sociología del arte**. Madrid: Guadarrama, 1977.

HERNANDEZ, Márcia Maria Strazzacappa. **De quantas formas posso contar uma mesma história?** (Ou a experiência de criar um canal no Youtube). 2018. Disponível em: <https://www-periodicos-capes-gov-br.ezl.periodicos.capes.gov.br/index.php/buscaador-primo.html>. Acesso em: 05 mar. 2022.

KIRCHOF, Edgar Roberto; SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. Contação de história: uma análise da escolha de histórias em um recorte de experiências gaúchas. **Conjectura**, Caxias do Sul, v. 14, n. 2, maio/ago. 2009.

KUPIEC, Anne; NEITZEL, Adair de Aguiar; CARVALHO, Carla. A mediação cultural e o processo de humanização do homem. **Antares: Letras e Humanidades**, Caxias do Sul, v. 6, n. 11, p. 163-177, 2014. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/antares/article/view/2565>. Acesso em: 10 jun. 2023.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: histórias e histórias**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2007.

LEGEAY, Chloé. **Para que serve um livro?** 1. ed. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

LLENAS, Anna. **O monstro das cores**. 1. ed. Belo Horizonte: Aletria, 2018.

MENEZES, Jaileila de Araújo; BOTELHO, Sírnia Silva; SILVA, Roseane Amorin da; SANTOS, Antônio César de Holanda; LEÃO, Daniela Sales de Souza; CANALES, Victoria Feijó; SILVA, Helen Leonardo da; SILVA, Ítala Nathália Ferreira da; SANTOS, Bruno Vieira dos. A contação de histórias no Instagram como tecnologia leve em tempos pesados de pandemia. **Psicologia & Sociedade**, v. 32, p. e020012, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/tvYzGZyN7SrBFNWzySWtcPv/?lang=pt>. Acesso em: 05 mar. 2022.

NEITZEL, Adair de Aguiar; CARVALHO, Carla. A movência do leitor na leitura do literário. **Raído**, [S. l.], v. 8, n. 17, p. 15–28, 2014. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/view/3364>. Acesso em: 18 jun. 2023.

NEITZEL, Adair de Aguiar; RAMOS, Flávia Brocchetto. A leitura do literário como experiência artística e estética. In: BRACCHI, Daniela Nery; CARVALHO, Mário de Faria; PAIVA, André Luiz dos Santos. **Estéticas dissidentes e educação**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022. Disponível em: <https://www.pimentacultural.com/livro/esteticas-dissidentes>. Acesso em: 10 abr. 2023.

OLIVEIRA, Rui de. Breve histórico da ilustração no livro infantil e juvenil. In: OLIVEIRA, Ieda de (Org.). **O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil: com a palavra, o ilustrador**. São Paulo: DCL, 2008.

OLIVEIRA, Rui de. O Brasil pela imagem: a ilustração de livros e o passado colonial. *In*: SERRA, Elizabeth (Org.) **A arte de ilustrar livros para crianças e jovens no Brasil**. Rio de Janeiro: FNLIJ, 2013.

PATRINI, Maria de Lourdes. **A renovação do conto**: emergência de uma prática oral. São Paulo: Cortez, 2005.

PETIT, Michèle. **Ler o mundo**: experiências de transmissão cultural nos dias de hoje. Tradução: Julia Vidile. São Paulo: Editora 34, 2019.

RAMOS, Flávia Brocchetto. **Literatura infantil**: de ponto a ponto. Curitiba: CRV, 2010.

RAMOS, Flávia Brocchetto; PANOZZO, Neiva Senaide Petry. **Mergulhos de leitura**: a compreensão leitora da literatura infantil. Caxias do Sul: Educs, 2015. Disponível em: <https://www.ucs.br/educs/livro/mergulhos-de-leitura-a-compreensao-leitora-da-literatura-infantil/>. Acesso em: 15 ago. 2023.

RAMOS, Flávia Brocchetto; RELA, Eliana. A infância na narrativa infantil brasileira: de Mário a Raquel. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v.13, n. 4, p. 1742-1758, 2018. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/11152>. Acesso em: 15 jul. 2023.

ROCHA, Vivian Munhoz. **Aprender pela arte a arte de narrar**: educação estética e artística na formação de contadores de história. 2010. Tese (Doutorado em Teoria, Ensino e Aprendizagem) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

RODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira. **Cultura, arte e contação de histórias**. Goiânia: Seduc Go, 2005.

ROSCOE, Alessandra. **Caixinha de guardar o tempo**. São Paulo: Biruta, 2012.

SANDRONI, Laura. Um pouco de história sobre a ilustração de livros para crianças no Brasil. *In*: SERRA, Elizabeth. (Org.) **A arte de ilustrar livros para crianças e jovens no Brasil**. Rio de Janeiro: FNLIJ, 2013.

SISTO, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias**. 3. ed. Belo Horizonte: Aletria, 2012.

TAHAN, Malba. **A arte de ler e contar histórias**. 5. ed. Rio de Janeiro: Conquista, 1966.

VASCONCELOS, Roger Andrei de Castro. **Contação de histórias na perspectiva de professoras contadoras**: possibilidades de atuação. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/3755> Acesso em 28 mai. 2023.

VASCONCELOS, Roger Andrei de Castro. **A potência estética e humanizadora do contador de histórias**. 2023. Tese (Doutorado em Educação) — Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul, 2023.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Imaginação e criação na infância**. Tradução: Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009.

YUNES, Eliana. A arte de contar história e as práticas de leitura. *In*: GOMES, Lenice; MORAES, Fabiano. **A arte de encantar**: o contador de histórias contemporâneo e seus olhares. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

YUNES, Eliana; OSWALD, Maria Luiza. **A experiência da leitura**. São Paulo: Loyola, 2003.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1991.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 11. ed. São Paulo: Global, 2003.

ZILBERMAN, Regina.; SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Literatura e pedagogia**: ponto & contraponto. 2. ed. São Paulo: Global; Campinas: ALD- Associação de Leitura de Brasil, 2008.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. Tradução: Jerusa Pires Ferreira, Suely Fenerich. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2007.